



Claudia Almada Gavina da Cruz

**HISTÓRIA É O QUE MAIS TEM
Narrativas e a construção discursiva
das identidades de obesidade**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Liliana Cabral Bastos



Claudia Almada Gavina da Cruz

**HISTÓRIA É O QUE MAIS TEM
Narrativas e a construção discursiva
das identidades de obesidade**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Liliana Cabral Bastos

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Liana de Andrade Biar

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria das Graças Dias Pereira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Simone Souza Monteiro

FIOCRUZ

Profa. Banca Falabella Fabrício

UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Claudia Almada Gavina da Cruz

Graduou-se em Letras (Português-Inglês) na UFRJ em 1991. Concluiu o mestrado em Linguística Aplicada na UFRJ em 2004. Coursou o Doutorado em Estudos da Linguagem na PUC Rio, tendo defendido sua tese em novembro de 2015. Participa atualmente do grupo de pesquisa NAVIS, na PUC Rio, coordenado pelas Professoras Doutoras Liliana Cabral Bastos e Liana Biar. Trabalha como professora de Inglês no Colégio Pedro II desde 1995, onde também desempenha, no momento, a função de adjunta da chefia do departamento de Anglo-germânicas.

Ficha Catalográfica

Cruz, Claudia Almada Gavina da

História é o que mais tem: narrativas e a construção discursiva das identidades de obesidade / Claudia Almada Gavina da Cruz; orientadora: Liliana Cabral Bastos. – 2015.

141 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Discurso. 3. Narrativas. 4. Identidades sociais. 5. Corpo. 6. Obesidade. 7. Estigma. 8. Inclusão social. I. Bastos, Liliana Cabral. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

Este é o ponto que fecha uma etapa. Alguns doutorandos costumam descrevê-lo como um porto onde se chega, o que evoca a ideia do conhecimento como uma jornada. Se, por um lado, a metáfora da viagem é propícia porque enfatiza os caminhos trilhados, por outro, ela opera com a noção de que o foco é a chegada em algum lugar. Assim, o destino é o tão aguardado *gran finale* do viajante e, nesse ponto, vejo uma diferença com relação ao meu percurso no doutorado.

Mais do que a chegada, o que levo comigo dessa viagem são os companheiros de percurso, aqueles que estiveram presentes no dia a dia do caminho me ajudando a transpor obstáculos, ou que me ajudaram simplesmente por estarem ali. É para essas pessoas que vai o meu mais sincero “muito obrigada”. Embora algumas delas não apareçam aqui nominalmente, há um pouco de cada uma nesse trabalho.

Primeiramente, agradeço a minha queridíssima orientadora Prof Doutora Liliana Cabral Bastos que aceitou me receber em seu grupo de pesquisa, antes mesmo que eu entrasse oficialmente no curso de doutorado. Sua generosidade em compartilhar conhecimento e seu encorajamento me ajudaram a concretizar a ideia que resultou nesse trabalho. Além disso, foi em seu grupo de pesquisa – hoje chamado NAVIS – que conheci outros tantos queridos companheiros de jornada a quem devo muitos dos insights aqui debatidos. Faz parte desse grupo, o meu amigo-irmão Leandro Cristóvão com quem compartilhei cafés, angústias, risadas, congressos...

Também agradeço aos professores dos Estudos da Linguagem pelas discussões enriquecedoras que me proporcionaram em diferentes ocasiões e, especialmente, às Prof Dotoras Maria das Graças Dias Pereira, Liana Biar e Maria do Carmo Oliveira por gentilmente aceitarem fazer parte da minha Banca Examinadora.

Como acredito que minha tese de Doutorado represente uma etapa iniciada há bastante tempo, não poderia deixar de expressar aqui meus sinceros agradecimentos ao Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da UFRJ. Lá, fiz o curso de mestrado sob orientação do estimado Prof. Doutor Luiz Paulo da Moita Lopes, cuja herança intelectual estará sempre comigo. Aproveito para agradecer à querida Prof. Doutora Branca Falabella Fabrício, também integrante desse programa, que além de contribuir para minha formação na UFRJ, aceitou fazer parte das minhas bancas da qualificação e da defesa.

Fica aqui o meu “muito obrigada” aos Prof Doutores Simone Monteiro e Paulo Gago, ambos competentes profissionais que também gentilmente aceitaram participar da Banca Examinadora dessa tese.

Também gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à Rosa (nome fictício) que me abriu sua ONG para a geração de dados e me apresentou ao grupo de pessoas cujo universo busquei aqui delinear.

Quanto aos amigos - corro aqui o sério risco de deixar alguém de fora – foram grandes companheiros de viagem os caríssimos integrantes dos grupos

“amigos para sempre”, “amigos mira”, “varandas”, as meninas do grupo de pesquisa NEPPLIN e os especialíssimos colegas do Colégio Pedro II que estiveram ao meu lado nos bons e nos maus momentos! Nesse último grupo, um particular obrigado à querida Dayse Taveira por seu incentivo quando o doutorado ainda era um plano.

E “last but not least”, meu “muitíssimo obrigada” aos meus pais, especialmente meus sogros-pais Manoel e Clarice, meus irmãos, cunhados e sobrinhos, cujo carinho e suporte foram fundamentais nesse percurso. E por falar em família, não há palavras que possam traduzir - talvez eu tivesse de escrever uma nova tese – a gratidão que sinto por aqueles que estão em casa comigo no dia a dia e que, por isso, fizeram eles também o doutorado: meu amado Gustavo, minhas queridas meninas Manuela e Beatriz e meu menino Gabriel que me deu, além de carinho, muita ajuda tecnológica.

Foram tão ilustres essas companhias de viagem que realmente seria uma pena pensar apenas no destino final. Só me resta desejar viver outras tantas jornadas tendo todos novamente comigo!

Resumo

Cruz, Claudia Almada Gavina da; Bastos, Liliana Cabral (Orientadora). **HISTÓRIA É O QUE MAIS TEM narrativas e a construção discursiva das identidades de obesidade.** Rio de Janeiro, 2015, 141p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese tem por objetivo investigar a emergência das identidades de obesidade em histórias contadas por grandes obesos que frequentam uma ONG no Rio de Janeiro para atendimento a pessoas nessa condição. Trata-se de um trabalho de inspiração etnográfica orientado pelo paradigma interpretativista de pesquisa, cujos dados foram gerados em entrevistas individuais e em grupo com pacientes da referida instituição no ano de 2013. Dentro de uma perspectiva de estudos na qual a linguagem é compreendida como co-construída, situada e constitutiva da vida social, esse estudo pretende se afastar de uma visão essencialista sobre o tema das identidades que é aqui enfocado como oriundo de interações discursivas nas quais se dão as negociações de sentido sobre quem somos/pretendemos ser. Nesse movimento de negociação, as pessoas parecem estar continuamente envolvidas em contar histórias, o que aponta para a relevância do estudo das narrativas cotidianas como oportunidade privilegiada para a compreensão da ordem social. Ao participar de uma história, os interagentes localizam-se, simultaneamente, em relação uns aos outros e a uma ordem macrodiscursiva, onde diferentes discursos a respeito do corpo estão em circulação. Conforme observado nas histórias aqui analisadas, a não adequação a um padrão corpóreo tido como ideal costuma resultar na exclusão social dos sujeitos que nele não se enquadram, o que se dá em diferentes situações cotidianas: uso de transportes públicos, relações afetivas, relações de consumo, entre outras. Entretanto, visto que as interações discursivas representam ocasiões onde os significados estão em disputa, esse estudo ressalta a importância da microinteração como espaço para a contestação de sentidos cristalizados no senso comum sobre o que significa ser obeso. Portanto, está aqui destacado o modo como os interagentes negociam suas identidades de obesidade para além do estigma. Além de contribuir para as teorizações na área do discurso, ao debater as construções identitárias via narrativas, essa investigação aponta para questões aplicadas ao tematizar as dificuldades enfrentadas por grandes obesos e sua tentativa de superá-las. Assim, essa tese pretende ser um convite a um debate multidisciplinar sobre a obesidade, ao apontar para a urgência na adoção de políticas públicas com vistas à inclusão de pessoas que precisam ter sua existência social reconhecida.

Palavras-chave

Discurso; narrativas; identidades sociais; corpo; obesidade; estigma; inclusão social.

Abstract

Cruz, Claudia Almada Gavina da; Bastos, Liliana Cabral (Advisor). **THERE ARE SO MANY STORIES narrative and the discursive construction of obesity identities.** Rio de Janeiro, 2015. 141p. Doctoral Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis aims at investigating obesity as identity in stories told by morbidly obese patients attended at an NGO in Rio de Janeiro. It consists of an ethnographic inspired study oriented by interpretive research practices that presents data from both individual and group interviews generated in 2013. As language here is understood as co-constructed, situated and constitutive of social life, this study avoids an essentialist view of social identities. Instead, it emphasizes identities as a result of discursive interactions in which people negotiate meaning about who they are/intend to be. In this process, they seem to be permanently involved in storytelling which suggests the importance of narrative studies as a way for us to understand social life. When taking part in a story, interactants position themselves in relation to each other and to a macro-discursive order where different meanings concerning the body circulate. Although those whose physical appearance does not fit into an ideal model are usually stigmatized, language interactions are considered moments when meanings are in dispute. Consequently, this study points to the importance of microinteraction, since it allows participants not only to contest taken-for-granted meanings about the body but also to negotiate obesity identities beyond stigma. Besides contributing to the area of language studies, since it focuses on identity construction in narratives, this thesis points to wider social issues when it discusses the difficulty morbid obese people face in different everyday situations, such as public transport, love and family relationships, among others. Therefore, this investigation intends to motivate multidisciplinary debates about obesity that may lead to the adoption of public policies aimed at people who should be socially included and integrated.

Keywords

Discourse; narrative; social identity; body; obesity; stigma; social inclusion.

Sumário

1. Introdução	10
2. Metodologia de pesquisa	17
2.1 A pesquisa qualitativa	17
2.2 O contexto da investigação	22
2.2.1 Considerações importantes	22
2.2.2 Rosa, sua militância e a ONG	26
2.2.3 Mais histórias dos dados: as entrevistas	30
3. Fundamentação teórica	34
3.1 Considerações gerais	34
3.2 O corpo obeso hoje	35
3.3 Obesidade e estigma	41
3.4 Discurso: diferentes perspectivas	53
4. O estudo das narrativas	60
4.1 Narrativa e interação	60
4.2 O modelo laboviano: contribuições e debates	62
4.3 Narrativas como práticas discursivas e o estudo das identidades sociais	69
5. Posicionamentos	76
5.1 Primeiros estudos	76
5.2 A operacionalização do conceito: o modelo em três níveis	83
6. Análise de dados	88
6.1 Considerações gerais	88
6.2 Escola	89
6.3 Mobilidade urbana	98
6.4 Relações afetivas	105
6.5 Consumo	113
6.6 Família	120
7. Considerações finais	126
7.1 Respondendo às questões de pesquisa	126
7.2 Uma palavra final ou o início de um debate transdisciplinar?	129
8. Referências bibliográficas	132
Anexo 1	139
Anexo 2	140

“É preciso sair da ilha para ver a ilha.
Não nos vemos se não saímos de nós.”
José Saramago

Introdução

“A obesidade, definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como índice de massa corpórea (IMC) acima de 30kg/m², é um importante desafio clínico e de saúde pública tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento e está associada a diversas comorbidades, como diabetes do tipo 2, hipertensão, doenças cardiovasculares e síndrome metabólica. Mais de 400 milhões de adultos (no mundo) estavam obesos em 2005 e mais de 700 milhões previstos para estarem obesos em 2015.”

A epígrafe que abre essa introdução ilustra a produção científica na área da saúde a respeito do tema da obesidade, objeto de estudo da presente tese de doutorado. As informações ali elencadas ressaltam a urgência de abordagem dessa questão já que a previsão em 2012, ano de publicação do artigo, era de que o número de obesos no mundo iria quase dobrar entre 2005 e 2015¹. Além disso, estão ali mencionadas doenças graves que podem levar a óbito as pessoas que apresentam um IMC² elevado. Em função de sua magnitude, é de se esperar que a obesidade esteja “na ordem do dia”, ou seja, que essa questão seja constantemente debatida - não apenas na área médica, mas também na mídia e em conversas cotidianas - por ser compreendida como um problema de saúde pública de grandes proporções. Assim, muito se fala sobre a obesidade hoje e foi justamente a profusão de discursos a respeito do tema que despertou o meu interesse acadêmico de focar essa questão sob o ponto de vista dos estudos da linguagem.

Feita essa opção, o acaso interferiu irremediavelmente a meu favor. Meu marido, cardiologista, começou a atuar junto a um grupo interdisciplinar para atendimento a grandes obesos³ num hospital universitário do Rio de Janeiro, na época em que eu finalizava minha dissertação de mestrado em Linguística Aplicada na qual investigava construções identitárias de masculinidade. Ao me relatar sobre a primeira reunião com um grupo de pacientes grandes obesos na qual esteve presente, ele me disse, enfático: “Claudinha, é um universo paralelo! Vocês ficam aí olhando as mulheres, os homens, os gays...vocês têm que ver os obesos! Ninguém fala dos obesos na sua área!”. Estava lançada a ideia dessa

¹ A OMS mantinha esta previsão até 2014. Os dados do ano de 2015 ainda não se encontram divulgados.

² Calcula-se o IMC, dividindo-se o peso do paciente por sua altura elevada ao quadrado.

³ A denominação “obeso mórbido” tem sido substituída pelo termo “grande obeso” como referência a pacientes com índice de massa corpórea (IMC) acima de 40, a fim de se evitar o uso do termo “mórbido” de forma pejorativa.

empreitada. Era preciso, então, delinear os caminhos teórico-metodológicos que me permitissem debater o assunto sem me apropriar indevidamente de uma perspectiva médica e, principalmente, optar por teorizações que me habilitassem a localizar o discurso como peça fundamental para a compreensão que eu pretendia sobre a obesidade. Nesse sentido, interessava-me observar as interações por compreendê-las como lugar onde se travam as lutas cotidianas dos significados, lutas essas que são inerentes à circulação do poder (Foucault, 1979, 2001) e que mapeiam os lugares socialmente atribuídos aos sujeitos.

Dentro dessa proposta de me afastar de uma perspectiva médica e focalizar o uso da linguagem, busquei leituras - acadêmicas e não acadêmicas - sobre o tema e uma questão fundamental foi se colocando para mim: a obesidade vem sendo abordada majoritariamente como doença a ser eliminada. Logo, indivíduos obesos são apresentados como pessoas que devem ser recuperadas “física, psicológica e socialmente” (Garrido Júnior, 2000: 257), ou seja, merecem nossos esforços para se enquadrarem num padrão corpóreo desejável. Trata-se, portanto, de uma percepção da obesidade meramente como uma alteração no funcionamento da estrutura corporal do ponto de vista biomédico. Assim, muito se fala - e se decide - sobre a pessoa obesa dentro de uma lógica que reifica e despersonaliza sua condição, mas o que ela tem a dizer sobre essa condição? Creio que aqui se encontre o ponto fulcral do meu estudo, pois foi a motivação de escutar os obesos sobre a experiência de ser obeso que me ajudou a ajustar meu foco analítico e escolher o tema das narrativas e construções identitárias como fio condutor desse trabalho.

Dentro de uma perspectiva que compreende a linguagem como lugar de construção de sentidos ao mediar a relação dos sujeitos com o mundo, diferentes estudiosos do discurso têm focalizado as narrativas como caminho para compreensão dos processos sociais nos quais estamos envolvidos. Segundo Bastos (2005), “as histórias⁴ estão nas mais diversas instâncias de nossas vidas e estudar essas histórias é uma forma de compreender a vida em sociedade”. Ao contarmos uma história, mais do que recapitular nossas experiências, como já

⁴ Embora tenha mantido o termo “estória” de modo a não alterar a citação, discordo dessa opção e uso o termo “história”, em consonância com os estudos contemporâneos sobre as narrativas.

apontava o trabalho pioneiro de Labov e Waletzky (1967), estamos nos envolvendo numa prática discursiva com múltiplos desdobramentos na nossa relação com o outro. Assim, aquilo que contamos, como contamos, quando contamos e para quem contamos orienta o modo como nos compreendemos e somos compreendidos.

Segundo Moita Lopes (2002), as narrativas são centrais para um entendimento da vida social, pois nos fornecem a oportunidade de observar como nos posicionamos em relação a diferentes situações, diferentes atores sociais e de como negociamos com o outro nossas posições. Tal perspectiva atenta para os modos como nos constituímos em processo, o que dialoga com uma tradição de estudos identitários com foco na transitoriedade e na dinâmica interacional. Em lugar de busca de uma essência própria a cada indivíduo, tais estudos ressaltam o modo como estamos continuamente negociando uns com os outros a compreensão que temos sobre nós e sobre o mundo. Daí, inclusive, decorre minha opção pela teorização dos posicionamentos discursivos (Davies e Harré, 1990; Bamberg, 1997; entre outros) como instrumento de análise de dados, visto se tratar de um construto que pretende contemplar o tema das identidades como dado discursivo e emergente em narrativas cotidianas. Ademais, comparecem aqui autores (Bauman, 1977, 1986; Pennycook, 2007, entre outros) que abordam o tema pelo viés das performances narrativas com foco no modo como certos recursos linguísticos e/ou paralinguísticos do narrador impactam nas construções identitárias dos interagentes.

A percepção sobre o modo como as identidades se configuram por meio de ações discursivas me parece dialogar com minha motivação inicial de escuta dos obesos. Nesse ponto, vale recuperar uma discussão apresentada em Langellier (2001) sobre a diferença entre a voz da medicina e a voz da vida cotidiana nas histórias sobre doenças. Baseando-se em Mishler (1984), Bell (1988), entre outros, Langellier debate o modo como os pacientes resistem a uma narrativa oficial sobre sua condição de saúde ao tomarem para si a tarefa de contar sobre ela. Nessas histórias, diferentes sentidos sobre o self e o mundo estão em disputa e é esse embate que mapeia as relações daquele sujeito com o lugar que ocupa ou pretende ocupar. Daí, a relevância das histórias daqueles a quem o discurso médico chama “doentes”, o que, foi para mim a chave para uma investigação com

foco discursivo que pretende debater a obesidade a partir do ponto de vista daqueles que a vivenciam.

É preciso destacar, entretanto, que minha opção por uma perspectiva de observação da construção daquilo que chamo de identidades de obesidade e, paralelamente, minha atitude de afastamento do discurso médico a respeito do tema não têm como objetivo a glamourização da situação do obeso. Tampouco pretendo negar que se trate de um problema de saúde pública que precisa ser seriamente abordado, uma vez que impacta na qualidade de vida de um número crescente de pessoas não apenas em termos físicos, mas envolve desconforto nas relações sociais que elas vivenciam. No intuito de debater tais percalços, recorro à teorização goffmaniana do Estigma, articulando-a a compreensões mais contemporâneas sobre o tema (Parker, 2013; Monteiro et al, 2013) que, sem desprezar os postulados iniciais de Goffman, focalizam o modo como a distribuição social do poder contribui para o lugar de estigmatizado numa interação.

Além dos temas do estigma e do poder, uma investigação sobre as histórias dos obesos certamente merece um olhar sobre a corporeidade. Longe de se tratar de um dado físico e auto-evidente, o corpo comparece nessa investigação dentro de uma perspectiva de construção histórica da noção do sujeito moderno. Para tanto, recorro à antropologia que propõe caminhos para a compreensão dessa noção (Lupton, 1998 e Le Breton, 2012), assim como historiciza o ato humano do alimentar-se ao abordá-lo em seu viés cultural (Contreras e Gracia, 2011). Creio que a discussão sobre corpo e alimentação à luz das ciências sociais seja fundamental para o que se diz sobre a obesidade porque nos faz atentar à cena macrodiscursiva para a compreensão das interações em que os obesos estão envolvidos, além de ressaltar as noções da transitoriedade e da situacionalidade dos sentidos. Tais noções são fundamentais para o que se compreende aqui sobre a circulação do discurso.

Assim, discorro sobre a natureza situada, dialógica e constitutiva da linguagem (Moita Lopes, 2001) que, por amparar uma visão das identidades sociais como co-construídas e das narrativas como ação sobre o outro, funciona como a espinha dorsal desse trabalho. Ademais, tal perspectiva desafia as noções de verdade e realidade como dados pré discursivos, o que se coaduna não apenas

com os pressupostos filosóficos que norteiam essa investigação, mas com aquilo que compreendo como meu lugar de pesquisadora. Ou seja, a percepção de que o mundo é produzido no processo de uso do discurso dialoga e sustenta meu caminho teórico-metodológico e meu olhar sobre o que deve/pode/merece ser investigado. Logo, inicio meu trabalho explicitando minha adesão ao paradigma interpretativista de pesquisa e debate sobre a natureza complexa das investigações na área das ciências sociais, nas quais se situam as pesquisas em linguagem. Tal complexidade provavelmente se deve à multiplicidade da experiência humana, o que enseja um olhar analítico, multidisciplinar e permanentemente aberto a revisões.

Isto posto, apresento aqui uma investigação interpretativista de inspiração etnográfica realizada numa ONG para atendimento a grandes obesos localizada no bairro da Penha Circular no Rio de Janeiro. Essa ONG foi fundada por uma ex obesa, submetida à cirurgia bariátrica (comumente conhecida como cirurgia de redução do estômago), em 2002, e se destina a dar apoio multidisciplinar a grandes obesos, oferecendo reuniões semanais com uma nutricionista e um profissional de educação física, ambos voluntários. Ao longo de 2013, participei de oito dessas reuniões das quais três foram gravadas em áudio, quando realizei entrevistas semi-estruturadas com foco no grupo a respeito do tema da obesidade. Também realizei oito entrevistas individuais semi-estruturadas, gravadas em áudio, com diferentes pacientes, além de duas outras entrevistas: uma delas – quando visitei a instituição pela primeira vez, em 2012 – com Rosa, a fundadora da ONG, e outra com o profissional de educação física que acompanha o grupo. Além das entrevistas em áudio, também usei diários de pesquisa e notas de campo como instrumentos de geração de dados.

Como norte em minha investigação, delimitei as seguintes questões de pesquisa:

a) Como se constroem as identidades de obesidade nas narrativas dos grandes obesos aqui observados frente a uma ordem macrodiscursiva de desprestígio e exclusão social?

b) Em que medida as interações discursivas servem/podem servir como local de resistência ao estigma da obesidade?

Segundo a tradição nas pesquisas em estudos da linguagem, foram usados nomes fictícios para os pesquisados e omitidos os nomes de instituições. Os dados foram transcritos segundo o modelo Jefferson, com adaptações (vide convenções de transcrição no anexo 1), mas nem todos os excertos analisados usam exatamente as mesmas notações, ou seja, poderá haver transcrições mais detalhadas do que outras. Isso se deve a minha opção de marcar apenas aquilo que será analisado no excerto em questão, de modo a simplificar a leitura para os pesquisadores de outras áreas e/ou leitores em geral que tenham interesse pelo tema.

Também no intuito de facilitar a leitura, forneço abaixo um breve conteúdo sobre o tema de cada capítulo na ordem em que se apresentam nessa tese:

a) capítulo 2: trata-se de uma etapa em que me ocupo de discussões metodológicas que, embora imbricadas com questões teóricas, são mais atinentes ao meu ofício de pesquisadora. Logo, estão ali explicitados minha adesão ao paradigma interpretativista, assim como debates a respeito das entrevistas de pesquisa dentro de uma perspectiva interacional. Ademais, inspirada pelo *modus operandi* etnográfico, apresento a instituição em que gerei meus dados, à luz da problematização proposta por Bloomaert (2008) acerca da noção de contexto;

b) capítulo 3: nesse momento, apresento as teorizações que embasam minha proposta de análise da obesidade sob uma perspectiva discursiva. Comparecem aqui contribuições de outras áreas - antropologia, sociologia, filosofia – para um olhar multi e transdisciplinar sobre meu tema de estudo, assim como reflexões a respeito da natureza do discurso;

c) capítulo 4: aqui me ocupo da teorização sobre as narrativas em sua interface com os estudos identitários. Inicio minhas considerações a partir do modelo Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), mas incorporo às discussões autores mais contemporâneos cuja prioridade é o entendimento das narrativas em

sua dimensão social. Daí, a percepção de que construímos a nós e ao mundo nas histórias em que nos envolvemos;

d) capítulo 5: nessa etapa, apresento o construto de posicionamento em sua proposição original, articulando-o a uma visão foucaultiana de poder no intuito de embasar minha opção por essa teorização como ferramenta produtiva de análise. Entretanto, uma reelaboração (Bamberg, 1997) do modelo inicial é aqui debatida como possibilidade de operacionalização desse modelo na análise com dados empíricos;

e) capítulo 6: trata-se do capítulo de análise de dados em que estão incluídos nove excertos divididos em cinco temas – obesos na escola, obesos e mobilidade urbana, obesos e relações afetivas, obesos e consumo, e obesos e família.

f) capítulo 7: apresento minhas considerações finais onde proponho respostas às questões de pesquisa que nortearam esse trabalho. Além disso, esboço as limitações e as contribuições dessa investigação para as teorizações sobre as interações discursivas, assim como para as discussões em geral sobre a obesidade.

2

Metodologia de pesquisa

2.1

A pesquisa qualitativa

Bastante difundida a partir dos anos 70, a pesquisa qualitativa não consiste num método único de se fazer pesquisa. Trata-se, ao contrário, de um conjunto de caminhos epistemológicos variados que têm em comum a percepção de que os procedimentos investigativos herdados das ciências naturais não se coadunam com o objeto de estudo das ciências sociais. Portanto a pesquisa qualitativa consiste em “um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar” (Lincoln e Denzin, 2006: 390), cujos praticantes são sensíveis à necessidade “de uma compreensão interpretativa da natureza humana” (idem).

Entretanto, a atenção à especificidade dos comportamentos humanos a ser contemplada pela investigação científica não é equivalente a consenso sobre os modos de fazê-lo. A concordância de que os métodos baseados em experimentação, testagem e quantificação não dão conta da multiplicidade da vida social, não elimina uma discussão persistente nos meios intelectuais em diferentes disciplinas – antropologia, psicologia entre outras – que reflete “a confusão quanto ao que constitui as metas e os meios apropriados de investigação humana” (Schwandt, 2006: 194). Embora concordando com Schwandt (2006) quanto à natureza política, e não intelectual, de algumas disputas acadêmicas sobre o poder de definir o que conta como pesquisa, acredito que grande parte dos debates se deva à natureza fugidia e mutável do objeto de estudos das ciências sociais. Assim, é a própria fluidez dos comportamentos humanos que enseja um permanente debate sobre as formas de compreendê-lo. Tal ponto de vista é apresentado em Lincoln e Denzin (2006), que apontam a complexidade do compromisso desse tipo de pesquisa, o que faz com que seus objetivos estejam sempre sendo revisitados. Ademais, esses autores afirmam tratar-se de um campo em expansão, o que definitivamente descola a pesquisa qualitativa da possibilidade de um paradigma único.

Tendo em vista a multiplicidade de fazeres investigativos nessa tradição, passo a discutir algumas propostas teóricas de natureza qualitativa que funcionaram como princípios norteadores na elaboração dessa investigação e que, certamente, informam meu olhar sobre o funcionamento discursivo num nível mais amplo. Isso se dá porque a escolha por determinado caminho investigativo não é aleatória. Ao contrário, as opções teórico-metodológicas que fazemos alimentam e são alimentadas por “crenças que se impõem não apenas em nossa pesquisa, mas em outros aspectos de nossas vidas”(Richards, 2003:33). Assim, minha atitude frente a meu objeto de estudo está imbricada com o modo como percebo as construções de verdade, realidade e identidade que se dão no mundo social por meio do discurso.

Um primeiro pressuposto do fazer qualitativo que comparece nessa investigação diz respeito à tentativa de compreensão das ações dos atores sociais. Embora essa perspectiva nos remeta à polêmica questão da intencionalidade (Schwandt, 2006), ela destaca que as atitudes, discursivas ou não, dos indivíduos são permeadas de significados – ou, contrariamente, que os significados emergem por meio dessas atitudes. Ademais, o foco na compreensão das ações ressalta necessidade de correlação entre elas e as situações em que se dão. Há, portanto, um claro afastamento das ideias de objetividade e neutralidade preconizadas pela pesquisa de orientação positivista que busca obter informações a serem abstraídas e extrapoladas para outros contextos. Consequentemente, o que se preconiza aqui é a inserção do que se faz num momento sociohistoricamente localizado, o que orienta meu esforço para situar o leitor quanto às condições em que gero meus dados. Portanto, em consonância com as discussões levantadas em Bloomaert (2008) sobre a recuperação do que ele chama “contextos esquecidos” – vide discussões adiante – tento esboçar uma “história dos dados”, como caminho para uma compreensão acerca dos participantes dessa investigação.

Dentro da perspectiva de historicizar a geração de dados, creio relevante destacar os procedimentos etnográficos como uma importante prática das investigações qualitativas. Considerada a pedra fundamental da antropologia cultural, a etnografia tem como objetivo a descrição de uma cultura a partir da perspectiva dos que vivem naquele meio. Assim, “mais do que *estudar as pessoas*, etnografia significa *aprender com essas pessoas* (grifos do autor)” (Spradley, 1980: 3), o que requer do pesquisador uma postura de ignorância a

respeito da situação que investiga (idem). Embora essa pretensão pareça utópica, por exigir do observador que se desligue dos esquemas culturais e dos significados que marcam sua socialização (Vidich e Lyman, 2006), ela ressalta uma preocupação com a busca de procedimentos de pesquisa que possam captar a riqueza e a multiplicidade da vida de um grupo social. Além disso, o pesquisador é convidado a compreender-se como participante na situação que descreve. Nesse sentido, as etnografias clássicas geralmente eram resultado de uma longa convivência entre pesquisados e pesquisador, o que era catalogado por meio de variados instrumentos de geração de dados ainda usados nas pesquisas sociais contemporâneas. Logo, a gravação de entrevistas em áudio, os diários de pesquisa e as notas de campo que integram essa investigação são exemplos da relevante contribuição dessa tradição.

Não obstante sua importância, alguns pressupostos da etnografia estão sendo redefinidos hoje em função de alguns desafios contemporâneos que se colocam ao pesquisador social. Dentre os questionamentos, coloca-se a questão da representação do Outro. Segundo Lincoln e Denzin (2006), trata-se da “crise da representação” que propõe interrogações sobre quem seria esse outro, inspirando propostas para incluí-lo no processo investigativo, como pretende, por exemplo, a pesquisa colaborativa. Além do questionamento sobre os limites de possibilidade de representar uma experiência que não lhe é própria, claro está hoje que a atuação do pesquisador se dará a partir de um ponto de vista muito particular. De fato, mais do que um dado inevitável da perspectiva qualitativa, a “presença” do pesquisador em sua investigação é um requisito necessário de seu ofício, pois se assume aqui que aquilo que ele diz é, apenas, uma das possíveis compreensões sobre um determinado fenômeno.

Como corolário, Lincoln e Denzin (2006) debatem o lugar do pesquisador no texto que produz. Segundo os autores, diferentemente do que a etnografia propunha inicialmente, não é possível que o analista produza seu trabalho sem que sua voz esteja aí presente. Isso se dá não apenas em função de sua inserção no mundo social, mas também pelas diferenças entre pesquisador e pesquisado em termos de poder e de conhecimento. Nesse cenário, “o sujeito corre sempre um grave risco de ser manipulado e traído pelo etnógrafo” (Lincoln e Denzin, 2006: 393), além do fato de o produto final pertencer ao pesquisador. Ou seja, o texto final de uma investigação está nas mãos do cientista social, ainda que o desenho

de seu trabalho tenha se modificado em função do(s) pesquisado(s). Assim, destaca-se não apenas a necessidade de inserção do que se diz em perspectiva, como também as peculiaridades de pesquisas que buscam gerar entendimentos sobre a multiplicidade da experiência humana.

O debate de questões como o lugar do pesquisador e a representação do outro me parecem bastante relevantes aqui em função do tema com o qual trabalho e do local em que desenvolvo minha investigação. Falar de uma representação corpórea, que não é a minha, e dos desdobramentos dessa condição na vida social, o que é igualmente distante para mim, me trouxe desconforto – vide discussões adiante – e me fez indagar-me sobre as limitações do que digo. Embora a legitimidade do meu interesse não tenha sido posta em questão por meus investigados, meu lugar como “alguém de fora” sempre esteve marcado por eles de um modo mais enfático do que a esperada assimetria de poder entre pesquisador e pesquisado mencionado em Lincoln e Denzin (2006). Isso ficou bastante claro nos olhares que me foram lançados, nas piadas de que fui alvo, enfim num conjunto de situações que me fizeram experimentar o desconforto dos “encontros mistos”, como teorizado em Goffman (1963).

Entretanto, embora o lugar de onde falo e os valores que trago persistam como referências trazidas para a investigação, tal lugar e tais valores não são estáticos. Assim como não é possível entrarmos no campo despidos de nossos preconceitos, como já discutido, tampouco é possível finalizarmos uma investigação com as mesmas crenças que tínhamos no início. Isso se dá porque, a interpretação qualitativa é necessariamente cooperativa (Schwandt, 2006) e acontece por meio do discurso. Logo, a visão de mundo do pesquisador será sempre passível de revisão, pois o compartilhamento da compreensão de uma situação entre os participantes envolve a incerteza e a fluidez do significado como inerentes ao uso da linguagem, como compreendida aqui. Essa perspectiva de compartilhamento, por sua vez, retorna à questão da disposição do pesquisador qualitativo em contemplar a perspectiva do outro, deixando-se tocar por ela (Schwandt, 2006), não obstante os dilemas com os quais terá de lidar. Um desses dilemas para mim certamente foi a questão da legitimidade para teorizar sobre os grandes obesos que conheci.

Além da questão da legitimidade, outro desdobramento sobre os debates acerca do lugar do pesquisador diz respeito ao compromisso da pesquisa

qualitativa contemporânea com a reinvenção de seus caminhos. Esse compromisso é motivado pelo surgimento de novos problemas que demandam novas soluções, embora tais soluções sejam elas próprias tão provisórias quanto as interrogações que as motivaram (Lincoln e Denzin, 2006). Tal atitude decorre provavelmente de um deslocamento do foco investigativo do centro para a periferia como resultado do abandono dos chamados “grandes temas” nas ciências sociais. Ademais, a própria noção sobre o que é central e o que é periférico vem sendo redefinida, visto que a contemporaneidade está marcada por uma “efervescência entre o ponto central e o que está a suas margens” (Lincoln e Denzin, 2006: 405). Tal é a perspectiva que pretendo contemplar ao lançar minha proposta de compreensão da obesidade a partir do discurso dos próprios obesos. Afinal, como já se disse, a agenda da pesquisa qualitativa prioriza o “compromisso humanista ... de estudar o mundo sempre a partir da perspectiva do indivíduo...situado historicamente, em interação” (Lincoln e Denzin, 2006: 389).

Embora não desconsiderando o “discurso oficial” sobre a obesidade - vide discussões adiante – acredito que o foco e os objetivos do meu trabalho foram sendo refinados pouco a pouco por meio da convivência com os participantes da ONG e da escuta de suas histórias. Daí surgiram, inclusive, as perguntas de pesquisa que orientaram minha busca por um suporte teórico não previsto inicialmente. Nesse processo, algumas certezas foram abandonadas e novos caminhos foram trilhados num movimento investigativo em que “a ação e o pensamento, a prática e a teoria, estão ligadas em um processo contínuo de reflexão crítica e de transformação” (Schwandt, 2006: 195). Isso se dá porque, na pesquisa qualitativa, é comum que se transforme o rumo da investigação e os participantes, aí incluído o pesquisador, como já dissemos.

O tema da transformação abre caminho à discussão de uma questão bastante cara aos pesquisadores qualitativos. Trata-se de um compromisso com a mudança que destaca a natureza engajada desse tipo de investigação, pois seus praticantes entendem que, ao trazer ao público sua compreensão sobre o que as pessoas fazem, estão se comprometendo política e moralmente (Schwandt, 2006). Isso se dá, especialmente, em virtude da proximidade entre pesquisador e pesquisado propiciada pela atitude investigativa qualitativa, pois é no contato com o outro que surgirão questões morais às quais o cientista social costuma estar atento. Assim, a relação ética que se estabelece entre pesquisador e pesquisado

não é uma opção teórica, mas se fundamenta - e se motiva – “na noção do estar do lado do outro” (Schwandt, 2006: 209). Ademais, essa proximidade que nos propicia ser “tocado” por circunstâncias às quais não estávamos atentos nos traz questionamentos sobre nossas posturas com relação à situação das outras pessoas e sobre os procedimentos mais adequados para representar tais circunstâncias. Assim, retornamos a temas já debatidos aqui como a correlação entre ação e pensamento, a legitimidade para a representação do outro e as mudanças por que passa o investigador qualitativo ao realizar sua tarefa.

Feitas essas considerações a respeito de alguns dos pressupostos da pesquisa qualitativa que nortearam minhas escolhas nas diferentes etapas desse trabalho, passo a apresentar mais um debate fundamental para a compreensão que pretendo lançar sobre o tema que investigo.

2.2

O contexto da investigação

2.2.1

Considerações importantes

A definição sobre o que vem a ser o contexto de uma investigação não é ponto pacífico entre os pesquisadores do discurso. Em linhas gerais, o debate que se coloca é orientado por diferentes perspectivas sobre a correlação entre a linguagem e seu papel no mundo social, o que motiva diferentes atitudes quanto às circunstâncias consideradas relevantes para análise de uma produção discursiva. A esse respeito, creio oportuno retomar a discussão proposta por Bloomaert (2008) que tematiza as atitudes da Análise Crítica do Discurso (ACD) e da Análise da Conversa (AC) com relação ao que essas diferentes tradições de pesquisa compreendem como contexto. Além dessa tematização que problematiza algumas parcialidades por parte de ambas as agendas de pesquisa, o autor propõe um olhar para três aspectos do uso discursivo que podem se configurar como contexto: os recursos linguísticos à disposição do usuário de uma língua, as práticas de recontextualização observadas num certo grupo social e as histórias dos dados de uma investigação.

Inicialmente, Bloomaert (2008) discorre sobre o enfoque conferido pela ACD às relações de dominação e poder inerentes ao uso do discurso, destacando o compromisso político dos estudos nessa linha teórica. Dentro dessa perspectiva, o autor destaca o objetivo do analista crítico do discurso de priorizar uma atitude intervencionista em sua agenda investigativa, assim como sua preocupação em desvelar as relações de desigualdade que subjazem ao uso social do discurso. Isso se dá porque essa área aposta num entrelaçamento inevitável entre as situações locais investigadas e a ordem social, o que põe em relevo a articulação entre categorias localmente consideradas e instâncias macrodiscursivas. Consequentemente, a noção de contexto com a qual a ACD opera é bastante ampla, justificando o procedimento analítico de debate a respeito das relações de poder, desigualdade etc como “pano de fundo” (Bloomaert, 2008: 93) para as investigações discursivas. Com relação às construções identitárias, por exemplo, a ACD aponta a necessidade de extrapolar o contexto local para que sejam recuperadas as lutas pelo poder e as circunstâncias sociais que interferem no “modo como as identidades são percebidas e projetadas no contexto local” (De Fina, Schiffrin e Bamberg, 2006: 6). Assim, os trabalhos na ACD costumam incluir narrativas detalhadas sobre instituições, relações entre os sujeitos e sobre a distribuição social do poder.

Embora reconhecendo o inegável valor das preocupações fundamentais da área, Bloomaert (2008) problematiza a abordagem da ACD com relação ao contexto como lugar em que padrões de poder e dominação parecem estar postos anteriormente à interação. Como corolário, “conceitos e categorias socioteóricos são utilizados improvisadamente e, também, de modo auto-evidente” (Bloomaert, 2008: 95), o que acaba por traçar um panorama social muitas vezes baseado em estereótipos ou no senso comum, segundo o autor. Ademais, os relatos sobre o contexto da investigação geralmente carecem de informação etnográfica a respeito do campo pesquisado ou sobre os procedimentos de geração de dados, o que exige do leitor a crença naquilo que o analista diz.

Em oposição à visão de contexto com a qual opera a ACD, Bloomaert (2008) passa a tecer considerações sobre os pressupostos da AC a respeito do tema, especialmente sobre a AC scheggloffiana. Apesar de reconhecer a imensa contribuição da área – assim como o fez no caso da ACD - no sentido de ressaltar a contribuição da AC sobre a “densidade e complexidade da interação humana”

(Bloomaert, 2008: 98), o autor aponta dois princípios norteadores que geram uma compreensão sobre contexto da qual ele pretende se afastar. Primeiramente, a AC desconsidera que a análise seja uma prática de entextualização, ou seja, a área trata o trecho em análise como réplica do que foi dito, confiando nos procedimentos de transcrição como possibilidade não problematizada de transposição da realidade vivida para a realidade analisada. Assim, os trabalhos em AC pressupõem que o texto em análise é o contexto original, não observando, portanto, o modo como a análise retira “o texto do contexto, posicionando-o em outro contexto e adicionando qualificações metapragmáticas a ele” (Bloomaert, 2008: 99).

Em segundo lugar, e como desdobramento da primazia da interação sinalizada no primeiro ponto, Bloomaert (2008) debate a percepção dos analistas da conversa de que aquilo que merece ser investigado tem origem e se esgota no encontro entre os participantes. Daí, a AC tem como um importante ponto em sua agenda a observação de como a estrutura social é produzida pelas práticas localizadas no aqui e agora interacional que representa, portanto, o quê os analistas da conversa consideram como contexto. Desse modo, essa perspectiva de estudo não focaliza certas categorias que podem não ter sido evidentes para os interagentes, mas terem se tornado relevantes posteriormente numa reentextualização dessa fala. Consequentemente, os analistas da conversa devem estar atentos à busca de padrões na interação em sentido estrito, pois creem que aqueles elementos da estrutura social que forem significativos para os interagentes irão aparecer no encontro entre eles. Afinal, são justamente esses encontros que tecem a sociedade.

Como alternativa a uma visão de contexto anterior à interação ou idêntica à ela, como preconizado pela ACD e pela AC respectivamente, Bloomaert (2008) debate os ditos “contextos esquecidos”. Trata-se de três diferentes situações sobre as quais o autor teoriza com a finalidade de ressaltar a articulação entre as condições econômicas, sociais e políticas e o uso da linguagem. Segundo o autor, o discurso representa uma “janela aberta” para a compreensão do mundo social, o que deve suscitar a atenção do analista crítico para o “poder invisível, hegemônico, normalizado” (Bloomaert, 2008: 113) que faz com que o discurso seja algo mais que texto.

A partir desse ponto de vista, o autor discorre sobre três situações possíveis de serem compreendidas como contexto de análise, construindo seus argumentos com base em uma investigação com pessoas em busca de asilo na Bélgica. Primeiramente, ele destaca a noção de contexto como os recursos linguísticos de que um falante dispõe para contar uma história que servirá para categorizá-lo como alguém apto, ou não, a fazer parte da vida social na qual pretende ingressar. Nessa discussão, Bloomaert levanta questões linguísticas importantes como, por exemplo, sobre a correlação entre a forma das narrativas e seu conteúdo e, principalmente, sobre os emblemas “afixados” a certos usos da linguagem considerados desprivilegiados. Em seu debate, ele pretende ressaltar como o domínio de um código linguístico envolve “uma dinâmica complexa e altamente delicada de aquisição e distribuição diferenciada por trás de frases aparentemente inócuas” (Bloomaert, 2008: 106), o que toca em questões como desigualdade e poder.

Também relacionada à distribuição do poder, o segundo contexto esquecido debatido por Bloomaert (2008) diz respeito ao modo como as instituições sociais recontextualizam o discurso. Segundo o autor, os conhecimentos técnicos e a autoridade para articular algo já dito numa nova situação – como na produção de relatórios, textos legais etc – não podem ser exercidos por qualquer um na estrutura social. Logo, nem todos estão autorizados – ou sabem – lidar com os textos da mesma maneira. No caso dos imigrantes africanos sobre os quais investiga, Bloomaert (2008) ressalta os cortes e edições nas histórias que traziam por parte das autoridades belgas ao recontá-las. Inspirando-se na etnografia, Bloomaert (2008) destaca que, a cada nova contextualização, o discurso está submetido a novas condições de produção, reprodução e consumo. Trata-se de mudanças cruciais a serem observadas quando se discute o tema do contexto.

Finalmente, o autor apresenta a terceira dimensão relevante num debate a respeito da noção de contexto. Essa dimensão é por ele chamada de “história dos dados” e se origina da percepção sobre a importância de que se observe a maneira como os dados foram gerados como fator decisivo para aquilo que se diz na análise. Novamente amparado na etnografia, Bloomaert (2008: 110) ressalta que “o tempo, o lugar e a ocasião em que os dados são obtidos têm efeito sobre eles: eles são o que são por ocorrerem de determinada forma em determinado

contexto”. Portanto, as histórias que emergem num contexto de pesquisa estão imbricadas com as condições particulares do momento em que foram geradas, aí incluídas a situação econômica, política e cultural daquele momento, assim como a relação entre pesquisadores e pesquisados no campo. Segundo o autor, tal perspectiva fundamental para os estudos discursivos não aparece contemplada nas preocupações levantadas pela ACD e nem pela AC, o que o inspira a debater sua relevância.

Por tudo que se disse, claro está que as discussões levantadas por Bloomaert (2008) apontam para um não tratamento do contexto como dado auto evidente numa investigação que pretenda compreender a interrelação entre o uso do discurso e as condições sociais de sua circulação. Tal é o caso do debate que pretendo instalar sobre as identidades de obesidade nas histórias dos pacientes da ONG aqui em questão. Embora considerando que minha perspectiva sobre a instituição seja apenas um possível olhar – e não me esquecendo de que esse olhar vem de um lugar um tanto diferente daquele ocupado por seus frequentadores – lanço-me, então, na complexa tarefa de trazer a história de meus dados na tentativa de fornecer uma referência para a compreensão dos caminhos de minha análise. Creio que um bom começo para esse percurso seja a apresentação da figura de Rosa, a fundadora da instituição.

2.2.2

Rosa, sua militância e a ONG

“E aqui eu pago com meu salário... meu salário é pra pagar o aluguel, pagar as contas, eu faço o que for preciso. Eu faço alguma coisa pra vender... já fiz faxina, já fiz um montão de coisa, mas eu mantenho as portas abertas” (trecho extraído da entrevista com Rosa, novembro de 2012)

A epígrafe desta seção é emblemática do meu contexto de pesquisa. Nela observamos a dificuldade de Rosa para manter sua ONG nascida da motivação de ajudar pessoas que vivem as dificuldades pelas quais ela já passou como grande obesa.

Após uma tentativa frustrada de conseguir tratamento num hospital público federal no município do Rio de Janeiro, Rosa foi finalmente submetida à cirurgia bariátrica, em 2002, no hospital universitário onde trabalhava ocupando um cargo administrativo. Recuperada de sua cirurgia, ela se tornou secretária da

equipe multidisciplinar dos profissionais que a atenderam. Nessa função, ela se envolveu com pacientes do grupo de obesos atendidos pela equipe, agendando consultas, ligando para aqueles que “sumiam” para que não abandonassem o tratamento e mantendo voluntariamente um contato pessoal com muitos pacientes e ex-pacientes. Ou seja, por ter experimentado a vida daqueles com quem lidava, ela assumiu a função de incentivar, conversar e apoiar os grandes obesos atendidos pelo grupo, tornando-se, por vezes, uma conselheira das pessoas naquela situação. Assim nasceu a ideia de sua ONG.

A instituição funciona numa casa no bairro da Penha Circular, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e, embora modesta, foi escolhida em função das características do grupo que atende. Assim, em nossa primeira entrevista, Rosa me relata algumas preocupações que teve ao procurar um lugar para sua sede, tais como facilidade de localização da casa e a existência de cômodos num mesmo plano para evitar o uso de escadas pelo obesos. Também houve a necessidade de reforço na estrutura dos sanitários e adaptação de mobiliário em função do peso dos pacientes que Rosa pretendia atender.

Além disso, observo que ela se atentou a detalhes para que os frequentadores do local se sintam “em casa”. A sala do encontro semanal, por exemplo, tem bancos organizados em círculo para que todos se entoelem e tem, nas paredes, algumas produções artesanais em tecido e palha feitas pelos pacientes. Às terças e quintas, dias de consulta e reuniões, Rosa também serve almoço gratuitamente por saber das dificuldades financeiras de seus frequentadores, muitos dos quais vindos de lugares distantes.

Sua preocupação com o bem estar dos obesos parece recompensada quando ela me relata, feliz, que

“eles se sentem muito bem aqui...quando a gente se reúne aqui, eles não querem ir embora. Uma vez na semana, eles vêm aqui, parece que é o único local que eles saem de casa. Ou é pra aqui, ou é pro hospital, ou pra receber alguma coisa... A diferença aqui é que...nós não somos diferentes... Quando não é obeso, são voluntários que estão na casa, são amigos que estão na casa, ou ex-pacientes, ou os familiares. Nós damos apoio aos pacientes e aos familiares” (entrevista com Rosa, novembro de 2012)

Sem ajuda financeira do governo, a instituição conta com o trabalho voluntário de uma nutricionista, um profissional de educação física, pesquisadores da área da saúde do Instituto Osvaldo Cruz e ex-pacientes obesos que prestam

apoio à entidade, desempenhando atividades de organização e secretaria. No local são atendidos pacientes da cidade do Rio de Janeiro e cidades vizinhas, como Friburgo, Volta Redonda, entre outras. Muitos desses pacientes estão nas longas filas de diferentes hospitais públicos à espera da cirurgia bariátrica. Alguns chegam à ONG em vans disponibilizadas gratuitamente pelas prefeituras de suas cidades de origem, o que parece ser uma das únicas formas de apoio que recebem do poder público.

Na ONG realizam-se consultas individuais com a nutricionista e as pesquisadoras da área de saúde para avaliação de medidas corpóreas, taxa de colesterol etc. Paralelamente, são organizadas reuniões semanais coletivas, em que os pacientes conversam com a nutricionista sobre alimentação e realizam atividade física leve com o professor de educação física. Além de oferecer esse suporte terapêutico, a ONG funciona para os obesos como oportunidade de encontro com seus pares, como já destacado no relato de Rosa acima. É justamente o caráter da instituição como espaço social para os pacientes que oferece as condições para minha investigação e vai orientando meu desenho de pesquisa. Ou seja, o encontro com o outro propicia a troca de experiências que motiva as histórias aqui analisadas, assim como tantas outras nem gravadas, contadas a mim diretamente ou por mim ouvidas ao circular pela ONG.

Me lembro que logo ao chegar, tinha a preocupação de realizar entrevistas que propiciassem o surgimento de “boas” histórias, especialmente do ponto de vista formal. Entretanto, ao ouvir meus dados e revisitar meu diário de pesquisa, observo que estive todo o tempo imersa num mar de histórias. Por meio delas, os pacientes se descrevem, se observam, se reinventam, se localizam em relação uns aos outros e me localizam, abalando as minhas certezas, me “tirando o chão” e reorientando meu caminho de pesquisadora. A abundância de histórias surgidas na ONG está ilustrada nos seguintes trechos do meu diário de pesquisa, por meio de variadas referências (grifadas aqui) ao ato de contar:

“Fátima, a nutricionista, tem uma *fala* encantadora e *fala* sobre as mudanças na alimentação. A vida moderna pressiona as pessoas a comer pior e engana nosso cérebro... Se desenvolve um *diálogo* interessante entre os pacientes e a nutricionista” (reunião do grupo em 12/03).

“Mostrei duas reportagens e pedi que a gente refletisse sobre o padrão de beleza colocado nas fotos. Acabamos nem *falando* das fotos por muito tempo, pois *as histórias deles dominaram a cena*” (entrevista com foco no grupo em 16/04)

“Uma adolescente *tomou a palavra* e *contou* sobre o bullying que sofreu na escola. Eu já tinha tentado *elicit* esse tema em entrevistas individuais sem sucesso e eis que ele surge espontaneamente! *Foi uma longa narrativa com algumas poucas interrupções...* (entrevista com foco no grupo em 10/09)

Assim, em meio a tantas histórias, ou por meio delas, busco compreender os obesos e acabo por me compreender também ao ter de lidar com meus preconceitos, meu desconforto em tantas das situações ao tentar me inserir num contexto tão receptivo a mim, mas, ao mesmo tempo tão desafiador. Fazer etnografia não é realmente tarefa fácil, como se percebe no e-mail enviado a uma professora do programa de pós-graduação para justificar minha ausência em sua aula, no dia em que fui à ONG pela primeira vez:

“Oi Carmem,

Fui à ONG hoje e fiquei bem animada com o projeto de falar dos obesos. Gravei uma longa entrevista com a Rosa que é ex-obesa mórbida e fundou a instituição. Ela foi super gentil comigo e parece feliz em ter gente falando sobre os obesos, pois ela afirma que eles precisam de visibilidade. Te confesso que minha chegada lá não me foi muito confortável, pois me senti meio estrangeira naquela situação, especialmente quando ela me apresentou três mulheres super obesas que me olharam atravessado, como se meu corpo não me conferisse o direito de estar naquele espaço. Eu estava habituada a fazer gravações na sala de aula, onde tenho meu lugar de prestígio (por mais que eu não perceba!!!) e ali eu era mesmo uma estrangeira. Rosa me convidou para almoçar lá, mas eu não tive coragem de aceitar. Acho que ainda tenho um longo caminho até me sentir parte daquela comunidade de prática. Bom, Carmem, me desculpe se me alonguei, mas é que você é a primeira pessoa pra quem estou contando sobre essa experiência. Acho que esse e-mail funcionou meio como um diário de pesquisa. Conto mais detalhes pessoalmente.

Bjs e até terça
Claudia”.

Minha tentativa de inserção no contexto que investigo se coaduna com as premissas da pesquisa qualitativa que aponta para a correlação entre nossas construções de mundo e nossas inserções em certas comunidades interpretativas (Richards, 2003). Ou seja, aquilo que dizemos sobre uma situação não emana da situação em si, mas da perspectiva a partir da qual nos localizamos. Além disso, tal paradigma preconiza que estar no campo representa uma possibilidade de que os pesquisadores se compreendam como participantes da pesquisa, embora tenham a consciência de que sua presença altera o sistema de relações do ambiente investigado (Gergen e Gergen, 2006).

Quanto à inserção do pesquisador no campo, Richards (2003) comenta também sobre a necessidade de engajamento do pesquisador qualitativo com o

“mundo vivido” da pesquisa, diferentemente do que acontece com pesquisas experimentais de orientação quantitativa em que o pesquisador se coloca fora dos resultados. Como corolário, o autor ressalta o potencial transformador da investigação qualitativa para o pesquisador, o que me parece dar conta do meu estranhamento ao chegar ao campo, na transcrição acima. Ou seja, a investigação qualitativa nos traz mudanças e mudar envolve rever nossas certezas, o que, nem sempre, é indolor.

O trecho a seguir, retirado do meu diário de pesquisa, ilustra mais uma tentativa de inserção no contexto e a dificuldade, por vezes, experimentei:

“Hoje a ONG tá cheia. Nem vai ter lugar pra mim na ginástica.... Na sala de espera, os pacientes estão falando de comida quando chego. Uma das pacientes faz uma piada de que sou a glória da ONG porque perdi setenta e tantos quilos. Fico muito sem graça. É difícil mesmo ‘blend in’ aqui” (trecho do diário de pesquisa de 26/09).

Apesar de atribuir parte do meu desconforto ao fato de que minha investigação envolve “encontros mistos” (vide seção “Estigma” adiante), penso que esse sentimento também reflita a relação do pesquisador com seu objeto de investigação (Richards, 2003) que não está dado a priori. Fazer pesquisa qualitativa representa para o pesquisador o desafio de lidar com algo que não está posto à priori. É isso que o inspira a permanentemente refletir sobre a trajetória da investigação e o lugar que ocupa. Certamente, tal é o caso do trabalho em questão.

Feitas essas considerações sobre o local em que se dão os meus encontros com os obesos – e seguindo a perspectiva de historicizar meu percurso de geração de dados – passo a debater meu principal instrumento de pesquisa.

2.2.3

Mais histórias dos dados: as entrevistas

As entrevistas aqui analisadas foram geradas na sede da ONG entre novembro de 2012 e outubro de 2013. De um total de 14 entrevistas, todas do tipo semi-estruturado e gravadas em áudio, 3 foram realizadas com grupo focal formado aleatoriamente com os pacientes presentes à reunião semanal de encontro dos obesos. Tais reuniões eram iniciadas pela nutricionista que elegia um tema

específico, geralmente relacionado à reeducação alimentar, e fechadas pelo professor de educação física que ministrava exercícios a serem repetidos diariamente por cada paciente em suas residências. Não obstante a assimetria do encontro, uma vez que os dois profissionais ocupavam uma posição mais prestigiosa naquela situação – o que se relaciona diretamente com o saber que representam (vide discussões adiante) - os pacientes tinham liberdade para tomar o turno a fim de tirarem dúvidas, pedirem esclarecimentos ou contarem histórias pessoais.

Nos dias em que fui à ONG, participei das reuniões – algumas não gravadas - do início ao fim e foi nessas ocasiões que tive a oportunidade de tomar notas de campo e observar mais de perto a vida daqueles sobre quem falo. Tal procedimento se coaduna com o objetivo da entrevista qualitativa de “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes” (Gaskell, 2002: 65), visto que daí derivam os esquemas interpretativos propostos pelo analista para “compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações” (idem). Foram, inclusive, algumas das minhas notas de campo que me levaram a escolher certos pacientes para as entrevistas individuais, o que ressalta a importância dos procedimentos oriundos da etnografia para uma investigação que pretenda captar diferentes pontos de vista, como pretendido aqui. Cabe aqui dizer que todos aqueles a quem solicitei permissão para gravar entrevistas individuais ou em grupo se mostraram absolutamente disponíveis e concordaram prontamente em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (vide modelo no Anexo) a eles apresentado.

Quanto aos temas por mim escolhidos para as entrevistas, tanto as individuais quanto as em grupo, optei por discutir situações de exclusão dos grandes obesos que funcionaram como “tópicos guia” (Gaskell, 2002). Escolhi essas situações porque percebi que surgiam de forma repetitiva e espontânea nos relatos de diferentes participantes. Assim, assuntos como bullying, uso de transporte público, relações amorosas, entre outros apresentados na análise de dados surgiram na própria convivência entre mim e os entrevistados. A recorrência do temas que aqui analiso parece se relacionar a um ponto discutido em De Fina (2013) a respeito da importância da prática etnográfica no campo de investigação como caminho para que o analista observe a relevância dos construtos interpretativos usados por certa comunidade. Trata-se de “padrões que

apontam para a existência de representações coletivas e inventários, que podem estar relacionados a processos sociais mais amplos tais como lutas políticas e sociais” (De Fina, 2013: 45).

Semelhante ponto de vista é apresentado por Gaskell (2002) sobre a emergência dos fenômenos a serem investigados em pesquisa do tipo qualitativo. Segundo o autor, “embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais” (Gaskell, 2002: 71). Portanto, creio que os temas abordados na análise emergiram nas nossas interações em função do modo como meus entrevistados transitam no mundo social e só foram tornados relevantes em minha análise em virtude do olhar etnográfico que busquei lançar sobre meu objeto de estudo.

Um outro ponto a ser destacado com relação às entrevistas aqui realizadas – ponto esse diretamente relacionado à visão de linguagem que me orienta (vide discussões adiante) – diz respeito ao modo como compreendo a situação de entrevista. Embora reconhecendo que se trate de uma forma de conversação incomum porque envolve direitos e deveres diferentes para o entrevistador e o entrevistado (Gaskell, 2002), alinho-me à perspectiva de que entrevistas são ocasiões de compartilhamento de significado entre diferentes sujeitos. Assim, trata-se de “um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo” (idem 73), o que justifica que os dados gerados em entrevista gozem do mesmo status que aqueles oriundos de conversações espontâneas (vide discussões adiante).

Tal ponto de vista também é debatido em Mishler (1991) ao discorrer sobre a questão das histórias que emergem nas respostas de entrevistas. Também abordando essas ocasiões como momentos de co-construção discursiva, o autor destaca a frequência com que os entrevistados respondem a perguntas por meio de histórias como desdobramento da centralidade da atividade narrativa nas interações sociais. Portanto, observar as entrevistas como algo mais que um movimento de perguntas e respostas abre possibilidades analíticas que tocam em importantes questões a respeito da construção do significado por meio da linguagem. Segundo o autor, tais questões vinham sendo apagadas dentro de uma abordagem tradicional das entrevistas em que “as histórias dos respondentes eram suprimidas para que se limitassem a respostas ‘relevantes’ a perguntas

especificadas estritamente” (Mishler, 1991: 68). Além disso, as histórias costumavam ser vistas como um problema, especialmente nas entrevistas em pesquisas de orientação quantitativa por representarem uma dificuldade na quantificação e codificação dos dados.

Não obstante a frequência de histórias nas respostas de entrevistas, Mishler ressalta que nem toda pergunta do entrevistador enseja necessariamente uma ou mais narrativas. Para fins de análise, ele propõe alguns critérios para a delimitação das narrativas, dentre os quais figuram conceitos labovianos também usados em minha investigação. Assim, Mishler lida com conceitos como “ponto”, “ação complicadora” entre outros dos quais também me valho na análise dos meus dados, mas não restringe seu olhar ao aspecto formal das histórias. Tomando emprestada a classificação das funções da linguagem proposta na teoria sistêmico-funcional, o autor identifica a proposta de Labov e Walestsky (1967) como sendo uma análise estrutural das histórias equivalente à função textual de Halliday. Apesar de reconhecer a importância da abordagem laboviana, o autor problematiza suas limitações que desconsideram pontos cruciais para um foco interacional dos trechos narrativos como, por exemplo, a figura de entrevistador que traz sua história e suas marcas sociais para o encontro com o entrevistado. Portanto, a atenção ao entrevistador é fundamental quando se lança um olhar para a linguagem como produto e produtora de relações sociais.

Tal é a perspectiva que orienta meu trabalho e ampara minha análise. Ao observar meus dados, busco ter em mente a noção de que minha posição naquele contexto e no mundo vai balizando meus interagentes a respeito do que, como e quando contar. Preciso levar em conta, portanto, que “sou a audiência para a qual o respondente se apresenta numa luz particular” (Mishler, 1991:74), o que está imbricado com o tema das construções identitárias e que fundamenta minhas escolhas teóricas, como veremos à seguir.

3

Fundamentação Teórica

3.1

Considerações gerais

No capítulo que se segue, apresento o suporte teórico que norteia meu olhar analítico sobre a construção das identidades de obesidade via narrativas.

Por compreender o caráter multi e interdisciplinar do tema - e mais amplamente, de uma investigação de natureza qualitativa - recorro inicialmente à antropologia, à sociologia e à filosofia no intuito de observar como o corpo se constitui para além da dimensão física e representa um lugar cultural de produção de significados. Tais significados são balizados por uma representação corpórea que valoriza um padrão em relação ao qual a obesidade é vista como desvio. Nesse ponto, recorro novamente à sociologia ao discutir o tema à luz do conceito de estigma proposto por Goffman (1963).

Uma vez que a obesidade se coloca como uma condição corporal que é produto e produtora de condições discursivas, apresento a compreensão que me orienta quanto ao papel da linguagem no mundo social, com especial destaque ao caráter de situacionalidade do discurso e a sua articulação com o poder. Dentro da perspectiva de focalizar a linguagem em uso, apresento a teorização das narrativas na qual me apoio, tomando como ponto de partida os conceitos fundadores de Labov e Waletzky do final da década de 60. Entretanto, recorro a outros estudos mais recentes na área, destacando especialmente a narrativa como forma de ação, o que as torna um espaço para a investigação do tema das identidades a partir de um foco não essencialista. Em consonância com Bastos e Biar (2015), destaco a relevância do estudo das narrativas porque representam ocasiões privilegiadas para o entendimento da vida social.

Visto que enfoco aqui o tema das identidades como um fazer discursivo onde os sujeitos se localizam em relação tanto ao momento da interação quanto a uma ordem sociohistórica, passo a debater a teorização dos posicionamentos discursivos. Proposto inicialmente por Davies e Harré, o conceito de

posicionamentos foi aqui escolhido como ferramental de análise de dados por ressaltar a correlação entre as histórias que contamos e a produção discursiva de nossas identidades. Tomando como ponto de partida os debates inaugurados por seus fundadores, apresento também as contribuições de outros teóricos mais contemporâneos que aprofundaram as discussões sobre o tema, com especial atenção ao modelo em três níveis apresentado por Bamberg (1997). Esse modelo foi aqui escolhido por dois motivos. Primeiramente, por representar uma possibilidade de operacionalização com dados empíricos da proposta inicial de Davies e Harré. Em segundo lugar, porque destaca a correlação entre instâncias micro e macrodiscursivas no processo de construção identitária, como veremos a seguir.

3.2

O corpo obeso hoje

Mais do que um dado biológico e universal, o corpo tem sido estudado recentemente nas ciências humanas como local de produção de significados que nascem da interação entre as pessoas com seu grupo social. Consequentemente, a sociologia e a antropologia têm focalizado o modo como as “ações que tecem a trama da vida cotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade”(Le Breton, 2012:7). Essa compreensão sobre o corpo é de fundamental importância para o olhar que essa investigação pretende lançar sobre a obesidade, pois inscreve a condição corporal num fazer histórico, ou seja, nos processos mais ou menos explícitos que constroem o lugar social do obeso.

Um primeiro passo nessa trajetória é a observação de como a obesidade, tratada hoje como um problema de saúde pública, foi diferentemente compreendida em outros tempos. Segundo Loli (2000), foram encontradas esculturas produzidas por diferentes civilizações do período pré-histórico que retratavam mulheres de quadris, abdômen e seios avantajados, o que sugere uma representação da obesidade como ideal estético no passado. Isso se deve provavelmente à dificuldade de obtenção de alimentos por populações para as quais a escassez e a fome eram corriqueiras, o que levava diferentes povos antigos a celebrar a mulher obesa como símbolo da fartura e da abundância que

almejavam. Assim, “a sedução da gordura era tanto mais forte quanto a magreza significasse fome, doença e pobreza” (Contreras e Gracia, 2011:304), já que a obtenção do que comer era uma preocupação essencial para todos.

Por outro lado, a situação alimentar de grande parte das sociedades contemporâneas é bastante diferente. Não obstante a existência de grupos de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza em regiões menos favorecidas - em função de condições climáticas adversas, guerras, entre outras causas - o que se verifica hoje em grande parte do mundo é um aumento substancial da oferta de alimentos. Ademais, existe hoje uma poderosa indústria de alimentos inserida numa lógica de mercado que trata a todos como consumidores e que compreende prosperidade como sinônimo de produção e consumo. Nesse sentido, Contreras e Gracia (2011) apontam que o mundo ocidental pós-revolução industrial vivencia o que chamam de “sociedade da abundância”, onde a comida se tornou um bem de consumo, assim como “carros, vestidos e eletrodomésticos” (idem: 309).

Contraditoriamente, o mesmo contexto social que nos impele a consumir alimentos os mais variados viu a magreza tornar-se um ideal estético e adquirir o status de lugar de produção de significados. Na maioria das sociedades ocidentais contemporâneas, “a magreza deixou de ser um sinal de doença e pobreza” (Contreras e Gracia, 2011: 327) e se constituiu como um valor moral e um traço de caráter que extrapola o alimentar-se. Desse modo, seguir uma dieta controlada passou a ser associado a valores como disciplina e auto-determinação, observados socialmente como positivos e por isso encorajados em diferentes situações da vida. Creio ser justamente essa construção da magreza como atributo moral que colabora ativamente na produção dos obesos como estigmatizados, como veremos à seguir.

A discussão sobre a qualidade do que se come e a celebração do ideal de magreza certamente se relacionam à facilidade de obtenção de alimentos hoje. Uma vez que a quantidade não está mais em discussão, Contreras e Gracia (2011) destacam a multiplicidade de discursos a respeito da alimentação que se ocupam em regular os hábitos nutricionais, orientando-nos sobre o que deve ser evitado ou ingerido. Vivemos uma situação de “cacofonia dietética” (Harper, 1988 apud Contreras e Gracia, 2011) que diz respeito à existência de discursos variados e, por vezes, contraditórios que pretendem “legislar” sobre nosso comportamento alimentar. Grande parte dessas regras dietéticas se insere num contexto de

preocupação com a prevenção de doenças, o que acaba por configurar aqueles indivíduos que não se enquadram nas orientações como doentes ou como potenciais candidatos a diferentes enfermidades. Assim, muito do que se fala sobre alimentação hoje adquire respeitabilidade na medida em que se insere dentro de uma perspectiva médica de manutenção do bem estar, o que “converte os agentes da saúde em zeladores da normalidade dietética e os credencia para a intervenção social” (Contreras e Gracia, 2011: 323).

Dentro de uma perspectiva Foucaultiana que ressalta as disputas por significado inerentes à circulação do discurso no mundo social e que destaca a relação discurso-poder, claro está que algumas produções discursivas gozam de mais prestígio do que outras. Isso se dá porque, segundo o autor, há uma série de mecanismos de controle impostos àqueles que pronunciam certo trecho discursivo para que o que dizem seja acolhido, ou descartado, por determinado grupo social. Portanto, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 2001: 37). A satisfação de tais exigências, por sua vez, está diretamente relacionada à noção de verdade com a qual determinado grupo opera, pois

“Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral de verdade’: isto é os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros: os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (Foucault, 1979: 12).

Com relação ao corpo, a maioria das sociedades ocidentais contemporâneas tem conferido status de verdade ao discurso médico, o que acabou por cancelar o modelo anatomofisiológico que o orienta como uma espécie de discurso oficial sobre o corpo (Le Breton, 2002). Portanto, o aparato corporal é comumente compreendido como “uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia” (Le Breton, 2002: 29), dentro de uma perspectiva que o desconsidera como estrutura simbólica produtora de sentidos. Tal perspectiva biomédica, por sua vez, valoriza o bom funcionamento do organismo, o que, a meu ver, confere força e legitimidade ao discurso do “nutricionalmente correto”. Além disso, creio que essa visão sobre o corpo como “uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa” (Le Breton, 2007: 15)

motiva um tratamento da obesidade majoritariamente focado nas questões orgânicas que precisam ser resolvidas. Tende-se, assim, a um descolamento do sujeito obeso do meio sociocultural em que transitam variados sentidos sobre sua condição.

Paralelamente ao discurso médico, ao qual se outorga o poder de definir o “certo” e o “errado” com relação à nutrição, organiza-se um outro discurso também extremamente poderoso na definição de modos de comportamento alimentar: o discurso da mídia a respeito do corpo. Na verdade, muito mais do que falar sobre o corpo, o que a mídia tem feito é fazer circular uma profusão de imagens que, apesar de variadas, apontam para um único padrão corporal desejável. Embora concordando com Figueira (2003: 124) quando afirma que “nunca se tenha falado e vivido tão plenamente o ‘desnudar’ dos corpos como hoje”, acredito tratar-se de um “desnudar seletivo”, pois o corpo que se mostra não aceita muitas variações com relação a um padrão valorizado socialmente. Ademais, a imagem corpórea vendida na sociedade de consumo é de algo a ser construído com esforço e disciplina a partir de uma decisão individual (Figueira, 2003). Trata-se, a meu ver, de mais uma “commodity” na qual as pessoas são convencidas a investir contemporaneamente.

A noção de disciplina que alimenta tanto o discurso médico quanto o discurso da mídia a respeito da condição corporal de cada um merece ser observada à luz do debate apresentado em Foucault (1999) sobre a correlação entre poder e corpo. Segundo o autor, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados que lhe impõem limitações, proibições e obrigações” (idem: 118). Entretanto, isso não se dá exclusivamente por meio do estabelecimento de regras e coerções que se colocam de forma explícita. A ação do poder sobre o corpo se dá também por meio de pequenas ações que vão cotidiana e paulatinamente atuando sobre os indivíduos em diferentes esferas da vida social. Tais ações se organizam numa rede de micro-poderes que não equivalem somente à repressão e censura. Ao contrário, a ação do poder sobre o corpo produz saber e conhecimento que, em última análise, permitem a cada um a consciência de sua própria corporeidade (Foucault, 1979). Fica assim estabelecida uma relação entre o conhecer e o controlar que nos ajuda a compreender a força daquilo que é dito sobre o corpo tanto na mídia quanto na medicina. Assim, quanto mais se fala sobre o padrão corporal, mais esse padrão

está sendo vigiado e, portanto, mais estreitos os limites entre os quais as pessoas devem se enquadrar.

A perspectiva de gerência sobre o próprio corpo parece dialogar com as noções de vontade e livre arbítrio que orientam as sociedades ocidentais contemporâneas. Tal percepção está debatida em Lupton (1998) quando historiciza as noções de self e de corporeidade a fim de contestar a ideia do corpo como dado universal e biológico. Segundo a autora,

“As noções contemporâneas sobre a corporeidade... privilegiam a auto-disciplina e a autonomia, a atitude de manter-se distinto de outros corpos... Esse conceito de corpo/self é em si um artefato histórico, produto de muitas mudanças sociais e culturais importantes desde a Idade Média, incluindo a transição do feudalismo para o capitalismo, o Renascimento, o surgimento do estado moderno europeu, o Iluminismo, a Revolução Industrial e a emergência do capitalismo” (idem: 71).

Nesse sentido, ela aponta que, diferentemente do que se verifica hoje, os tempos pré-modernos foram marcados por uma indefinição de limites entre o indivíduo e seu grupo. Sejam pelas ameaças concretas representadas pelas constantes epidemias, guerras, entre outras dificuldades de sobrevivência, ou por uma visão sobre o humano como inserido no mundo físico, o corpo era uma entidade “porosa” ou aberta. Ou seja, não estavam claras as fronteiras entre o exterior e o interior dos corpos, já que desde a infância as pessoas eram socializadas como parte de um todo – a família ou a comunidade – cuja manutenção dependia de um esforço coletivo. Portanto, operava-se com a imagem do corpo – e corolariamente do self – como “público, com pouquíssima noção de privacidade individual” (ibidem: 72). A esse respeito, Le Breton (2002) afirma que havia uma compreensão sobre as pessoas como estando inseridas “numa rede complexa de correspondências entre a condição humana e a natureza ou cosmo que o cerca” (Le Breton, 2002: 27).

O caminho em direção ao corpo como propriedade individual começou a se delinear como resultado das mudanças sociais ocorridas por ocasião da formação dos Estados europeus e se intensificou com a Revolução Industrial. Lupton (1998) relaciona esse processo a diferentes mudanças ocorridas desde o fim do feudalismo, como, por exemplo, a emergência de novas classes sociais que cultivavam novos comportamentos, a redução de situações – escassez de alimentos, execuções públicas – que ameaçavam a vida etc. Assim, constrói-se pouco a pouco o ideal de homem civilizado orientado pela preocupação com a

regulação de sentimentos e ações, fosse isto conseguido por meio de ações externas de disciplinamento ou pelo desenvolvimento do auto-controle (Foucault, 1999). Além disso, outro fator mencionado pela autora como importante contribuição na construção do ideal contemporâneo de individualidade diz respeito à urbanização intensificada em virtude da Revolução Industrial. Nesse período, as pessoas passaram a conviver com uma população mais numerosa e heterogênea, o que ensejava uma delimitação mais clara das fronteiras entre mim e o outro. Configura-se, assim, a imagem do homem moderno civilizado que, segundo Le Breton (2012), instalou uma lógica dualista na qual o corpo é percebido “como uma posse, um atributo, um outro, um *alter ego*” (idem: 10). Portanto, o que fazer com essa propriedade passa a ser responsabilidade de cada um.

A noção contemporânea de corpo, orientada por valores como livre arbítrio e responsabilidade individual, tem importantes desdobramentos sobre o que se diz sobre os comportamentos alimentares em geral, especialmente quando se consideram aqueles ditos patológicos. Tal perspectiva é debatida em Contreras e Gracia (2011) quando apontam que a abordagem terapêutica para o tratamento dos transtornos alimentares – aí incluída a obesidade – tem focado o paciente como causador de sua própria doença. Assim, buscam-se as causas psicológicas para o comer demais ou de menos nos indivíduos e apagam-se os fatores culturais, econômicos e políticos que produzem o mundo social habitado por ele.

Os autores criticam especialmente a atuação das disciplinas “psi” que tratam o transtorno alimentar descolado dos apelos da sociedade de consumo e do modo de produção capitalista que nos faz “sentir culpados por nossa debilidade, nossa falta de resistência às tentações que o próprio sistema se encarrega de construir, regular e transformar o suficientemente rápido para impedir resistências ou críticas efetivas” (idem: 313). Portanto, eles ressaltam a necessidade de atenção aos significados que a comida, a dieta e as representações corporais constroem no mundo social quando se consideram os comportamentos alimentares ditos patológicos.

A compreensão do panorama discursivo que tanto a mídia quanto a área da saúde têm se encarregado de construir a respeito do binômio alimentação/corpo parece-nos de fundamental importância quando se analisam as construções identitárias dos obesos via narrativas. Dada a estreita relação entre os usos da

linguagem e o mundo social é preciso mapear o pano de fundo em relação ao qual os obesos se localizam ao falarem de si e de seu contato com o outro. Tal perspectiva demanda uma discussão sobre as interações, o que iniciamos a seguir com a teorização sobre o estigma que cremos de grande valia para a compreensão sobre o que dizem os obesos.

3.3

Obesidade e estigma

A preocupação com a natureza dos encontros sociais caracteriza-se como o grande fio condutor da obra de Goffman. Nesse sentido, ele define os encontros sociais como “empreendimentos em orientação conjunta” (Goffmann, 2002 [1964]: 18), em que ocorre

“um esforço da parte de todos para atravessar a ocasião e todos os eventos imprevistos e não intencionais que podem colocar os participantes sob uma luz indesejável sem perturbar as relações dos participantes” (Goffman, 2012[1967]: 46).

Assim, o autor destaca a importância da observação dos pequenos comportamentos na situação de co-presença como forma de se compreender a organização social.

Trata-se, portanto, de uma teorização que aponta para a natureza sociohistórica do discurso, pois Goffman propõe que a situação social de alguém define suas linhas de ação durante os encontros, além de orientar os demais participantes. Ou seja,

“quando... elocuções são ouvidas, elas são ouvidas também como vindas de um indivíduo que não apenas anima as palavras, mas ocupa ativamente uma qualificação social *determinada* (grifos do autor), sendo essa qualificação o que confere autoridade às palavras” (Goffman, 2002 [1979]:137).

É justamente o foco no encontro social e na situação social dos interagentes que serve como pano de fundo para a proposição de diferentes conceitos Goffmanianos, tais como “face”, “footing”, entre outros, dos quais destacamos aqui a noção de “estigma”. Tal conceito contempla a percepção de que “... qualquer coisa que interfira diretamente na etiqueta e na mecânica da

comunicação interfere constantemente na interação, e é difícil deixar, com sinceridade, de prestar atenção a ela” (Goffman, 2012[1963]: 115).

Por conseguinte, o conceito de estigma visa a dar conta da instabilidade e da incerteza que se instalam quando, num encontro, um dos participantes é incapaz de satisfazer a regras e expectativas que garantem o sucesso do encontro social. Segundo o autor, a partir das expectativas que orientam a interação, a sociedade acaba por estabelecer categorias para as pessoas atribuindo-lhes uma certa identidade social. Nesse ponto, é importante ressaltar que, diferentemente do que se advoga nessa investigação, Goffman usa o termo “identidade social” como equivalente aos atributos esperados de um indivíduo, em função da categoria que ele/ela representa. Contrariamente a essa perspectiva, essa investigação compreende as identidades sociais à luz da teorização de inspiração socioconstrucionista. Assim, destaca-se aqui a construção discursiva dos sujeitos que traz a “atenção dos pesquisadores para a ação social” (De Fina, Schiffrin e Bamberg, 2006:2).

Segundo Goffman, as exigências sociais que categorizam as pessoas se organizam “de modo rigoroso” (Goffman, 2012[1963]: 12), porém elas nos passam despercebidas até o momento em que deixam de ser respeitadas. Há, portanto, a possibilidade de que aquilo que projetamos sobre alguém – identidade social virtual - não se coadune com os atributos que a pessoa exhibe – identidade social real - o que provoca uma reclassificação dessa pessoa pelos demais participantes de um encontro.

Surge daí a ideia de Estigma usado por Goffman não para falar de um atributo em si, mas da maneira como é percebido como “um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem” (ibidem: 12) de alguém que está aquém de uma categorização ou estereótipo prévio, numa determinada situação. Embora o autor comente a possibilidade de que alguém seja reclassificado positivamente ao longo de uma interação, tal situação não será por ele debatida. Goffman nos oferece, então, a seguinte definição sobre o que pretende observar:

“Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito” (Goffman, 2012[1963]: 13).

Ao falar da maneira como certos atributos são valorados, o autor aponta para o aspecto relacional de seu conceito, destacando que “o normal⁵ e o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas geradas em situações sociais” (Goffman, 2012[1963]: 149). Nesse ponto, ele teoriza sobre os diferentes status dos participantes dos chamados “contatos mistos”, ou seja, momentos em que há um encontro entre um estigmatizado e um normal, mesmo que não estejam interagindo verbalmente. Sobre esses momentos, o autor destaca que

“Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão as causas e efeitos do estigma” (ibidem: 23).

A respeito dos encontros mistos, Biar (2012) aponta que a questão que se coloca diz respeito ao controle da informação sobre si que as pessoas têm - ou podem ter - ao conviverem socialmente, sejam elas estigmatizadas ou não. Logo, a revelação ou encobrimento de um estigma retorna ao tema central da obra de Goffman que diz respeito à apresentação social do self. Segundo a autora, “diferenças estigmáticas e cotidianas fomentam o mesmo tipo de padrão interacional, não sendo exclusiva de nenhum grupo específico” (Biar, 2012: 52), visto que as pessoas estão sempre atentas aos padrões socialmente estabelecidos aos quais visam se conformar. Assim, os indivíduos buscam se apresentar de modo favorável no intuito de serem acolhidos pelo grupo com o qual convivem.

Apesar de declarar que seu interesse não é o atributo em si, mas o modo como este é percebido como desvio na cena interacional - o que chama a dimensão social à análise - Goffman tem sofrido críticas de que sua discussão sobre o estigma fica centrada no indivíduo cuja característica é responsável pelo desajuste. Assim, o portador do desvio acaba se tornando culpado por não corresponder ao esperado e, em última análise, por sua própria discriminação. Monteiro et al. (2013) discutem essa limitação do conceito goffmaniano e destacam a necessidade de discussão da diferença dentro de uma dinâmica de forças sociais que produzem a exclusão do estigmatizado. Logo, as autoras defendem que tematizar os processos que constroem a discriminação implica

⁵ Discordo do uso do termo “normal” para descrever os não estigmatizados numa situação social, mas compreendo se tratar de uma maneira didática para a explicação dos contatos mistos. Nas palavras do autor, “nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de *normais* (grifos do autor)” (Goffman, 2012[1963]: 14).

abordar o estigma como “parte de uma complexa luta de poder presente no centro da vida social, vinculada às desigualdades sociais e estruturais” (idem: 73).

Ademais, as autoras advogam que o estigma seja abordado como resultado e não como a origem de um processo de exclusão. Tal atitude poderia contribuir para uma reposta política por parte dos grupos de estigmatizados, já que as pessoas discriminadas deixariam de se perceber como o foco de um problema e se sentiriam merecedoras de relações mais inclusivas. Consequentemente, a análise das situações de estigma deve recuperar “os processos sociais que configuram o sentido de si ao sujeito e à sua corporalidade.” (Monteiro et al, 2013: 72), o que certamente amplia o foco sobre os atributos individuais, como proposto por Goffman (2012[1963]).

A crítica a uma perspectiva individualista sobre o estigma proposta por Monteiro et al (2013) não é isolada, mas se insere numa tradição de estudos na área da saúde atentos à história de um estigma na compreensão de seus efeitos sobre as pessoas. Nesse sentido, Parker (2013) argumenta que é justamente essa perspectiva de historicização que permite ao analista entender os motivos e os momentos de aparecimento de um estigma, o que pode, inclusive, suscitar caminhos para combatê-lo. Segundo o autor, tal perspectiva vai além da compreensão de uma diferença individual que contraria uma expectativa, mas dirige o olhar para a produção social das desigualdades e da exclusão. Esse ponto de vista, por sua vez, nos faz contemplar o modo como determinados grupos, ou até o próprio Estado, manipulam e reproduzem significados estigmatizantes no sentido de manter um certo estado de coisas tido como natural.

No caso da obesidade, acredito que a adoção de uma perspectiva historicizante na análise das situações de estigma experimentada por indivíduos obesos poderia colaborar para desafiar alguns pressupostos de cunho individualista do senso comum que colocam nas mãos dos obesos a responsabilidade por seu desajuste. Assim, os obesos são geralmente vistos como pessoas de caráter fraco e sem força de vontade (Halpern e Mancini, 2002). A esse respeito, observe-se um trecho da entrevista com Rosa, a fundadora da ONG, que relata seu sofrimento em função do modo como era percebida antes da cirurgia bariátrica:

“...a gente escuta muitas coisas que machuca muito...quando vem de um leigo, né, a gente até sente, mas perdoa, né...tenta passar por aquilo. Mas quando se ouve de um profissional, que ele dá entender a você que você é um obeso porque você quer, que você não tem força de vontade...dá a entender eu é falta de vergonha na cara, que a gente é gordo porque a gente não tem vergonha...” (trecho da entrevista individual com Rosa realizada em 06/11/12).

A atitude de inserir o olhar sobre o estigma num macro contexto discursivo não equivale a negligenciar o sujeito, mas sim a uma tentativa de evitarmos uma análise unilateral e, portanto, reduzida sobre processos sociais mais abrangentes onde se travam as lutas discursivas, como já debatido. Além disso, creio que a adoção de um olhar individualista na percepção sobre o estigma pode levar o analista a maximizar seu foco na interação, como se as construções identitárias fossem orientadas somente em nível local, ou seja, em função dos indícios fornecidos momentaneamente pelos interagentes. Ao contrário, meu olhar analítico reconhece a fundamental importância de uma articulação entre o aqui e agora interacional com uma ampla rede de significados a respeito de alimentação e do corpo, o que justifica as opções teórico-metodológicas que faço.

Entretanto, não obstante as críticas quanto ao foco no indivíduo, o debate inaugurado por Goffman parece fundar as bases de uma compreensão sobre as diversas situações discriminatórias observadas cotidianamente com relação a pessoas nessa situação⁶. Assim, percebemos que alguns indivíduos – aqui no caso, os obesos - costumam chegar à interação em situação desfavorável “em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito” (Goffman, 2012[1963]: 13), como citado anteriormente. Logo a exclusão é abordada como resultado do social por que acontece no contato com o outro, ou seja, ela é experimentada pelos os interagentes que se localizam em relação a estereótipos que nada mais são que expectativas anteriores ao encontro. O não atendimento a essas expectativas é justamente o que gera o incômodo dos contatos mistos, como já debatido.

Portanto, embora Goffman inicialmente priorize a dimensão individual na compreensão sobre a diferença – o que motiva críticas como as apontadas anteriormente – creio que sua teorização se orienta para as relações sociais, posto que o autor se detém na análise de como determinados modelos são difundidos

⁶ Apesar de argumentar em favor de uma compreensão do estigma como processo social, Parker (2013: 29) ressalta que “cabe fazer jus a Goffman... pois sua formulação original na verdade enfatizava mais o processo do que lhe creditamos.”

como ideais. Segundo o autor, isso se dá porque a vida em sociedade pressupõe que seus integrantes compartilhem um conjunto de regras cuja sustentação ocorre “em parte, porque foram incorporadas” (Goffman, 2012[1963]: 138). Ademais ele acrescenta que, uma ou outra dessas regras será quebrada por quase todos os indivíduos em algum momento de suas vidas, o que lhes fará sentir “indigno ou incompleto” (idem) e, provavelmente, produzirá esforços de todos para reparar esse incômodo. Trata-se daquilo que o autor denomina “sensibilidade ao papel do outro” (ibidem: 144) o que responde por um tipo de pacto entre os envolvidos num contato misto para que o equilíbrio da interação seja mantido. Tal perspectiva, portanto, ultrapassa o indivíduo e traz a dimensão social à análise, o que, de certa maneira, contradiz as críticas de individualismo na teorização do estigma.

As reflexões sobre os contatos mistos são de suma importância nessa investigação, uma vez que a noção de contato misto parece caracterizar tanto as situações de entrevista entre mim e os obesos quanto os encontros sobre os quais me contam. Na verdade, em muitos de nossos encontros, pude experimentar o desconforto mencionado por Goffman a respeito de tais situações, o que motiva esforços da parte de todos os interagentes para o reestabelecimento do equilíbrio interacional. Segundo o autor, é justamente esse desconforto que pode levar as pessoas a esquematizar a vida de modo a evitar os contatos mistos. A meu ver, trata-se de uma das causas do isolamento e da exclusão que os obesos experimentam, como veremos na análise dos dados.

Ao tematizar o embaraço de tais situações para os normais, o autor afirma que

“...deve-se suspeitar que nós, normais, também acharemos essas situações angustiantes. Sentiremos que o indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou é muito tímido e que, em ambos os casos, está pronto a ler significados não intencionais em nossas ações” (Goffman, 2012[1963]: 27).

Isso se dá porque “a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade” (idem: 141) de modo que “o papel dos normais e o papel dos estigmatizados são parte do mesmo complexo, recortes do mesmo tecido-padrão”(ibidem). Segundo o autor, é justamente a complementaridade dos papéis de normal e desviante que faz com que o indivíduo consiga lidar com uma eventual mudança de status, caso venha a vivenciar a situação de estigmatizado

depois de ter sido costumeiramente visto como normal, ou vice versa. Além disso, o estigmatizado e o normal não apenas experimentam os desconfortos dos contatos mistos, mas percebem o incômodo um do outro e tentam repará-lo, como dito anteriormente.

Amparado no conceito Goffmaniano do Estigma, Le Breton (2012) debate os percalços interacionais enfrentados quando um dos participantes do encontro exhibe uma característica física inesperada. Segundo o autor, isso se deve a uma tendência de operarmos socialmente dentro de uma lógica de invisibilidade do corpo que atende a uma expectativa por parte dos atores sociais de encontrar no outro o espelhamento de suas atitudes e de sua imagem. Quando tal expectativa é quebrada e torna o espelhamento impossível, instala-se um mal-estar oriundo da falta de clareza e da ambivalência que cercam o local social ocupado por aquele que traz a marca da diferença em seu corpo. Embora Le Breton pareça também operar dentro de uma lógica individualista, creio que sua percepção sobre o corpo nos ajude a compreender a exclusão do grande obeso como uma incapacidade do mundo social para lidar com o corpo inesperado, portanto tornado visível.

Não obstante as dificuldades de gerenciamento dos contatos mistos para todos os interagentes, Goffman (2012[1963]) sugere uma possível superioridade dos estigmatizados para lidar com tais situações. Por ter mais chances de fazer parte de um contato misto, é provável que a pessoa estigmatizada tenha mais habilidades que os “normais” para lidar com os percalços da interação⁷. Creio, entretanto, que se trate de uma superioridade para lidar com o momento interacional exclusivamente, pois a situação social do estigma se mantém como pano de fundo do encontro e é a ela que o estigmatizado se reporta ao transitar no mundo.

Feitas as considerações sobre o desconforto interacional instalado por uma situação de estigma, passemos agora a considerar diferentes reações dos estigmatizados apresentadas por Goffman. Destaco, porém, ter selecionado aquelas que serão relevantes em minha análise de dados.

Primeiramente, o autor destaca o sentimento de vergonha como “possibilidade central” (idem: 17) na vida dos estigmatizados. Ao se perceberem

⁷ Quanto à superioridade dos estigmatizados para gerenciar os contatos mistos, creio que se trate de um desdobramento do ponto defendido por Goffman de que, por vivenciarem um certo código de conduta para sua situação, os estigmatizados tornam-se atentos observadores das relações humanas, podendo perceber situações que são “invisíveis” para os normais.

incapazes de cumprir certas exigências sociais, eles acabam por concordar que estão em posição inferior e que ficaram abaixo das expectativas. Como corolário dessa situação, o autor identifica uma tendência entre os estigmatizados à vitimização, o que, muitas vezes, resulta na realização de esforços extremos para a correção de um defeito. No caso da obesidade mórbida, creio que a cirurgia bariátrica exemplifique tal tipo de esforço.

Entretanto, Goffman nos alerta que a correção de um defeito não necessariamente reduz a angústia do estigmatizado quanto a ser aceito, pois

“Onde tal conserto é possível, o que frequentemente ocorre não é a aquisição de um ‘status’ completamente normal, mas uma transformação do ego: alguém que tinha um defeito particular transforma-se em alguém que tem provas de tê-lo corrigido” (Goffman, 2012[1963]: 19).

Um outro sentimento também debatido pelo autor é o fato de um indivíduo com um estigma sentir-se constantemente em exibição quando num contato misto. Mais do que ser observado, o estigmatizado pode sentir que sua privacidade está sendo invadida, o que se dá, por exemplo, por meio dos olhares que recebe, das perguntas que os normais lhe fazem ou, ainda, quando uma ajuda desnecessária lhe é oferecida. Como resposta a esse desconforto, Goffman identifica duas possíveis reações no estigmatizado: o isolamento ou a agressividade, sendo esse último comportamento a motivação de mais desajustes interacionais. Embora reconhecendo se tratar de uma perspectiva individualista sobre a compreensão da diferença - o que busco evitar nessa investigação - creio que as atitudes de isolamento e agressividade descritas pelo autor mereçam destaque, pois coincidem com algumas situações contadas por participantes desse trabalho, como debatido na seção de análise de dados adiante.

Quanto ao sentimento de exibição e invasão de privacidade, Goffman os associa mais diretamente aos estigmatizados desacreditados, ou seja, aqueles que assumem que “sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente” (Goffman, 2012[1963]: 14). Diferentemente desse grupo, ele identifica os desacreditáveis que são aqueles cujas características indesejáveis podem ser por eles ocultadas na interação, já que não são imediatamente perceptíveis. Assim, para os membros dessa segunda categoria,

“a questão que se coloca não é a da manipulação de tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para que, como, quando e onde” (Goffman, 2012[1963]: 51).

A distinção entre desacreditados e desacreditáveis é importante porque toca na questão da visibilidade de uma informação, apontada por Goffman como um fator crucial nas interações. No caso do indivíduo desacreditado, tal situação ganha maior peso, pois sua “apresentação compulsória em público... é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui” (Goffman, 2012[1963]: 58). Ou seja, o desacreditado já chega à interação provavelmente antecipando o desconforto que terá de gerenciar e as maneiras de fazê-lo, o que o leva, por vezes, a evitar o encontro.

Embora o autor dedique parte de sua teorização à tensão entre visibilidade e encobrimento de um estigma, essa questão não será aqui tematizada, pois compreendo que a grande obesidade caracteriza meus pesquisados como desacreditados. Ou seja, o corpo obeso se assemelha aos estigmas com visibilidade física (Goffman, 2012[1963]), nos quais se observa a impossibilidade do encobrimento, o que toca, novamente, na questão da quebra da invisibilidade corporal (Le Breton, 2012) já mencionada. Dentro dessa perspectiva, a simples presença dos desacreditados já traz o inesperado para o encontro social e precisa ser gerenciado pelos interagentes, o que parece corroborado pela observação de Rosa de que “o obeso, ele incomoda, chama muita atenção” (entrevista individual realizada no dia 06/11/12).

Ainda em função do contexto em que gerei meus dados – a ONG que funciona como núcleo de ajuda mútua aos obesos – destaco um comportamento mencionado por Goffman que me parece bastante relevante em minha investigação: a tendência entre os estigmatizados à formação de grupos. Segundo o autor, a vida coletiva que o estigma enseja por meio da organização de associações deve ser o foco de estudo dos sociólogos interessados em movimentos sociais, pois representam “quase sempre, o ponto máximo de anos de esforço por parte de pessoas e grupos situados em diversas posições” (Goffman, 2012[1963]: 31). Isso se dá porque os grupos derivam de uma necessidade por parte dos estigmatizados de descobrirem “uma doutrina que forneça um sentido consistente à sua situação” (idem: 119).

Embora faça uma ressalva de que a participação em grupos de ajuda mútua possa trazer para o estigmatizado uma certa sensação de invasão de privacidade, visto que aí suas questões íntimas tornam-se públicas, Goffman advoga pelo benefício da formação de grupos. Trata-se da oportunidade que o estigmatizado tem de entrar em contato com um código de conduta que é “não só uma plataforma e uma política e não só instruções sobre como tratar os outros, mas também receitas para uma atitude apropriada em relação ao seu ‘eu’” (Goffman, 2012[1963]: 121).

Na instituição aqui pesquisada, as “receitas” mencionadas pelo autor estão não apenas vinculadas a atitudes alimentares debatidas nas reuniões semanais conduzidas por profissionais de saúde. Ao fundar sua ONG, Rosa pretendeu formar um grupo que assistisse os pacientes obesos de uma forma mais abrangente. Essa preocupação já está expressa no nome que ela escolheu para a instituição, cuja sigla, segundo ela, significa “grupo de resgate à auto-estima e à cidadania do obeso”. E acrescenta: “Aí nós temos uma frase ‘ajudando a descobrir a pessoa linda que existe dentro de você’” (trecho da entrevista individual com Rosa realizada em 06/11/12). A preocupação de Rosa ao fundar seu grupo parece corroborada pela observação da paciente Marta, quando lhe pergunto sobre as razões que a fazem frequentar a instituição há mais ou menos dois anos, segundo ela me informa: “...aqui as pessoas, as pessoas te escuta (sic) e é uma troca muito boa, assim, de energia” (trecho de entrevista individual com Marta realizada em 12/03/13).

O valor positivo da organização grupal percebido por Marta também aparece descrito em Goffman (2012[1963]) que faz uma distinção entre os conceitos de grupo e categoria. Segundo o autor, quando os membros de uma categoria de estigma se compreendem como formadores de um grupo, há maior capacidade para ação coletiva. Portanto, os membros de um grupo que representa uma certa categoria de estigmatizados irá, provavelmente, se reunir em uma sede e organizar mecanismos de se manifestar publicamente, como acontece na ONG aqui pesquisada. Muitas vezes, a ação coletiva do grupo se dá por meio de um representante que poderá ser um “nativo que está realmente a par das coisas... ou alguém que pertence ao outro lado” (Goffman, 2012[1963]: 33).

Quanto a esse representante, o autor afirma que uma de suas principais tarefas

“é a de aparecerem como ‘oradores’ perante diversas plateias de normais e de estigmatizados; elas apresentam o caso em nome dos estigmatizados e, quando elas próprias são ‘nativas’ do grupo, fornecem um modelo vivido de uma realização plenamente normal; são heróis da adaptação, sujeitos a recompensas públicas por provar que um indivíduo desse tipo pode ser uma boa pessoa” (idem: 34).

Ademais, o autor destaca uma verdadeira profissionalização desses representantes que dão visibilidade social a uma condição de estigma tornando-a mais acessível aos normais. São pessoas que

“...têm, de início, um pouco mais de oportunidade de se expressar, são um pouco mais conhecidas ou mais relacionadas do que os seus companheiros de sofrimento e que, depois de um certo tempo, podem descobrir que o ‘movimento’ absorve todo o seu dia e que se converteram em profissionais” (Goffman, 2012[1963]: 35).

Assim, segundo o autor, essas pessoas provavelmente terão a chance de publicar histórias sobre seu grupo, entrar em contato com representantes de outros grupos de estigmatizados, entre outras práticas que têm o mérito de fazer aumentar os discursos circulantes a respeito da posição social dos indivíduos numa certa condição.

As observações de Goffman a respeito dos representantes dos estigmatizados nos ajudam a compreender a atuação de Rosa junto à ONG que fundou e o respeito que adquiriu junto ao grupo que representa. Embora não seja mais uma nativa desse grupo em função da cirurgia bariátrica bem sucedida, tampouco parece compreendida como normal pelos demais. Como já dito anteriormente, a correção de um defeito não necessariamente equivale à aquisição de um status de normalidade. Desse modo, Rosa me parece vista pelos obesos como a habitante de um entrelugar entre a normalidade e o estigma sendo, portanto, a detentora de saberes e maneiras pertencentes a esses diferentes mundos, o que a capacita fazer uma ponte entre eles de forma eficiente.

Além da figura do representante, nativo ou não, Goffman também identifica um outro tipo de pessoa que costuma dar apoio ao estigmatizado. Trata-se do “informado”, ou seja, aquele que é normal, mas goza de uma situação especial “que o levou a privar intimamente da vida secreta do indivíduo estigmatizado e a simpatizar com ela” (Goffman, 2012[1963]: 37). Sua aceitação pelo grupo, entretanto, não é automática. Ele se coloca à disposição, mas precisa ser validado pelos estigmatizados.

Segundo o autor, a situação de informado geralmente engloba profissionais que trabalham em instituições relativas a um certo grupo ou, ainda, aquele “que se relaciona com um indivíduo estigmatizado através da estrutura social”(idem: 39), como os familiares, por exemplo. Quanto a esse segundo tipo de informado, Goffman aponta que experimentam uma certa difusão do estigma, sendo “obrigados a compartilhar um pouco o descrédito do estigmatizado com o qual eles se relacionam” (ibidem). Desse modo, relações próximas com pessoas identificadas como estigmatizadas tendem, muitas vezes, a ser evitadas, o que toca em questões como isolamento e aceitação, como veremos na análise de dados adiante.

Ao tematizar o modo como a instabilidade das interações são gerenciadas em conjunto, Goffman debate o conceito de Estigma orientado por uma visão que me parece dialogar com percepções bastante contemporâneas acerca do uso discursivo. Embora não focalizando a linguagem estrito senso e nem trabalhando com dados empíricos, o autor propõe um debate que aponta para a situacionalidade do discurso - como discutido em Moita Lopes (2001), entre outros – ao tratar sobre os diferentes lugares ocupados pelos sujeitos numa interação. Além disso, ele destaca a correlação entre os encontros localmente considerados e uma rede macro discursiva de significados ao afirmar que

“as contingências que as pessoas encontram na interação face a face é só uma parte do problema, e algo que não pode, em si mesmo, ser completamente compreendido sem uma referência à história, ao desenvolvimento político e às estratégias correntes do grupo (em que se localiza a diferença)” (Goffman, 2012[1963]: 137).

Tal ponto de vista é reforçado quando o autor ressalta a existência de expectativas sociais, muitas delas implícitas, que orientam valores aos quais se reportam os interagentes. Tratam-se de valores que “podem não estar firmemente estabelecidos em lugar algum, e ainda assim podem projetar algo sobre os encontros que se produzem em todo lugar na vida cotidiana” (Goffman, 2012[1963]: 139). É em função da projeção de tais valores que se definem os lugares ocupados pelo normal e pelo estigmatizado numa dada situação social, em função desses valores estarem ou não atendidos. Fica assim marcado o diálogo entre os significados interacionalmente construídos e o panorama sociohistórico no qual se insere o encontro face a face.

A perspectiva de situacionalidade daquilo que se diz representa uma importante dimensão na observação das construções identitárias dos obesos via narrativa. Na tentativa de melhor compreender o modo como a linguagem baliza o nosso estar no mundo, passemos a discutir o lugar do discurso naquilo que somos/pretendemos ser.

3.4

Discurso: diferentes perspectivas

A compreensão sobre a visão de discurso⁸ que norteia uma investigação é de fundamental importância para que se perceba o ponto de vista a partir do qual se localiza o analista e o tipo de “lente” através da qual lida com seus dados. Contudo, tal conceito é bastante amplo, posto que diversamente compreendido não apenas na área dos estudos da linguagem, mas nas ciências sociais como um todo (Fairclough, 2001; Ahearn, 2001), o que demanda um olhar multidisciplinar e a noção de que qualquer definição sobre discurso que se pretenda fornecer será incompleta e provisória.

Nesse difícil percurso, parece-me útil enunciar a perspectiva à qual não me alinho com relação ao tema como uma primeira tentativa de mapear meu campo de estudos. A grosso modo, uma compreensão que deve ser preliminarmente eliminada aqui diz respeito à ideia de língua como sistema abstrato, ou seja, um conjunto de regras das quais tanto a linguística Saussureana quanto a Chomskyana se ocuparam. Não obstante as diferenças entre essas duas escolas linguísticas, ambas claramente privilegiam o olhar sobre o sistema em detrimento das interações cotidianas onde tal sistema é efetivamente usado (Ahearn, 2001).

O foco no estudo da língua tomada em abstração colaborou para o predomínio de paradigmas formalistas nos estudos da linguagem que estiveram por muito tempo isolados das demais ciências sociais e que sustentaram uma percepção sobre língua como representação (Fairclough, 2001). Tal perspectiva, bastante diversa da adotada aqui, desconsidera as circunstâncias de produção de determinado trecho discursivo, as relações sociais estabelecidas entre os

⁸ Os termos “discurso” e “linguagem” serão usados nessa seção de forma intercambiável para encaminhar uma discussão teórica a respeito do assunto. O termo “discurso(s)”, será usado no trabalho com relação a atividades discursivas específicas de diferentes áreas, como, por exemplo, “o discurso da mídia”, o “discurso médico”.

interagentes (idem), ou seja, apaga o arcabouço cultural para a compreensão do que é dito. Trata-se, portanto de uma concepção transcendentalista da linguagem que tem implicações teórico-filosóficas para o que se compreende, por exemplo, por identidades sociais (De Fina, Schifffrin e Bamberg, 2006), como veremos a seguir.

Contrariamente a esse entendimento, Ahearn (2001) menciona teorizações de diferentes estudiosos - antropólogos linguistas, etnometodólogos, sociolinguístas, entre outros - que sustentam uma perspectiva de língua como forma de ação social. Em linhas gerais, a autora destaca o foco desses estudos na correlação entre língua, cultura e sociedade, ou seja, na maneira como essas instâncias se constituem mutuamente. Nesse sentido, a língua não é vista como mero veículo de transmissão de uma realidade preexistente à interação, mas como aquilo que ativamente constitui tal realidade. Não se trata aqui de negar a natureza representacional do discurso e sim de reconhecer sua força constitutiva (Fairclough, 2001), o que implica uma visão sobre o discurso como forma de ação social. Logo, “o discurso é ação através da qual os participantes discursivos se constroem, constroem os outros e, portanto, constituem o mundo social” (Moita Lopes, 2001: 59).

A dimensão constitutiva recupera a sociohistória da ação discursiva, uma vez que dialoga com a situacionalidade do discurso, debatida na seção anterior, e ajusta o olhar interpretativo do analista para o indivíduo. Daí, perguntas sobre quem são os interagentes e onde se dá o encontro tornam-se legítimas e necessárias, posto que ressaltam as relações sociais estabelecidas por meio do uso linguístico. Isso se dá porque as características discursivas de constitutividade e situacionalidade destacam o engajamento entre os participantes interacionais, assim como a relação deles com as contingências macro-discursivas.

Como desdobramento do olhar para os interagentes, ocorre uma outra importante compreensão acerca do discurso que diz respeito a seu caráter de alteridade. Tal característica é tributária dos debates propostos por Bakhtin a respeito do traço marcadamente cultural da fala humana, o que faz com que a palavra deixe de ser vista como meio de transmissão de significado e adquira o status de “ponte lançada entre mim e o outro” (Bakhtin, 1981: 113). Trata-se, portanto, de destacar o modo como nossas palavras se dirigem a alguém que nos serve de norte quando pretendemos nos fazer compreender (Moita Lopes, 2001).

Feitas essas considerações sobre três importantes características discursivas – constitutividade, situacionalidade e dialogia – que salientam o modo como nossas enunciações são balizadas pelo meio social que representa seu “centro organizador” (Bakhtin, 1981: 121), passemos a considerar as contribuições de Michel Foucault para a compreensão de discurso que orienta esse trabalho. Fairclough (2001) destaca três importantes aspectos tematizados por aquele filósofo que vem inspirando debates nas ciências sociais, quais sejam, a correlação discurso/poder, a construção discursiva dos sujeitos sociais e o papel do discurso na mudança social. Embora essas diferentes dimensões estejam aqui enunciadas separadamente, creio que estejam interligadas e que se remetam, em última análise, à proposta inovadora feita por Foucault com relação ao poder.

Em linhas gerais, a teorização Foucaultiana equipara o poder a um jogo de forças que se estabelecem difusamente no mundo social por meio de relações de enfrentamento e disputa. Logo, o poder não é algo que se tem ou que se perde, mas aquilo pelo que se luta cotidianamente em nossas ações as mais minuciosas (Foucault, 1979). Em lugar de deter sua atenção à materialidade do poder, o autor o concebe como sendo exercido por meio de ações que acabam por constituir uma rede capilar na qual se identificam não apenas os movimentos de imposição, mas também as resistências que são, assim como o poder, difusas e exercidas em diferentes instâncias. Trata-se, portanto, de um olhar da periferia para o centro na tentativa de compreensão do comportamento do poder na vida social (Machado, 2001), diferentemente do que se faz dentro da tradição marxista.

Ao propor tal deslocamento do foco de análise, Foucault contesta uma noção negativa do poder como proibição e censura, inaugurando uma discussão sobre seu caráter de positividade. Assim, seu interesse está voltado para o modo como o poder “induz ao prazer, forma saber e produz discurso” (Foucault, 1979: 8). É justamente em função da produtividade do poder que decorre a sua força, pois

“...se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz” (Foucault, 1979: 148).

A correlação entre poder e saber é de fundamental importância para a compreensão de discurso que orienta essa investigação. Primeiramente, porque insere o conhecimento e a linguagem numa agenda política, destacando que o que se compreende como verdade e realidade não se relaciona a uma qualidade intrínseca do que se diz, mas está inserido numa rede de relações sociais que decorrem do modo como o poder se encontra distribuído num dado momento histórico. Assim, o autor destaca a noção de “regimes de verdade” (Foucault, 1979) para a compreensão da circulação discursiva ao propor que se observem as regras que delimitam e organizam o que pode/deve ser dito. Tais regras, por sua vez, são estabelecidas em função de uma distribuição do poder num determinado grupo social segundo uma valoração que se orienta por critérios extra discursivos. Em suma, “a ‘verdade’ (grifos do autor) está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (Foucault, 1979: 14).

Em segundo lugar, ao relacionar a aceitação, ou não, de determinados discursos com a distribuição do poder, Foucault destaca a perspectiva histórica que deve ser adotada na análise daquilo que é dito. Assim, os sentidos tidos como verdadeiros por um determinado grupo social são sempre passíveis de revisão, pois decorrem de circunstâncias sociohistóricas em contínua mudança. Ao historicizar, por exemplo, a organização do sistema carcerário (Foucault, 1999), o autor nos mostra como os sujeitos inseridos nesse sistema foram discursivamente construídos a partir de uma perspectiva daquele que detinha o poder de denominar e definir os saberes sobre o encarcerado. Logo, a ação do discurso não operou no sentido de descrever um indivíduo que existia a priori, mas instaurou esse indivíduo ao nomeá-lo através da produção de saberes sobre ele (Machado, 2001).

Finalmente, dada a percepção sobre a produtividade do poder difusamente exercido em atividades cotidianas e sobre a correlação entre o poder e o saber, creio que a teorização de Foucault nos acena com a possibilidade de compreensão do discurso como lugar de ação e transformação. Como corolário, o autor identifica uma atitude de temor daquilo que pode ser dito, “do surgir de todos esses enunciados, de tudo que possa haver aí de violento, de combativo de desordem” (Foucault, 2001: 50), o que motiva procedimentos de interdição e controle. Trata-se, a meu ver, de um reconhecimento da provisoriidade do significado como força que possibilita aos sujeitos a instauração do novo. A

instauração do novo traz em seu bojo o medo do desconhecido, o que gera o esforço de delimitar e ordenar o discurso.

Feitas essas considerações sobre algumas contribuições que informam minha compreensão acerca da circulação da linguagem, recupero agora uma outra teorização na qual me apoio nessa investigação e que me parece dialogar com as discussões Foucaultianas anteriormente apresentadas. Trata-se da noção de língua como prática local dentro da perspectiva apresentada por Pennycook (2010) que tematiza as implicações políticas do uso do discurso com foco nas atividades cotidianas dos atores sociais. Há aqui, assim como em Foucault, uma proposta de deslocamento do foco do centro para a periferia na tentativa de dar conta da produtividade e da força inerentes à circulação do discurso que merecem ser debatidas. Creio que esse deslocamento de foco nos remeta à rediscussão das noções de centro e periferia que se encontram “em efervescência” (Lincoln e Denzin, 2006), como debatido na seção 1.

Inicialmente, Pennycook (2010) ressalta algumas dificuldades quanto ao termo “prática” que, assim como “discurso”, vem sendo usado por diferentes estudiosos da linguagem com relação a diferentes fenômenos. Assim, o autor nos apresenta, inicialmente, uma distinção entre prática e uso, muitas vezes compreendidos como sinônimos. Nesse sentido, ele nos alerta que a noção de uso está ancorada numa percepção instrumental da língua, como se “algo existente a priori fosse colocado em uso” (Pennycook, 2010: 8). Ademais, dentro de sua proposta, prática também não se trata de focalizar uma atividade específica - como, por exemplo, “práticas de letramento” - nem se coloca como “o outro da teoria” (idem: 9). Nesse ponto, o autor recupera uma discussão de teorias críticas que há tempos discutem o binômio teoria e prática, a fim de estabelecer que “prática não é meramente um fazer coisas, mas uma combinação de pensamento com ação” (ibidem: 21). Semelhante ponto de vista é apresentado como um dos pressupostos da pesquisa qualitativa - vide seção 1 - o que reforça minha compreensão sobre língua como prática.

Nos estudos linguísticos mais especificamente, o autor atribui a oposição tradicionalmente feita entre prática e teoria ao esforço feito para a delimitação do campo e do objeto de estudos da Linguística Aplicada. Nos anos 70, buscando não apenas sua definição como também sua diferenciação da Linguística, a área afirmava concentrar-se em questões práticas do uso da língua por oposição à

teoria da qual se ocupavam os estudos linguísticos tradicionais. Embora mais tarde a Linguística Aplicada tenha invertido seu foco ao propor que são “os problemas do mundo real que irão ensejar a teorização” (Pennycook, 2010: 20), o autor considera que a agenda de pesquisa na área fomentou - e ainda fomenta, em alguns casos - uma separação entre teoria e prática. Logo, “a teoria em si acaba não sendo vista como prática e...a prática (continua) subteorizada” (idem).

Ao advogar a relevância da noção de prática nos estudos discursivos, Pennycook recupera o foco adotado contemporaneamente na teoria social que busca perceber o impacto do conhecimento compartilhado nos arranjos sociais. Trata-se da “virada prática” que pretende traçar relações entre as circunstâncias sociohistóricas em que vivem os indivíduos e a linguagem, já que é esse o caminho primordial de interação entre eles. Nesse ponto, o autor levanta algumas questões tradicionalmente discutidas quando dos estudos sobre língua e sociedade e debate, especialmente, se é a linguagem que usa os indivíduos - visão “super determinista” - ou se são eles que usam a linguagem – visão “super voluntarista”. Trata-se aqui de um debate que nos remete a questões caras a essa investigação tais como a correlação entre os níveis micro e macro discursivos, questões para as quais Pennycook pretende contribuir com a teorização sobre a linguagem como prática local. Segundo o autor, tal teorização representa uma possibilidade de harmonização entre os níveis micro e macro, ao afirmar que

“se temos razão para suspeitar tanto de compreensões super voluntaristas do uso da linguagem (simplesmente dizemos o que queremos, ou fazemos escolhas a partir de sistemas linguísticos dados) quanto de compreensões super deterministas (o que dizemos é reflexo de uma estrutura social, discursiva ou ideológica, ou a língua determina as escolhas que podemos fazer) precisamos indagar como podemos entender a relação entre a ação humana e as pré-formações sociais, culturais e ideológicas” (Pennycook, 2010: 23).

A perspectiva de correlação da linguagem com o panorama sociohistórico tem ainda o mérito de enfatizar a localização do uso da língua num dado lugar de modo um tanto diferente do que propõe a sociolinguística tradicional. Em vez de apontar diferentes usos linguísticos em função das diferentes características geográficas, de gênero etc dos falantes – como se a linguagem fosse externa aos indivíduos - Pennycook pretende observar como esses falantes constroem as diferenças cotidiana e localmente em função de fatores históricos e culturais. Ademais, sua visão está ancorada numa percepção dinâmica do espaço, pois o

lugar é algo moldado na e pela nossa relação com a linguagem. Ou seja, o espaço deixa de ser visto como contexto dado e imutável no qual os indivíduos usam a linguagem e torna-se movente e em processo, já que “nossas palavras são produzidas e compreendidas em lugares que são, eles próprios, construídos e interpretados” (Pennycook, 2010: 7). Creio que estão novamente marcadas aqui a produtividade e a força do discurso como possibilidade de instauração do novo, também tematizadas em Foucault (1979, 2001), como anteriormente debatido.

Um último ponto das teorizações do autor que merece destaque dentro dos objetivos desse trabalho diz respeito a uma ressalva que ele nos faz de que nem tudo deva ser considerado prática. Logo, prática não é um mero sinônimo do conceito de fazer. Segundo o autor, para que certa atividade seja considerada prática, é preciso que se observe “a conduta social regulada e sediementada” para a realização dessa atividade (Pennycook, 2010: 28), o que ressalta a atenção ao caráter de repetição como aquilo que leva ao seu sucesso. Nesse sentido, o autor recupera MacIntyre (2007) que propõe uma definição para o conceito de prática com foco nas relações sociais estabelecidas durante o fazer, a fim de que ele seja bem sucedido. Além das relações sociais, Pennycook (2010) sublinha a importância do conhecimento adquirido durante o fazer, o que novamente, aponta a correlação entre prática e teoria na qual se assenta sua proposta.

Dentro da perspectiva de conduta social sedimentada e de acúmulo de conhecimento por meio de um fazer, parece-me possível traçar relações entre os debates propostos por Pennycook (2010) sobre a linguagem como prática e a compreensão sobre as narrativas como pretendo nessa investigação. Assim, se narrar é algo que fazemos socialmente todo o tempo ao longo de nossa existência, creio se tratar de uma prática repetida, sobre a qual aprendemos no fazer e que está intimamente relacionada a um lugar. Ademais, por tudo que se disse a até aqui, acredito que discussão articulada por Pennycook (2010) a respeito da linguagem como atividade possa dialogar satisfatoriamente com a problematização Foucaultiana da relação entre discurso e poder, assim como com as dimensões de situacionalidade, dialogia e constitutividade do discurso anteriormente debatidas. Portanto, tendo em vista essas contribuições teóricas que orientam meu olhar sobre a maneira como a linguagem funciona socialmente, passemos a discutir o tema das narrativas dentro da perspectiva aqui adotada.

4

O estudo das narrativas

4.1

Narrativas e interação

Em nosso cotidiano, um dos mecanismos mais usados para fazer sentido do mundo a nossa volta e do nosso lugar nele é o ato de narrar. Assim, diferentes autores destacam uma “aptidão ou predisposição para organizar a experiência em uma estrutura narrativa, em estruturas de enredo e assim por diante” (Bruner, 1997: 58) a tal ponto que “nos tornamos nossas autobiografias narrativas através das quais contamos nossas vidas” (Riessman, 1993: 2).

Apesar do debate sobre a definição do que vem a ser uma narrativa, diferentes autores (Riessman, 1993; Linde, 1993; entre outros) defendem que nossas histórias funcionam não apenas como receptáculo de informação, mas estruturam nossa experiência, nossa memória e nosso sentido de quem somos (Riessman, 1993). Narrar, portanto, equivale a construir sentidos e negociá-los com o outro, o que aponta para uma estreita relação entre o estudo das narrativas e o estudo das identidades a partir de uma perspectiva não essencialista. Riessman (1993) aponta que a existência de uma série de formas discursivas - tais como autobiografias, biografias etc - que envolvem a construção e a apresentação do self sinaliza a importância dessa empreitada em nossa cultura.

Isso se dá porque a linguagem e outros sistemas simbólicos integram um “kit cultural” adquirido em nossas redes de relações sociais (Bruner, 1991) que estampam o modo como construímos a realidade e como adquirimos conhecimento sobre nós e sobre o mundo. Embora desconsiderado pelas tradições empiricista e racionalista nos estudos da mente (idem), é o “rico e confuso domínio da interação humana” (ibidem: 4) que orienta a maneira como se organizam as narrativas que podem variar, em função de algumas características

individuais – recursos prostéticos⁹ – mas que se configuram, em última análise, como produtos culturais.

A dimensão relacional do ato de narrar também aparece em Garcez (2001) que retoma Sacks (1984) afirmando que se trata de uma maneira de organizarmos nosso conhecimento, nossas experiências e se refere ao modo como aprendemos a ser comuns. Nesse sentido, a conversa cotidiana é a forma primordial de sociabilidade humana em que nos monitoramos mutuamente contando e ouvindo histórias de modo a desempenhar o que normalmente se espera sobre nós. Ou seja, a atividade de narrar é aquilo que medeia nossa relação com o mundo.

Dada a sua centralidade no convívio social, as narrativas tem sido foco de investigação, tanto nos estudos da linguagem quanto na psicologia, dentro de diferentes abordagens teóricas. Segundo Brockmeier e Carbaugh (2001), a existência de variadas perspectivas se deve a uma tentativa de compreensão sobre como apresentamos o que compreendemos como “nossas vidas” (idem: 1) e como “nos criamos nesse processo” (ibidem). Como corolário, os autores destacam a interface entre os estudos narrativos e os estudos identitários que vinham, até recentemente, sendo estudados separadamente pela literatura e pela psicologia. Enquanto a literatura orientava-se por uma perspectiva estruturalista sobre as narrativas herdada dos tradicionais estudos do Formalismo Russo, a psicologia prosseguia o caminho mentalista e individual na tentativa de compreensão sobre o self.

Quanto ao caminho percorrido pela psicologia nas investigações sobre o self, Bruner (1997) aponta que ela esteve, por muito tempo, confiando em paradigmas de pesquisa padronizados na área. Ademais, a psicologia não se abriu ao debate com outras disciplinas das ciências humanas que já discutiam a noção de um “si-mesmo como relacionamento transacional entre um locutor e um Outro” (idem: 90). Assim, o autor destaca que, apenas recentemente, a psicologia abriu o espaço aos estudos da ação humana como situadas no mundo cultural, o que enseja a interrogação sobre o papel das narrativas na produção do sujeito.

Não obstante a existência de diferentes tradições de investigação, o trabalho pioneiro de Labov e Waletzky (1967) tem sido considerado o ponto de partida para os estudos das narrativas cotidianas não ficcionais (Brockmeier e

⁹ Esses recursos dizem respeito ao domínio de técnicas comunicativas e habilidades linguísticas que distinguem diferentes narradores.

Carbaugh, 2001). Embora reelaborados por teóricos mais contemporâneos mais atentos à situacionalidade das narrativas, alguns conceitos inaugurados por aquela investigação seminal persistem e serão, portanto, aqui retomados.

4.2

O modelo laboviano: contribuições e debates

Historicamente, os primeiros estudos das narrativas com um olhar para o mundo social datam do fim da década de 60 com os trabalhos sociolinguísticos de Labov e Waletzky (Fabrício e Bastos, 2009). Embora já houvesse uma longa tradição nos estudos narrativos na área da literatura, foram esses autores os primeiros a observar as narrativas de experiência pessoal com o objetivo de compreender a atividade de recapitular oralmente experiências passadas.

Entretanto, a perspectiva adotada por Labov e Waletzky era declaradamente formal, refletindo, portanto, a escola estruturalista que os orientava (Brockmeier e Carbaugh, 2001). Desse modo, os autores buscavam isolar a “mais simples e mais fundamental estrutura narrativa” (Labov e Waletzky, 1967: 3) a fim de analisá-la “em conexão direta com as funções que a originaram” (idem). Tal objetivo poderia ser conseguido através de histórias pessoais de indivíduos comuns que estão cotidianamente contando sobre suas experiências, o que motivou a busca de dados orais em entrevistas com pessoas comuns. Tratava-se de falantes de escolaridade mediana a quem se requirava um relato sobre uma situação que os tivesse colocado em risco de vida.

A identificação dos elementos mínimos que caracterizavam um trecho de fala como narrativa visava a distingui-la de outros tipos de relato. Nesse sentido, o modelo Laboviano apontava para uma simplicidade sintática da estrutura narrativa em comparação com a conversa do dia a dia. Segundo Labov (1972: 377),

“A narrativa como um todo contrasta claramente com a conversa cotidiana... Na conversa cotidiana, ouvimos uma rica variedade de modais, negativas... transformações e encaixes não encontrados na narrativa... Já que a complexidade sintática é relativamente rara na narrativa, ela deve ter um efeito quando ocorre.”¹⁰

¹⁰ Observe-se que o foco na forma continua presente em Labov (2013) que propõe um “teste sintático infalível” (Labov, 2013: 15) para que possamos identificar uma narrativa com base na

Dentro dessa perspectiva, Labov e Waletzky (1967) propõem, então, um modelo para o estudo das narrativas não ficcionais composto de seis partes, embora nem todas – como o resumo ou a coda, por exemplo - estejam sempre presentes. Primeiramente, pode ser apresentado um resumo que serve para anunciar o assunto que será tratado. A segunda parte, chamada orientação, é o momento em que o narrador oferece alguns detalhes com relação ao cenário, o momento sobre o qual conta etc. Em seguida, ocorre a ação complicadora que diz respeito à série de eventos que compõem a parte principal da narrativa. É justamente em relação a esses eventos que se organiza a resolução, ou seja, a etapa em que se anuncia o resultado ou a solução da situação relatada. Finalmente, os autores apresentam um quinto elemento na estrutura narrativa – a coda – que, estando presente, faz uma ponte entre o passado no qual se desenvolveu a ação complicadora e o momento em que se dá a narração.

Além dessas cinco partes, o modelo proposto por Labov e Waletzky (1967) identifica um sexto elemento apontado como fundamental para a identificação de um trecho narrativo. Trata-se da avaliação que é o momento em que se anuncia o ponto narrativo, ou seja, aquilo que justifica que determinado evento seja contado. Logo, os autores ressaltam que uma narrativa sem esse componente não seria completa, apresentando dificuldades de compreensão para a audiência. Em função de sua importância, esse componente das narrativas foi rediscutido e ampliado em Labov (1972), além de continuar sendo tematizado por teóricos mais contemporâneos (Linde 1993, entre outros).

Porém, as discussões sobre a o modo como se apresenta a avaliação nas narrativas não parece tarefa simples. A esse respeito, Cortazzi e Jin (1999) afirmam que “a avaliação é considerada a chave da narrativa” (idem: 103), o que demanda um olhar mais atento a dimensões não tematizadas pelo modelo clássico. Segundo os autores, a proposta de Labov e Waletzky (1967), que trata a avaliação como uma parte da estrutura narrativa, está centrada na figura do narrador, desconsiderando questões socioculturais importantes relacionadas à atividade de contar histórias. Logo, eles advogam que focalizar a avaliação *na* narrativa (grifos dos autores), como no modelo Laboviano, não é suficiente porque esse

existência de orações independentes (coordenadas) que seriam “a escolha preferida nas narrativas orais de experiência pessoal” (idem: 17).

olhar negligencia o modo como a narrativa é recebida por uma audiência ou a relação do que se narra com o contexto em que se dá o relato.

A preocupação com a identificação de uma estrutura narrativa básica enunciada em Labov e Waletzky (1967) está relacionada à função referencial identificada pelos teóricos como uma das características do gênero. Tal perspectiva continua contemplada em Labov (1972: 352) que define a narrativa “como um método de recapitular experiências passadas através da correlação entre uma sequência verbal de orações e uma sequência de eventos que (inference) realmente ocorreu.” Assim, a coincidência entre a ordem daquilo que se conta e a ocorrência dos eventos é colocada como condição para que certo trecho discursivo seja considerado narrativo. Esse ponto de vista motivou o conceito de *juntura temporal* que diz respeito à sequência de, pelo menos, duas orações que não podem ser trocadas de posição sem que haja prejuízo do conteúdo semântico do que se diz.

À luz do que se discute hoje a respeito das narrativas, tal pressuposição se coloca como problemática, não apenas porque exclui as histórias hipotéticas, assim como aquelas relatadas por meio do uso do presente histórico¹¹, mas principalmente por supor a existência de uma realidade pré discursiva. Trata-se daquilo que Brockmeier e Harré (2001) chamam de “falácia da representação” ou “da tradução” que se refere à crença na existência de uma realidade única e independente, a ser representada de modo mais ou menos fidedigno por meio da linguagem. A narrativa seria, então, valorada dentro de um critério de aproximação ou distanciamento da verdade, também vista como dado independente e pré discursivo.

Ao condicionar um relato à ordem dos eventos, Labov e Waletzky (1967), Labov (1972 e 2013) claramente assumem o valor referencial da linguagem. A meu ver, tal ponto de vista sugere a crença na existência de uma verdade a ser revelada pela narrativa, o que não se coaduna com a visão de discurso e identidades que conduzem essa investigação. Como pesquisadora, oriento-me pela percepção de que a língua deva ser “compreendida como profundamente constitutiva da realidade e não simplesmente um recurso técnico para estabelecer

¹¹ Observe-se, entretanto, que Labov (2013) admite o uso do presente histórico dentro da perspectiva apresentada por Schiffrin (1981) de que se trata de um recurso usado pelo narrador para trazer os eventos passados mais fortemente para a interação, o que acontece em momentos de tensão emocional.

significado” (Riessman, 1993: 4). A esse respeito, Riessman (1993: 22) observa que “as narrativas são interpretativas” e que “nossas interpretações analíticas são parciais” (idem) e visam a aumentar a compreensão sobre uma narrativa e não a restringi-la.

Bruner (1991) também problematiza a abordagem formal a respeito das narrativas por considerar que a organização mental para narrar, a que ele denomina “pensamento narrativo” está profundamente imbricada com o discurso narrativo. Uma vez que as histórias são constitutivas da realidade, elas não devem ser tomadas meramente como texto cuja estrutura pode ser mapeada. Assim, “a preocupação central não é o modo como a narrativa como texto é construída, mas sim de que forma ela opera como um instrumento da mente na construção da realidade” (idem: 5).

A correlação entre os eventos relatados e a ordem em que tais eventos aconteceram como parâmetro para a definição de uma narrativa é ainda problemática, por revelar uma crença do mundo ocidental a respeito do tempo como avançando sempre para a frente (Riessman, 1993), isto é, o tempo do relógio/cronológico ao qual Mishler (2002) contrapõe o tempo narrativo/experiencial. Nesse sentido, o autor defende que o critério temporal não é suficiente para a definição de um trecho narrativo - como preconizado em Labov e Waletzky (1967), Labov (1972) e Labov (2013) - pois o modelo do tempo cronológico se aplica ao mundo físico, onde não atuam “reflexividade, memória e intencionalidade” (Mishler, 2002: 104).

Baseando-se em noções como enredo e sentido de final (Ricoeur, 1980), Mishler (2002: 98) afirma que, num relato,

“Alguma forma de conexão significativa entre os episódios se faz necessária para que os ouvintes/leitores e os analistas reconheçam um trecho de fala, ou um texto como um todo com contornos definidos, ou ‘gestalt’, com início, meio e fim, que, tomados em conjunto, têm um propósito.”

Dentro dessa perspectiva, “o passado não está gravado em pedra” (idem: 105), pois os eventos sobre os quais contamos vão continuamente se reconfigurando e sendo reinterpretados à luz de novas experiências, novos interlocutores e novos contextos (Moita Lopes, 2001). Essa característica das narrativas se refere ao que Mishler (2002) chama “a mão dupla do tempo”, ou seja, quem conta uma história lança um “olhar retrovisor desde o presente” (idem:

104) e organiza seu enredo tendo em vista um todo, o modo como a história termina, assim como a “situação em que os contadores se encontram depois de algo que lhes aconteceu no passado” (ibidem: 104).

A esse respeito, Bamberg (2002) também destaca que ao, contarmos nossas histórias, somos nós quem fragmenta os acontecimentos atribuindo-lhes fronteiras temporais e, assim, transformando-os em eventos. Ou seja, “a ordem que é construída sob a forma de histórias...existe apenas dentro das histórias” (idem: 151), pois “os eventos não acontecem no tempo; eles não têm fronteiras à esquerda (onde começam) e à direita (onde terminam)...” (ibidem: 150). Portanto, a coerência dos eventos não se dá em função de uma relação com o mundo exterior, mas acontece quando tais eventos são contados.

A discussão sobre o tempo narrativo como descolado do tempo cronológico também poder se encontrada em Bruner (1991) que menciona a diacronicidade narrativa como uma de suas características. Esse conceito diz respeito ao fato de que toda narrativa é um relato de eventos que ocorrem ao longo de um tempo, mas que esse tempo é organizado de acordo com o significado que o narrador atribui às situações relatadas. Desconsiderar essa peculiaridade equivale, portanto, a “obscurer um importante aspecto da representação narrativa” (idem: 3).

Labov (2013) comenta sobre a existência de outras formas de relato de experiência passada, mencionando os estudos de Linde (1986) e Riessman (2002) a respeito das narrativas habituais. Trata-se de relatos de situações corriqueiras no passado e raras no presente. Entretanto, ele enfatiza que nesses estudos não há uma preocupação de que os eventos tenham realmente ocorrido e propõe que se use o termo “história”, para esses casos, em oposição ao uso que faz do termo “narrativa”. Assim, o autor continua a limitar narrativa “a um tipo bem particular de evento de fala” Labov (2013: 18) e sugere que ‘história’ pode flutuar livremente se referindo a qualquer trecho de fala sobre uma sequência de eventos...” (idem). Como já mencionado, não adoto nesse trabalho tal distinção por não compreender a relevância de uma preocupação factual numa abordagem para os estudos narrativos em relação às construções identitárias como aqui compreendidas.

Entretanto, embora o modelo laboviano esteja orientado por uma preocupação com aspectos formais dos relatos ao identificar os elementos

mínimos que caracterizam uma narrativa, acredito que algumas de suas conceituações possam contribuir para um olhar sociointeracional nos estudos na área. Bastos (2005), por exemplo, destaca as noções de ponto e reportabilidade como importantes contribuições trazidas pelos estudos labovianos. Ou seja, há sempre um propósito ao se contar uma história (ponto) e, ao fazê-lo, o narrador terá avaliado se a história é contável (reportabilidade), pois “eventos banais e previsíveis não se prestam a ser contados” (Bastos, 2005: 75). Segundo Labov (1972: 370), “se o evento se torna suficientemente comum, ele já não é mais uma violação de uma regra esperada de comportamento, e já não é mais reportável.” Assim, tanto “ponto” quanto “reportabilidade” nos remetem à noção de agir sobre o outro via discurso, posto que contamos aquilo que julgamos fora do comum para nossos interlocutores.

As noções de ponto e reportabilidade estão relacionadas à função avaliativa da narrativa, apontada desde Labov e Waletzky (1967) como uma das características do gênero, juntamente com a função referencial, já discutida. Como visto anteriormente, a avaliação é “o meio usado pelo narrador para indicar o ponto da narrativa, sua razão de ser: o porquê de ter sido contada e onde o narrador está querendo chegar” (Labov, 1972: 366). Tal percepção é destacada em Bruner (1991) como uma das grandes contribuições dos estudos Labovianos, pois aponta para a quebra de um cânone como uma das principais características que distinguem um trecho narrativo de outras enunciações. Ou seja, é a excepcionalidade de uma situação que motiva o seu relato.

Segundo Linde (1993), a avaliação representa a parte socialmente mais importante da narrativa porque “sinaliza para a audiência como ela deve compreender o significado de uma sequência de eventos narrados e o tipo de resposta que o falante deseja” (idem: 72). Assim,

“Chegar a um acordo na avaliação é talvez a parte interacionalmente mais importante do processo de narração. É o resultado de um processo de negociação entre os participantes, ao invés de ser exclusivamente o mérito do falante.” (ibidem).

Ou seja, não obstante a preocupação com elementos formais no modelo clássico, o destaque conferido à função avaliativa em Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) me parece bastante representativo para os estudos de orientação

sociointeracional porque ressaltam uma preocupação com o que se faz via linguagem.

Ainda com relação à função avaliativa, e provavelmente em virtude de reconhecer sua importância, Labov (1972) sugere uma revisão do modelo proposto inicialmente. Em lugar de considerar a avaliação como parte da narrativa (Labov e Waletzky, 1967), o autor propõe a existência de “ondas de avaliação” (Labov, 1972: 369) que perpassam a narrativa como um todo. Logo, a avaliação seria uma “estrutura secundária” (idem) que atuaria em paralelo à ordem cronológica, já que orações distribuídas ao longo de toda a narrativa podem estar voltadas à construção do ponto narrativo. Trata-se, a meu ver, de uma sinalização a respeito da função social do ato de narrar como motivação primordial para estudos na área, embora esse debate não tivesse sido explicitamente colocado.

Ademais, Labov (2013) apresenta a noção de que as narrativas são desenhadas para uma audiência. Ou seja, “o falante molda a forma e o conteúdo de uma narrativa de acordo com aquilo que espera que o falante saiba” (Labov, 2013: 9). Tal percepção me parece, inclusive, acenar para uma interface entre o estudo das narrativas e o conceito de performances identitárias dentro da perspectiva apresentada por Bauman (2000). Segundo Bauman, “compreende-se performance como um modo especial de prática comunicativa situada, amparada na pressuposição de reportabilidade para uma audiência...” (idem:1), o que muitas vezes motiva escolhas linguísticas por parte do narrador, como, por exemplo, no caso do discurso direto (vide capítulo de Análise de Dados).

O foco na audiência apontado por Labov (2013) também aparece tematizado em Linde (1993) quando discute a reportabilidade de um evento como estando vinculado não à natureza do mesmo, mas a fatores interacionais tais como a relação entre o(s) falante(s) e o(s) ouvinte(s) ou o tempo decorrido entre o evento e seu relato. Assim, um evento não reportável por um certo falante em uma situação, poderá sê-lo se muda o falante ou a audiência. Ademais, a autora propõe o conceito de reportabilidade estendida que diz respeito a situações já muitas vezes contadas em função da representatividade que têm na vida do narrador, mas que é o meio cultural o local onde tal representatividade é definida.

Tecidas as considerações sobre os pressupostos do modelo Laboviano e suas contribuições para estudos narrativos mais contemporâneos, passo agora a

focalizar o evento narrativo, com vistas a delinear sua relação com a construção de nossas identidades sociais.

4.3

Narrativas como práticas discursivas e o estudo das identidades sociais

Partindo das contribuições pioneiras dos estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), pesquisadores da área da linguagem têm se dedicado a um estudo mais abrangente das narrativas enfatizando a estreita relação entre as narrativas e a situação em que ocorrem (De Finna, 2008; *inter alia*), assim como a dimensão do ato de narrar como sendo uma forma de agir sobre o outro (Moita Lopes, 2001; *inter alia*). Desse modo, “contar histórias é uma forma de ação, é fazer alguma coisa – ou muitas coisas simultaneamente – em uma determinada situação social” (Bastos, 2008).

Essa percepção sobre as narrativas se assenta sobre uma visão constitutiva do discurso, ou seja, as histórias que contamos não refletem um mundo externo a elas, mas constroem esse mundo de certa maneira (Riessman, 1993; Moita Lopes, 2002; *inter alia*). Logo, ao fazermos nossos relatos, alcançamos determinados efeitos junto a uma audiência, o que faz com que a narrativa seja “uma forma de prática social estruturadora não só do discurso, mas também das relações sociais” (Fabrício e Bastos, 2009: 42). Portanto, “contar estórias¹² pode criar oportunidades privilegiadas para o estabelecimento da intersubjetividade” (Garcez, 2001: 199).

Tal é o caso das segundas histórias. Segundo Garcez (2001), nos encontros cotidianos é bastante comum que, após ouvir uma história, as pessoas “se alternem na função de narrador” (*idem*: 199) numa sequência de histórias que mantêm uma correlação temática. Esse fenômeno ilustra o caráter intersubjetivo do ato de contar, pois, ao apresentar uma segunda história, o novo narrador indica para o anterior que compreendeu e ratificou o ponto da primeira narrativa. A esse respeito, Cortazzi e Jin (1999) afirmam que as histórias em série representam um complexo mecanismo avaliativo, pois uma história “puxada” por outra funciona

¹² Embora tenha mantido o termo “estória” de modo a não alterar a citação, discordo dessa opção e uso o termo “história”.

como ratificação ou contestação da história anterior. Ademais, os autores afirmam que, ao propor uma segunda história, o narrador estará provavelmente buscando construir-se sob uma luz mais favorável que o narrador anterior, o que impacta no modo como esses diferentes indivíduos serão percebidos pela audiência.

A compreensão das narrativas sob uma perspectiva interacional tem, a meu ver, implicações importantes tanto no olhar do pesquisador quanto no modo como ele lida com seus dados. Um dos desdobramentos de uma abordagem relacional é o fato de que determinado trecho de fala possa ser considerado narrativo, embora deixe de apresentar alguma das partes constitutivas preconizadas pelo modelo Laboviano. Isso se dá porque as narrativas passam a ser percebidas como algo mais que um “gênero fixo com uma estrutura pré-determinada” (De Finna e Georgakopoulou, 2008: 422), ou seja, na análise de determinado trecho considerado narrativo importa menos observar seus elementos formais do que as relações e significados emergentes a medida em que se conta. Como já dissemos, essa é a perspectiva que nos motiva a usar aqui os termos narrativas e histórias de forma intercambiável.

Os partidários de uma perspectiva interacional destacam que o foco deve estar na construção compartilhada da coerência e da interpretação da história (Fabrício e Bastos, 2009). Essa mudança de perspectiva representa uma “mudança paradigmática” na abordagem da narrativa, uma vez que ela passa a ser abordada como prática e não como texto (De Finna e Georgakopoulou, 2008) o que implica em importantes rediscussões teóricas. O contexto, por exemplo, torna-se relevante na análise como algo que molda e é concomitantemente moldado pela prática discursiva do ato de narrar.

Nesse ponto, creio que os debates apresentados em Erickson e Shultz (2002 [1977]) a respeito da dimensão interacional da noção de contexto têm a contribuir no estudo das narrativas como pretendo aqui. Embora a noção de contexto tenha sido anteriormente debatida à luz de Bloomaert (2008) - vide capítulo 2 - dentro de uma perspectiva mais contemporânea, Erickson e Schultz (2002 [1977]) merecem destaque aqui porque nos ajudam a compreender o movimento das interações. Segundo os autores, nessas ocasiões, o modo como as pessoas se comportam é orientado por uma percepção que vai além da localização física do encontro ou do conhecimento sobre quem são os interagentes. Isso se dá

porque, as pessoas possuem uma capacidade de monitorar umas às outras, percebendo que suas ações, verbais ou não, vão sendo dinamicamente adotadas em função do “**onde e quando** elas fazem o que fazem” (Erickson e Shultz, 2002[1977]: 217). Dentro dessa perspectiva, os autores retomam conceitos teóricos de diferentes tradições de pesquisa – competência social (Hymes, 1974), pistas de contextualização (Gumperz, 1976), enquadres (Goffman, 1974), entre outros – na tentativa de tematizar a complexidade do encontro social e o modo os interagentes funcionam como contexto uns dos outros. Ademais, creio que tal ponto retorna à noção de performance (Bauman, 2000) anteriormente debatido, numa perspectiva analítica de observação da relação entre os interlocutores.

A discussão sobre o monitoramento mútuo nas interações discursivas abre caminho para uma importante discussão a respeito dos dados a serem analisados num estudo sobre as narrativas como espaço de co-construção identitária. Assim, a percepção de que o discurso é um fazer, ou seja, um processo no qual os participantes de um encontro são balizados pela dinâmica da própria interação sinaliza a possibilidade de equiparação entre histórias geradas em entrevistas e aquelas que emergem espontaneamente. Portanto, as entrevistas passam a ser vistas como eventos discursivos em que a figura do entrevistador e a maneira como se envolve no que é dito fazem parte daquilo que seu entrevistado diz e da forma como se comporta (Mishler, 1991). Há aqui, portanto, a percepção de que as histórias que surgem em entrevistas não estavam prontas na mente do falante, à espera de uma ocasião para serem contadas, mas são produzidas conjuntamente na relação deste com sua audiência. A esse respeito, Linde (1993: 59) afirma que

“A situação de entrevista não exclui intrinsecamente a natureza social da linguagem...A maioria das entrevistas realmente envolvem algum tipo de troca entre o entrevistador e o sujeito, alguma concordância de que o entrevistador é também um participante.”

Semelhante ponto de vista é apresentado em Bruner (1997: 100), quando argumenta que

“o ‘novo’ reconhecimento de que as pessoas transformam em narrativa sua experiência de mundo, assim como do papel que nele desempenham forçou até mesmo os cientistas sociais a reconsiderarem como eles utilizam seu principal instrumento de pesquisa, a entrevista.”

Logo, seja numa situação de entrevista ou na conversa cotidiana, estamos continuamente criando novas definições de quem somos por meio de atos verbais e não verbais em colaboração com outras pessoas (De Fina, Schiffrin e Bamberg, 2006). Ou seja, deve-se falar de um trabalho identitário cotidiano que nos constitui de modo plural em nossas interações discursivas, o que suscita um olhar analítico sobre as identidades sociais como constelações e não como construtos monolíticos (idem).

Em virtude da percepção do valor relacional da linguagem, diferentes estudiosos têm apontado as narrativas como espaço privilegiado para o estudo das identidades sociais. Nesse sentido, De Fina, Schiffrin e Bamberg (2006) apontam os trabalhos de Goffman como ponto de partida nos estudos da área, visto que salientavam o modo como a presença do outro norteava nosso “gerenciamento público do self” (idem: 9). Tomando o teatro como metáfora para a compreensão dos encontros sociais, Goffman (2009[1959]: 13) afirma que “quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir”. Assim, De Fina, Schiffrin e Bamberg (2006) destacam a importância de conceitos Goffmanianos como “footing” (Goffman, 2002[1979]) e face (Goffman, 2012[1967]), por exemplo, para uma compreensão da dimensão interacional das identidades.

Com a noção de “footing”, o autor busca dar conta do modo como os interagentes vão mudando dinamicamente suas ações discursivas em função da maneira como percebem o que é dito numa interação. Quanto a “face”, trata-se de um trabalho que envolve um gerenciamento de si próprio quando alguém se “apresenta” numa situação social, a fim de que seus atributos positivos sejam percebidos pelos demais participantes. Portanto, tanto “footing” quanto face destacam que quem fala está atento aos participantes daquela situação e à maneira como será visto por eles.

Abre-se, assim, caminho ao estudo das identidades como dado discursivo e intersubjetivo, posto que são “construídas por meio de contribuições recíprocas entre os interagentes” (De Finna, Bamberg e Schiffrin, 2006: 10) situados local e sociohistoricamente. Por conseguinte, o conceito de identidades passa a ser inserido na história, na cultura e na linguagem, em vez de ser percebido como dado essencial e biológico (Fabrício e Bastos, 2009), o que enseja o olhar sobre as

identidades narrativas. A esse respeito, Mishler (2002), destaca o efeito de uma re-história do passado originando novas configurações identitárias ao afirmar que “narrativizar reatribui significado aos eventos em termos das suas consequências” (idem 106).

Além de fundar as bases para os estudos identitários, o olhar goffmaniano sobre o fenômeno da co-presença também é seminal para uma compreensão das identidades como desdobramento de performances narrativas. Tal contribuição aparece, por exemplo, em Langellier (2001), quando teoriza sobre a noção de performance como algo que implica na observação de um aspecto duplo na atividade de narrar.

Primeiramente, a autora retoma Bauman (1977, 1986) destacando que o modo como certos aspectos são empregados pelo narrador para conferir destaque à sua história faz com que ela ganhe um valor interacional que extrapola seu conteúdo referencial. Ou seja, trata-se de observar como o narrador organiza estrategicamente o evento narrado - empregando paralelismos, discurso reportado, entre outros recursos - a partir do evento narrativo, o que, por sua vez, destaca a importância da audiência, tão cara aos estudos de Goffman. Mais do que destacar a figura daquele a quem se dirige o discurso, a percepção do uso da língua sob o ponto de vista da performance, segundo Pennycook (2007), implica na inserção daquilo que se diz numa rede de significados e esquemas interpretativos que tanto precedem quanto sucedem o momento do uso.

Em segundo lugar, Langellier (2001) preconiza que a narrativa seja vista como algo que forma a realidade, pois quando se conta uma história, mobiliza-se uma rede de relações sociais que são atualizadas ou contestadas em função do modo como tal história é contada e ouvida. Nesse ponto, a autora se apoia na noção de performatividade (Butler, 1990) que equipara o dizer ao fazer. Segundo Pennycook (2007), a teorização a respeito da performatividade não é meramente linguística, mas aponta para uma reflexão mais abrangente sobre a maneira como as palavras produzem um efeito. Portanto, quando narramos algo a partir de um certo ponto de vista, privilegiamos inevitavelmente certos interesses (experiências e significados, realidades e identidades) em detrimento de outros. Como resultado desse processo, constituímos a nós e aos outros enquanto narramos ao legitimar práticas e modos de ser, embora não o façamos de forma necessariamente deliberada.

Dentre os recursos utilizados pelo narrador para se apresentar a uma audiência, o uso da fala relatada – especialmente com o discurso direto – é destacado por diferentes autores. Labov (1972), por exemplo, identifica esse procedimento como um dos possíveis recursos avaliativos numa narrativa. Nesse sentido, o narrador pode reportar suas próprias palavras ou as de um terceiro com a finalidade de conferir dramaticidade a seu relato, ainda que tais palavras não tenham sido realmente ditas. Trata-se de uma “ficção dramática” (Labov, 1972: 372) aceita pela audiência como parte do jogo discursivo instalado quando se conta uma história.

Um ponto bastante enfatizado quanto ao uso da fala relatada é a estreita relação entre o narrar e a ação. Quanto ao uso do discurso direto, por exemplo, Bauman (1986: 65), destaca que esse procedimento “realça o sentido de re-atuação pela transposição do passado para o presente”, o que aproxima o mundo da história do mundo do relato. Além disso, o autor afirma talvez se tratar do “recurso sociolinguisticamente mais interessante” (Bauman, 1986: 54) pelos quais se fundem o evento narrativo e o evento narrado. Tal perspectiva certamente se alinha à percepção de narrativa como prática social, já debatida anteriormente.

De Fina (2003) também tematiza o assunto não apenas caracterizando a fala relatada como uma característica da performance, mas principalmente reforçando seu caráter de construção. Para tanto, ela retoma Bakhtin ao afirmar que relatar as palavras de outrem é uma forma de reformular o ato original, o que enseja o fenômeno da polifonia de modo semelhante ao que se verifica na literatura. Ou seja, enquanto no discurso literário acontece uma “relação complexa entre as vozes do autor, do narrador e dos personagens” (De Fina, 2003: 95), nas histórias cotidianas, o narrador manipula diferentes pontos de vista, a partir da maneira escolhida para contá-la. Isso se dá porque “(o discurso relatado) permite que os narradores assumam diferentes pontos de vista e expressem posturas e interpretações pela manipulação teatral das vozes dos outros,” (idem: 96). Não se trata, portanto de mera repetição, mas de um processo ativo e complexo que borra as fronteiras entre narrador onisciente, narrador onipresente e personagem e que é manipulado em função da situação em que a história é contada.

A percepção sobre as dimensões constitutiva e criativa da fala reportada também pode ser debatida à luz da discussão apresentada em Pennycook (2010) a respeito da noção de relocalização. Ao propor esse conceito, o autor – também

inspirado na noção Bakhtiniana de intertextualidade - sugere uma revisão sobre a ideia de originalidade como sinônimo de diferença e quebra de regras. Na tentativa de recuperar o dinamismo dos fenômenos envolvidos no uso da linguagem, Pennycook (2010) advoga que, a cada uso de uma palavra, sua história se modifica. Logo, ao ser novamente proferido, um termo se renova num novo momento e num novo lugar, lugar que é ele próprio reconfigurado em função da atividade discursiva. Trata-se, portanto, de um olhar sobre a língua como prática local (vide capítulo 3) ancorada na ideia de que

“na realocização da linguagem, os atos linguísticos não entram duas vezes no mesmo fluxo: dizer o mesmo novamente, seja como ato linguístico cotidiano ou como um ato intencional de mimesis é invocar a diferença através da semelhança” (Pennycook, 2010: 50).

A tematização sobre a importância do discurso relatado como recurso manipulado estrategicamente por quem conta uma história me parece bastante relevante para a percepção sobre as narrativas como local de construção identitária, como pretendo nesse trabalho. A esse respeito, De Fina e Georgakoupoulou (2008) argumentam que o “trabalho identitário” se dá não apenas quando se conta uma história a partir de um certo ponto de vista, mas também nas recusas em contar e nas negociações quanto a quem cabe o papel de contar, o que ressalta o caráter relacional e situado das identidades sociais, como já destacado. Logo, em função do jogo discursivo em que nos localizamos em relação uns aos outros e ao mundo por meio de nossas escolhas, conscientes ou não, ao narrar, configura-se a proposta analítica da Teoria dos Posicionamentos, próximo ponto a ser debatido.

5

Posicionamentos

5.1

Primeiros estudos

Desde sua criação, o conceito de posicionamentos tem sido objeto de aprofundamento teórico por diferentes autores (De Fina, 2013; Bamberg, 1997; entre outros) que propõem o uso dessa ferramenta teórica para observar a narrativa como forma de ação sobre o outro. Bamberg (1997) afirma que o conceito nos ajuda a ir além da função referencial das narrativas possibilitando-nos observar as estratégias discursivas de quem conta uma história, assim como o estudo das identidades localmente construídas.

De Fina (2013) também destaca a importância da teoria dos posicionamentos, afirmando que

“as reflexões e teorizações sobre posicionamentos foram fundamentais para uma importante mudança nos estudos das identidades narrativas de orientações focadas no narrador como origem e centro do trabalho identitário e na construção referencial do self para modelos mais dinâmicos nos quais as identidades são vistas como construídas em diferentes níveis e em negociação com outros participantes...” (idem 42).

Proposto inicialmente por Davies e Harré (1990), o conceito de posicionamento tem sua origem no marketing e se refere a estratégias de comunicação que permitem que alguém “coloque” seu produto entre os concorrentes (Van Langenhove e Harré, 1995). Esse uso do termo “posicionar”, por sua vez, se reporta à linguagem militar no sentido de “tomar uma posição”, “colocar-se contra o inimigo” (idem).

Nas Ciências Sociais, foi usado primeiramente por Hollway (1984) no estudo da construção das subjetividades nas relações heterossexuais e é a esse uso que a maioria dos autores faz referência quando da abordagem de tal conceito. Hollway propõe o uso da noção de posições no discurso para observar direitos e deveres conversacionais de homens e mulheres em grupos mistos.

Ao propor o conceito, a autora busca explicar porque as mulheres falam menos, quando em companhia dos homens, e mais quando num grupo composto apenas por mulheres¹³. Além disso, ela observa que num grupo composto exclusivamente por mulheres, há maior quantidade de fala do que num grupo de homens (Van Langenhove e Harré, 1995). Segundo a autora,

‘Os discursos disponibilizam posições para serem tomadas pelos sujeitos. Essas posições são em relação a outras pessoas. Assim como o sujeito e o objeto de uma frase...homens e mulheres se localizam em relação um ao outro através dos sentidos que um certo discurso disponibiliza.’ (Hollway, 1984: 236 apud Van Langenhove e Harré, 1995: 362).

Ainda quanto à origem do termo, Deppermann (2013) associa a noção de posicionamentos ao conceito de “posições de sujeito” apresentado em Foucault (2008), quando o autor propõe a noção de “modalidades de enunciação”. Em linhas gerais, tal conceito destaca que o discurso não é a expressão verbal de um sujeito único, mas de um somatório de posições tomadas por alguém quando tem a palavra. Além disso, o autor destaca que tais posições não estão igualmente disponíveis ao propor que

“...as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando recebe um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva” (grifos do autor) (idem: 61).

A influência Foucaultiana na teorização dos posicionamentos também aparece tematizada em Tirado e Gálvez (2007) que comentam a importância da noção de discurso e sua circulação, apresentados em Foucault (2008), para a compreensão do conceito proposto por Harré e seus colaboradores. Isso se dá, especialmente, porque Foucault ressalta o vínculo entre o que é dito e as condições de produção de uma enunciação que estão presentes na ordem social e que se balizam por questões não estritamente discursivas, como debatido anteriormente a respeito da relação entre o discurso e o poder (vide seção3). Tal perspectiva certamente orienta a proposta dos posicionamentos quando seus

¹³ Embora não concordemos com essa percepção da autora, sua investigação aparece aqui em função de se tratar do uso inaugural do termo, segundo diferentes estudiosos dos posicionamentos discursivos.

teóricos afirmam, por exemplo, que “o discurso deve ser entendido como um uso institucionalizado da língua” (Davies e Harré, 1990: 45), pois a força daquilo que é dito reside não nas palavras em si, mas num conjunto de relações que determinam seu “significado social” (idem).

O destaque conferido às relações sociais que estabelecem o que pode ou não ser dito num certo lugar e num certo momento nos remete à situacionalidade discursiva, debatida anteriormente, como uma das características fundamentais que orientam minha compreensão sobre a linguagem. Entretanto, essa peculiaridade da circulação do discurso não implica em adequação a um estado de coisas, como se houvesse aceitação passiva de certas restrições às enunciações. Ao contrário, Foucault (2008) aponta que tais enunciações entram numa “ordem de batalhas e lutas” (Foucault, 2008: 177), onde se confrontam interesses diferentes. Além disso, o autor ressalta serem justamente essas forças sociais diversas que instauram a ambiência para a geração de novos sentidos. No intuito de ilustrar os movimentos de fricção envolvidos no uso do discurso, Tirado e Gálvez (2007) usam, a meu ver de forma bastante propícia, a metáfora dos movimentos tectônicos para dar conta da emergência das enunciações como resultado de erupções. O discurso irrompe, portanto, de um embate produtivo e é justamente essa proposta que subjaz à teoria dos posicionamentos.

Independentemente da origem do termo, a importância do estudo seminal de Davies e Harré (1990) para os estudiosos do discurso se deve ao fato de terem sido os primeiros a ressaltar as atividades de posicionamento como principal lugar da produção discursiva do self¹⁴ e a relacionar esse fenômeno à narratologia (Deppermann, 2013), embora não utilizem o termo “narrativa”. Ao propor o conceito de posicionamento, os autores trabalham com a noção de que aprendemos sobre nós mesmos e sobre o mundo em função de nossa inserção em múltiplas linhas de história que discursivamente disponibilizam posições para as pessoas ocuparem e acabam por organizá-las em categorias.

Ao aprender sobre essas categorias ao longo de nossas vidas, iremos nos afiliar a algumas em detrimento de outras. Esse movimento desperta um “comprometimento emocional” (Davies e Harré, 1990: 47) com certa categoria,

¹⁴ No modelo de Davies e Harré (1990), o termo *self* é focado em sua dimensão discursiva e interacional, sendo, portanto, por nós aqui compreendido como equivalente à noção de identidades dentro de uma perspectiva processual.

visto que nos faz ver o mundo sob seu ponto de vista, assim como a organizar um sistema de valores morais informado por tal categoria (idem). Isso se dá porque

“Ao falar ou agir a partir de uma posição, as pessoas estão trazendo à situação particular suas histórias como seres subjetivos, ou seja, a história de alguém que já esteve em múltiplas posições e se envolveu em diferentes formas de discurso.” (ibidem: 48).

Apesar da crítica de que a noção de linhas de história possa evocar uma “associação mecânica entre identidades, conjuntos de crenças, linhas de argumentos e papéis” (De Fina, 2013: 41), como se “as posições automaticamente viessem coladas a visões de mundo e filosofias” (idem), trata-se “do princípio organizador dos discursos” (Deppermann, 2013: 3) na teorização de Davies e Harré. O foco nas linhas de história nos apresenta uma importante contribuição do construto de posicionamentos a essa investigação, pois está ancorado na relação entre as narrativas e as identidades numa perspectiva processual, como aqui pretendido.

Primeiramente, porque a tematização de como as pessoas se constituem nas histórias ressalta a dimensão local do uso discursivo e privilegia uma perspectiva imanentista da linguagem segundo a qual são as conversações reais que orientam o modo como os falantes organizam o que dizem. Ou seja, os autores buscam compreender a interação a partir da interação em si e do seu diálogo com outras anteriormente vivenciadas pelos interagentes. Desse modo, os autores destacam que, ao se posicionarem no discurso, “as pessoas ‘produzem’ umas às outras (e a si próprias) situacionalmente como ‘seres sociais’” (Bamberg, 1997: 336). Logo, ao optar por esse modelo, Davies e Harré se contrapõem a uma visão transcendentalista sobre a linguagem segundo a qual “a ordenação de diversas produções humanas, como as conversas, por exemplo, é consequência de regras e convenções que existem independentemente das produções” (Davies e Harré, 1990: 44).

Em segundo lugar, ao ressaltar nossa localização em diferentes linhas de história, Davies e Harré (1990) apontam para a multiplicidade do self, pois as “posições criadas para si e para o outro não são parte de uma autobiografia linear não contraditória..., mas fragmentos cumulativos de uma autobiografia vivida” (idem: 48). Para dar conta desse amálgama de vivências que nos constituem, os autores advogam “a adoção (do termo) ‘posição’ como a expressão apropriada

para falar da produção discursiva de uma variedade de selves” (ibidem: 47) solicitados a participar das diferentes interações das quais cotidianamente fazemos parte. Ademais, a percepção de que os indivíduos localizam-se em relação uns aos outros ressalta o caráter de alteridade do discurso e informa minha compreensão sobre as identidades como contraditórias, multifacetadas e descontínuas, o que motiva minha tentativa de desnaturalizar meu olhar analítico sobre a obesidade.

A multiplicidade do self em virtude da nossa inserção em diferentes linhas de história está diretamente relacionada à crítica feita por Davies e Harré ao uso do conceito de “papéis” na psicologia social. Essa crítica, inclusive, é apresentada pelos autores como motivação para a proposição do construto de posicionamento como possibilidade analítica que observa o “aspecto dinâmico dos encontros, em contraste com o conceito de ‘papéis’ que evoca aspectos estáticos, formais e ritualísticos” (Davies e Harré, 1990: 43).

O conceito de “papéis” é oriundo da proposta, apresentada em Goffman (2009[1959]), de compreensão dos encontros sociais por meio de uma comparação com a dinâmica teatral. Assim, o autor lida com conceitos como “plateia”, “representação”, entre outros, no debate sobre os caminhos percorridos pelas pessoas no intuito de controlar as impressões e informações sobre si durante uma interação para que se estabeleça o que ele denomina “consenso operacional”. Ou seja,

“Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica, não tanto um acordo real sobre o que existe, mas, antes, num acordo quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas” (Goffman, 2009[1959]: 19).

Nesse sentido, Goffman afirma que, ao chegar em presença uns dos outros, os indivíduos projetam uma definição sobre a situação em curso com base em expectativas de ação daqueles com quem interagem. Logo, certas condutas passam a ser esperadas em detrimento de outras que possam contradizer o que cada um desempenha naquela situação, pois “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles” (Goffman, 2009[1959]: 25). Isso não significa que o inesperado não possa acontecer, mas Goffman identifica esses casos como rupturas que podem suscitar manobras para o reestabelecimento de

um “*modus vivendi* interacional (grifos do autor)” (Goffman, 2009[1959]: 19), como já debatido na seção 2.

Dentro dessa perspectiva, Davies e Harré (1990: 41) apresentam o seguinte paralelo:

“No modelo dramatúrgico, as pessoas são construídas como atores com linhas já escritas e seus papéis determinados pela peça particular em que se encontram. Eles não têm muita escolha sobre como atuar esses papéis em um cenário particular... ‘Posicionamento’ e ‘posição de sujeito’, por outro lado, permitem-nos pensar sobre nós como sujeitos que escolhem, localizando-nos em conversas de acordo com aquelas formas narrativas às quais estamos familiarizados e trazendo para essas narrativas nossas próprias histórias vividas por meio das quais aprendemos metáforas, personagens e o enredo.”

Observamos, portanto, que o conceito de “posicionamentos” pretende dar conta do aspecto relacional dos encontros sociais cuja substância primordial é a conversação, onde os participantes ocupam posições, configurando-se, conseqüentemente, de diferentes maneiras. Isso se dá porque,

“É dentro das conversas que o mundo social é criado, assim como os elementos relacionados à causalidade de acordo com suas propriedades constituem o mundo natural. Dentro das conversações, os atos sociais e os ícones sociais são gerados e reproduzidos” (Langenhove e Harré, 1999: 15).

Nesse processo, os participantes de uma conversa estão continuamente se posicionando e posicionando seus interlocutores. Esses, por sua vez, também irão posicionar-se, aceitando ou refutando uma posição a eles designada, numa atitude que irá gerar novas posições num movimento contínuo. Ou seja, a compreensão que temos sobre quem somos (ou acreditamos ser) no mundo social emerge de um constante movimento de reivindicar, aceitar e refutar posições no discurso, o que destaca o caráter provisório e não cristalizado das identidades sociais, como aqui compreendidas. Isso se dá porque a teorização dos posicionamentos não preconiza a existência de posições anteriores à interação, mas que a interação é em si um conglomerado de posições que vão tecendo *ad infinitum* uma teia discursiva que é, ao mesmo tempo, produto e produtora de sentidos. Embora essa perspectiva analítica contemple as noções de reciprocidade e dialogia (De Fina, 2013), Davies e Harré (1990) nos alertam de que o conceito de posições discursivas não deve ser compreendido como um processo necessariamente intencional. Portanto, “vivemos nossas vidas em termos de um self que se produz continuamente, não importando o responsável por sua produção” (idem: 48).

Não concordo inteiramente com a crítica feita ao conceito de ‘papéis’ como construto estático, pois não encontro em Goffman tal afirmativa e não percebo que sua teorização se assente sobre uma visão do encontro social como mero desempenho de papéis pré-existentes à interação. Creio que o uso do termo ‘papéis’ seja uma escolha semântica que se relaciona à metáfora do teatro para dar conta do nosso gerenciamento pessoal ao nos apresentarmos ao outro. Entretanto, reconheço que Goffman deixa espaço para críticas a seu modelo por não debater, ou prever, a possibilidade de recusa de alguém a desempenhar um certo papel, o que se encontra contemplado pela teoria dos posicionamentos. Ademais penso que Goffman foca sua análise nas intenções do indivíduo, não contemplando o modo como determinada fala ou ação é acolhida pelos demais interagentes, o que motiva críticas por parte de teóricos mais atentos ao dinamismo dos encontros sociais.

Além das críticas ao modelo dramaturgico dos papéis sociais, Davies e Harré (1990) também contestam a noção de enquadres proposta por Goffman (2012[1974]) como ferramental teórico para análise de dados. Segundo os autores, os enquadres, assim como os papéis, já se encontram disponíveis num certo sistema cultural, apontando, portanto, para uma maneira já estabelecida para a compreensão de uma situação. Desse modo, acreditam que a dinamicidade dos encontros conversacionais será melhor contemplada pela noção de que nos configuramos pelas posições que ocupamos ou recusamos nessas arenas.

Destarte, “posicionamentos” é um conceito que pretende se orientar para uma contínua produção dos sujeitos, o que embasa a visão dinâmica e provisória sobre as identidades que adoto nessa investigação. Isso se dá porque

“as concepções que as pessoas têm sobre si mesmas são desmanteladas até que, e a menos que, elas estejam localizadas numa história. Já que muitas histórias podem ser contadas, até do mesmo evento, cada um de nós tem muitos “selves” coerentes possíveis” (Davies e Harré, 1990: 59).

A comparação entre o construto de posicionamento e o modelo dos papéis evoca também uma discussão sobre a agência nos processos identitários. Davies e Harré (1990) insistem que, diferentemente do modelo dos papéis sociais, o conceito de posicionamento oferece um ganho político por apresentar aos interagentes a possibilidade de negociação sobre as linhas de história em que estão inseridos. Ou seja, Davies e Harré (1990) aliam-se a outros pesquisadores que

creem no “poder do contar histórias como prática discursiva transformadora” (De Fina, 2008: 423) e parecem orientados por uma crença no poder de escolha dos participantes discursivos.

Entretanto, devemos destacar que “agência” é uma questão um tanto polêmica entre os estudiosos do discurso e nas Ciências Sociais. Nesse ponto, cabe mencionar a perspectiva Foucaultiana a respeito de uma política discursiva que sanciona certos discursos em detrimento de outros, como discutido na seção 3. Logo, De Fina, Schiffirin e Bamberg (2006), apontam divergências entre analistas que ressaltam as possibilidades de escolha de pessoas ou de grupos quanto à linha identitária através da qual pretendem ser compreendidos e outros que destacam mais fortemente as limitações institucionais à agência individual.

Uma possibilidade para os teóricos que utilizam os posicionamentos como ferramenta teórica é a percepção da agência como fenômeno bi-direcional. Ou seja,

“Por um lado, forças históricas e socioculturais na forma de discursos dominantes ou narrativas mestras posicionam os falantes em suas práticas situadas e constroem quem eles são sem seu envolvimento agentivo. Por outro lado, os falantes se posicionam como agentes construtivos e interativos e escolhem os meios pelos quais constroem suas identidades em relação aos outros, assim como aos discursos dominantes e às narrativas mestras” (De Fina, Schiffirin e Bamberg, 2006: 7).

Tal percepção me parece dialogar com duas das categorias propostas por Harré e Van Langenhove (1999): o posicionamento social e o posicionamento intencional. No primeiro caso, o falante é localizado a partir de uma dinâmica de forças na qual não interfere e, no segundo, lhe é facultada a escolha sobre que posição ocupar no discurso. É justamente na dialética entre o posicionar e o ser posicionado que reside o aspecto dinâmico e relacional do construto de posicionamentos e o articula a uma visão processual e situada das identidades nas narrativas.

5.2

A operacionalização do conceito: o modelo em três níveis

Não obstante a importância do trabalho seminal de Harré e seus colaboradores na construção teórica do conceito de posicionamentos, autores mais

recentes vêm reelaborando as noções apresentadas por aqueles estudiosos. Segundo De Fina (2013), a noção de posicionamentos tem sido **objeto de** reformulações e adaptações teóricas que o fazem hoje um “pouco diferente da maneira como foi originalmente concebido” (idem: 41).

Uma das contribuições contemporâneas busca resolver a grande crítica feita aos primeiros estudos dos posicionamentos quanto ao uso de exemplos inventados:

“Eles (Harré e seu grupo) não usam uma análise sequencial detalhada de interações sociais autênticas baseadas em gravações em áudio ou vídeo, nem se atentam a escolhas linguísticas e narrativas precisas e estratégias empregadas para projetar e negociar posições” (Deppermann, 2013: 4).

Além disso, De Fina (2013) acrescenta que interpretações mais contemporâneas sobre o conceito pretendem oferecer uma visão sobre o processo que leve em conta, por exemplo, as compreensões dos participantes sobre o momento interacional.

Dentre as reelaborações mencionadas anteriormente, destaca-se o trabalho de Bamberg (1997). Interessado no estudo das narrativas com foco no que “o falante busca alcançar pelo ato de narrar” (idem: 335), o autor toma o modelo de Davies e Harré (1990) como ponto de partida. Isso se dá porque, embora a noção de posicionamentos não tenha sido proposta exclusivamente para tratar das narrativas, Bamberg (1997) reconhece as contribuições desse construto teórico para os estudos na área, pois se trata de um modelo que “tenta usar estrategicamente as noções de enredo e linhas de história” (idem: 336).

Na tentativa de viabilizar a operacionalização do conceito como ferramenta de análise com dados empíricos de narrativas, Bamberg (1997) propõe, então, um modelo que observa três níveis de ocorrência dos posicionamentos:

nível 1: Como os personagens são posicionados com relação um ao outro dentro dos eventos reportados? Nesse ponto, o analista deverá observar as escolhas linguísticas do narrador a fim de perceber a localização dos personagens no mundo da história e sua construção como vítimas, algozes, agentes etc. Trata-se, em linhas gerais, de se compreender o assunto de uma história (Bamberg, 2002);

nível 2: Como o falante se posiciona levando em conta a audiência? Aqui o interesse da análise se volta para o momento da interação, pois é quando nos “perguntamos por que uma história é contada em um dado ponto da interação” (idem: 157) e que efeito o narrador alcança, intencionalmente ou não, com sua história. Ou seja, trata-se de observar a audiência como participante, o que se coaduna com a orientação, aqui seguida, de que as narrativas são eventos discursivos, como destacado no item 1 b.

nível 3: Como os narradores se posicionam para si próprios? Trata-se do momento em que o analista deve deslocar seu foco de observação para os discursos socialmente disponíveis aos quais os falantes se reportam ao contar uma história. Ou seja, esse nível de análise busca articular o assunto da história (nível 1) e a ordem interacional (nível 2) com uma certa ordem moral em que os falantes se apoiam para elaborar uma resposta, ainda que provisória, para a pergunta “quem sou eu?”. Trata-se de uma tentativa por parte do narrador de definir o seu self para si e para os outros.

Tanto Bamberg (2002) quanto De Fina (2013) ressaltam que os posicionamentos de níveis 1 e 2 são complementares e sobrepostos, pois uma mesma escolha linguística pode servir simultaneamente a um propósito mais referencial (nível 1) ou interacional (nível 2). Além disso, Bamberg (2002) nos alerta de que o self, que se constituiria através do nível 3, não deve ser compreendido como dado individual que resiste a mudanças sociohistóricas, mas como uma construção discursiva produzida “na relação de co-autoria entre os participantes” (idem: 159) de uma interação. Há aqui, a meu ver, uma sobreposição dos níveis 2 e 3, pois creio que a noção de self também seja balizada pelo momento interacional. Assim, a proposta dos níveis representa um ajuste do foco para diferentes pontos da análise, mas é preciso que se ressalte a simultaneidade desses múltiplos posicionamentos.

Acredito que o modelo apresentado por Bamberg (1997) da análise dos posicionamentos em três níveis tenha a contribuir para os estudos das identidades nas narrativas dentro da perspectiva adotada nessa investigação. Primeiramente, porque resulta de uma proposta para harmonizar as funções referencial e avaliativa das narrativas enunciadas pelo modelo Laboviano (Bamberg, 1997),

cujos conceitos basilares servem como ponto de partida em meu estudo. Nesse sentido, Bamberg pretende com seu modelo reelaborar a sugestão analítica proposta em Labov e Waletzky (1967), que dá prioridade à forma sobre função quando condiciona a existência da narrativa à sequência temporal dos eventos, e afirma

“Pretendo aqui esboçar uma abordagem sobre avaliação (nas narrativas) que aproveita as sugestões originais de Labov e Waletzky; contudo, (tal abordagem) estará mais de acordo com a orientação funcionalista dos autores, tratando a temporalidade como uma dentre tantas outras características da performance, que estão, a serviço de propósitos discursivos e da formação de identidades locais” (Bamberg, 1997: 336).

Em segundo lugar, a teorização de Bamberg (1997) está sendo aqui escolhida como ferramenta de análise porque me alinho à perspectiva de De Fina (2013), segundo a qual o nível 3 de posicionamento representa uma possibilidade de articulação entre os níveis micro e macro de análise das identidades via narrativas. Ou seja, minha pesquisa sobre as identidades dos obesos não focaliza apenas o aqui e agora das nossas interações, como preconizado pelos Analistas da Conversa. Por outro lado, não pretendo tampouco priorizar os processos macrosociais em minha análise. O que busco desenvolver é uma articulação, um diálogo entre os níveis micro e macro do uso do discurso, o que, segundo De Fina (2013: 43), “está amplamente teorizado no nível 3 de posicionamento de Bamberg.”

Segundo a autora, o posicionamento de nível 3 permite a observação de diferentes níveis nas construções identitárias que levam em conta tanto os fatores locais quando se conta uma história - como papéis e tarefas interacionais - quanto as questões relativas a poder, pertencimento a determinada categoria social, entre outros. Trata-se, portanto, de observar o quê, ao reivindicar certa configuração identitária, o falante torna relevante no locus interacional.

Ao advogar o uso do nível 3 de posicionamento, De Fina (2013) comenta sobre algumas críticas feitas pelos partidários da Análise da Conversa quanto ao uso de categorias sociais mais amplas na análise de dados. Essas críticas sugerem que tais categorias seriam “na maioria das vezes invocadas pelo analista e não orientadas pelos participantes” (De Fina, 2013: 44), o que impõe à interação uma lógica externa a ela. Para argumentar em favor de que as categorias sociais

chamadas à análise não são aleatórias, a autora defende o uso da etnografia. Trata-se de uma prática por meio da qual são sinalizados para o analista padrões recorrentes de sentidos nas interações que envolvem diferentes membros de uma determinada categoria social.

“No caso do contar histórias e da identidade, por exemplo, a repetição nos papéis de contar, ações, posições e outros elementos (que se repetem) em diferentes contadores e diferentes histórias apontam para a possibilidade de significado (desse padrão) para além do limite da interação em particular” (De Fina, 2013:46).

Ao enfatizar que os grandes discursos, ou as categorias macro, sejam trazidos para análise, Bamberg (1997) contempla a dimensão sociohistórica do discurso e orienta meu olhar analítico para as questões culturais a respeito da alimentação e do corpo. Ademais, o olhar macro me permite articular o que dizem os obesos em suas narrativas com aquilo que se diz sobre eles. São justamente esses discursos que atribuem lugares aos obesos no mundo e balizam o modo como eles organizam suas narrativas.

6

Análise dos Dados

6.1

Considerações gerais

Ancorada numa percepção do discurso que enfatiza seu caráter de co-construção, sua situacionabilidade e a transitoriedade do significado, investigo aqui o tema da obesidade, com foco nas narrativas de grandes obesos. Para a discussão das narrativas aqui em questão, selecionei nove excertos que se encontram organizados em cinco temas (seções 2 à 6) e que serão aqui analisados no intuito de encaminhar minha discussão em relação às seguintes questões de pesquisa:

a) Como se constroem as identidades de obesidade nas narrativas dos grandes obesos aqui observados frente a uma ordem macrodiscursiva de desprestígio e exclusão social?

b) Em que medida as interações discursivas servem/podem servir como local de resistência ao estigma da obesidade?

Como caminho de análise, tomo algumas categorias labovianas – como avaliação e orientação, por exemplo - como ponto de partida, especialmente para delimitação das narrativas dentro dos excertos. Porém, articulo tais categorias com outras contribuições teóricas mais atentas à relevância das histórias no mundo social e à construção interacional delas. Tal é o caso, por exemplo, do modelo dos Posicionamentos em três níveis (Bamberg, 1997) usado como ferramenta teórico-metodológica e do conceito de performances (Bauman, 1986) que pontua minha análise. Além desses teóricos mais preocupados em observar a linguagem em uso, também me apoio em contribuições de estudiosos de outras áreas de estudo nas ciências sociais (Le Breton, 2012; Goffman, 1963; entre outros) dentro de uma agenda de investigação multi e transdisciplinar, conforme debatido anteriormente.

Finalmente, apresento na seção 7 desse capítulo uma discussão que pretende, ainda que de forma provisória, apontar respostas a minhas questões de pesquisa.

6.2

Escola

1º excerto (15' até 16'38"): "Eu sempre me aceitei do jeito que eu sou"

Esse excerto foi retirado de uma entrevista individual na sede da ONG realizada em 09 de abril de 2013. Trata-se do primeiro encontro que tive com Renata, uma mulher de aproximadamente 35 anos, recém-chegada à instituição. Durante nossa conversa, em que abordamos assuntos variados como casamento, família, sexo, entre outros, Renata mostrou-se falante e bem, humorada, mesmo quando me contava passagens de suas conversas com a mãe, já falecida na época de nosso encontro.

01	Claudia	e aí, Renata, você disse que já era assim gorduchinha e
02		tal na sua infância
03	Renata	i:sso
04	Claudia	você se recorda assim de alguma história de-de que sei
05		lá,você é, tenha sofrido alguma implicância na escola-
06	Renata	bullying? [ha hum]
07	Claudia	[de colegui]nha
08	Renata	tu lembra?num sei se é da tu- da tua época, ce é muito
09		novinha
10	Claudia	não, mas eu tenho 45-
11	Renata	mas, pera aí,você lembra daquele:: daquele: daquela
12		propaganda do Kisuco? do jarrão?
13	Claudia	ah,lembro,"kisuco saboroso,gela[dinho]" ((cantarolando))
14	Renata	[isso]
15	Claudia	esse? ((risos))
16	Renata	me chamavam de jarrão na escola-
17	Claudia	mentira,Renata
18	Renata	e"vou dançar o cha cha cha,casas da ban"((cantarolando))
19	Claudia	ahh, esse eu me lembro também((risos))
20	Renata	tuhhdo ((inaudível)) isso aí tudo((risos))
21	Claudia	é mesmo-
22	Renata	e eu levava na esportiva,fazer o quê? se eu ficar
23		chateada,eles vão encarna mais ainda, aí eu entrava
24		na,na pihhlha deles,eles ficavam danados comigo
25	Claudia	(.)quer dizer,[você]
26	Renata	[((inaudível))]
27	Claudia	quer dizer,num-num era um problema então-
28	Renata	não
29	Claudia	a obesidade,porque você levava na brincadeira
30	Renata	eu levava na esportiva(.)tá entendendo? aí eu via gente

31		mais magra do que eu (.)com vergonha na-na- de educação
32		física, na-na época tinha né, no vestiário da escola
33	Laís	((a secretária da ONG abre a porta para oferecer um
34		café)) um cafezinho?
35	Claudia	ah, ah,eu quero,[Laís]
36	Renata	também[que]ro
37	Renata	aí...
38	Claudia	((falando com a secretária))obrigada
39	Renata	(falando com a secretária))obrigada, minha
40		linda(.)então, as meninas lá, as gordinhas,tinha
41		vergonha, esperavam todo mundo ir embora, eu falei "ah,
42		quer saber?eu vou tirar mesmo e olhe lá" e vinha, né,as
43		me- as gordinhas, uma olhava pra ca- "ela num tem
44		vergonha" eu digo "vergonha de que? eu sou gorda mesmo"
45		vesti- despida ou não (.) todo mundo vai ver que eu sou
46		gorda mesmo ((em tom de piada))
47	Claudia	((risos))
48	Renata	claro(.)num adianta nada (.)aí quer dizer, eu me acei-
49		sempre me aceitei do jeito que eu sou.

Nesse trecho, aparecem duas pequenas narrativas sobre situações vividas por ela na escola. Na primeira (linhas 8-24), ela me relata sobre os apelidos que recebia e, na segunda (linhas 31-46), sobre a exposição de seu corpo no vestiário da escola, após as aulas de educação física.

Na primeira história, a orientação (linhas 8-20) é um tanto atípica, pois em vez de servir ao propósito de esclarecer o interlocutor quanto aos personagens e ao cenário da ação como previsto na proposta laboviana, Renata entextualiza duas imagens que circularam na mídia nos anos 70 - o Jarrão do Kisuco e o supermercado Casas da Banha - para negociar comigo uma base de significados comuns para que eu pudesse compreender a localização negativa que lhe atribuíam no ambiente escolar. Além disso, diferentemente do que acontece na orientação da segunda história (linhas 32 e 40-41), a primeira orientação não é fornecida por Renata, mas ativamente construída entre nós no movimento interacional.

Ao adotarmos a proposta dos posicionamentos discursivos em três níveis (Bamberg, 1997) para a análise das duas narrativas, observamos que em ambas, temos a construção de Renata no mundo da história (nível 1 de posicionamento) como a protagonista e os demais colegas da escola como seus antagonistas. Dentro da terminologia laboviana temos, portanto, duas narrativas com o mesmo ponto. Renata é aquela cujo corpo não está autorizado a circular pelo espaço escolar sem ser notado, o que motiva os apelidos jocosos ou a reprovação de sua nudez. Apesar disso, não fica patente durante nossa interação (nível 2 de posicionamento) seu descontentamento com a implicância dos amigos ou com a

atitude de estranhamento das colegas no vestiário. Tal percepção parece corroborada pela existência de risos durante nossa interação e pela leveza com a qual Renata conta suas histórias.

A tentativa dos colegas de posicionar Renata desfavoravelmente no mundo da história ocorre por meio da imagem do jarrão do Kisuco e do nome do supermercado Casas da Banha como alusão a seu corpo obeso. Tal recurso a significados socialmente disponíveis para a construção identitária de Renata pelos colegas no mundo da história parece exemplificar a afirmação de Bamberg (1997) sobre a sobreposição dos três níveis de posicionamento por ele propostos, uma vez que o uso do discurso é concomitantemente balizado tanto pela micro quanto pela macro interação. Assim, uma posição social negativa do obeso (nível 3) foi trazida para o mundo da história (nível 1) pelos antagonistas de Renata que a desprestigiam em função de sua condição corporal. Entretanto, ela refuta esse posicionamento desfavorável no mundo da história, tanto por meio de sua atitude de “levar na esportiva” e “entrar na pilha”, quanto por sua decisão de tirar a roupa no vestiário, o que gera um impacto no modo como constrói sua identidade frente a mim na interação (nível 2). Assim, por meio da contestação de uma posição na história, ela reivindica ser compreendida por seu interlocutor como alguém que enfrenta as dificuldades.

O incômodo e a surpresa gerados pelo corpo de Renata no universo escolar parecem ilustrar a observação apresentada em Le Breton (2012) quando discute o que chama de “apagamento ritualizado do corpo” que se dá em diversas situações cotidianas. Com base na teorização Goffmaniana do estigma, o autor identifica a existência de uma etiqueta corporal nascida da expectativa por parte dos atores sociais de que os outros com quem se relacionam adotem atitudes e que tenham uma imagem compatível com a sua própria. Assim,

“Aquele que transgride os ritos que pontuam as interações, de modo deliberado ou para defender o seu corpo, suscita o desconforto e a angústia. A regulação fluida é rompida...o corpo se apresenta de repente com uma evidência inevitável, ele se torna incômodo, não está mais atenuado para o bom funcionamento do ritual” (Le Breton, 2012:74).

Ademais, acredito que o desconforto com relação à exposição do corpo obeso na escola, que aparece em outros excertos gerados com outros pacientes da instituição, reflita a intolerância com a diferença no universo escolar num sentido

mais amplo. Desse modo, a exclusão do corpo obeso me parece muito semelhante, por exemplo, à homofobia que opera de forma mais ou menos explícita na escola. Ou seja, os alunos “aprendem” piadas e gozações em relação àqueles que não se ajustam aos modelos de gênero e sexualidade consentidos (Louro, 2000) e fazem uso desse mesmo mecanismo para “eliminar” da escola outras representações corporais e comportamentais que ferem modelos socialmente valorizados.

Se, no mundo da história, o relato de Renata traz à tona uma situação dramática que costuma causar desconforto às pessoas, ao examinarmos a ordem interacional (nível 2 de posicionamento), parece-nos que a entrevistada não pretende reivindicar junto a mim a posição de alguém que sofre. Embora estejamos falando sobre bullying – observe-se que a minha evitação do termo (linhas 4 a 7 e linha 10) sugere minha expectativa de tratar-se de um tema delicado que a posicionaria desfavoravelmente – Renata segue um outro caminho e propõe uma nova compreensão sobre si. Recorrendo ao humor, o que aparece na transcrição pontuada por risos de ambas as interagentes, a entrevistada vai pouco a pouco se posicionando no mundo interacional como alguém que está de bem com seu corpo, apesar da reprovação de terceiros, o que culmina com a avaliação que fecha sua segunda narrativa (linhas 47-48). Embora o humor a que a entrevistada recorre possa, num primeiro momento, ser compreendido como uma estratégia de acobertamento para lidar com a tensão de sua situação de estigmatizada (Goffman, 1963), parece-nos que esse entendimento não é corroborado na interação.

Quanto à análise do nível 3 de posicionamento, ou seja, a observação de como o falante torna relevante no aqui e agora da interação alguns significados socialmente disponíveis (De Fina 2013), Renata parece reivindicar ser posicionada como alguém que enfrenta as dificuldades. Embora tais dificuldades se coloquem, como observado na análise do nível 1 de posicionamento, creio que ela pretenda ser compreendida interacionalmente como alguém que é capaz de superar suas dificuldades, o que não foi por mim contestado. Ou seja, os posicionamentos que Renata reivindica seja no mundo da história, no mundo interacional ou, mais amplamente, no mundo social apontam para seu sucesso ao transitar num mundo excludente.

2º excerto (8'17" até 11'30"): "Eu tinha que zoar pra ninguém me perturbar"

Esse excerto foi retirado de uma entrevista individual realizada em 24/09/2013 com Célio, um homem bem-humorado de 38 anos, que encontro pela primeira vez na instituição. Obeso desde a infância, ele está inscrito na fila da cirurgia bariátrica em três hospitais públicos da cidade do Rio, embora seja morador de Volta Redonda.

O tema da escola surgiu em nossa conversa porque Célio vinha me contando como precisou trocar algumas vezes de emprego em virtude da grande obesidade. Após ocupar diferentes funções, todas ligadas à área de tecnologia, Célio trabalhou como professor de informática em seu último emprego, do qual se encontra licenciado por motivo de saúde.

01	Claudia	você se recorda assim no seu tempo de moleque na
02		escola assim de alguma situação de- de bullying, ou
03		alguma situação engraçada que você passou por conta do
04		peso?
05	Célio	por conta do peso? calça rasgar
06	Claudia	é mesmo?
07	Célio	é [calça] desgasta muito nas pernas assim
08	Claudia	como é que foi [isso?] ((risos)) como é que foi isso?
09	Célio	((risos)) você vai desgastando muito a perna, a coxa fica
10		encostando no outro
11	Claudia	sei
12	Célio	e nessa de- você fazer muito brincar, de jogar bola,
13		fazê-rasgou a calça, ah então um colega meu teve que ir
14		na minha casa, buscar calça pra mim botar, que eu fiquei
15		sentadinho((risos)), quietinho, pra ninguém ver((risos))
16	Claudia	paradinho((risos)) ninguém soube
17	Célio	((rindo muito))
18	Claudia	só ele ((risos))
19	Célio	só ele, mas ele riu muito da minha cara
20	Claudia	((rindo muito))
21	Célio	ele foi na minha casa, que eu morava-meu colégio era,
22		nessa época- nesse dia, que eu morava próximo, então,
23		ele foi lá, e:, buscou a calça pra mim, minha mãe deu
24		uma bermuda pra ele lá, e aí foi isso
25	Claudia	((risos))
26	Célio	fora as outras brincadeiras, igual eu comentei contigo,
27		sobre-sobre- fazia-como é que era?(.) tinha um
28		ventilador na sala de aula, eu chegava antes, ou
29		colocava pó de mico, na sala, eu <u>era</u> zoeiro, eu tinha que
30		zoar, pra ninguém me perturbar, eu-
31	Claudia	você já usava [isso]
32	Célio	[eu]já usava pra mim poder me defender,
33		então as meninas que era baixinha, eu zoava mesmo, quem
34		tinha orelha grande, eu olhava, quem tinha olho grande,
35		eu zoava mesmo, e era gordo, "ô gordo", "ô gordo", "ô
36		gordo"((imitando os colegas)), tanto é que quando eu-
37		quando eu era mais adolescente, tinha essa fase de
38		escrever nos cadernos dos colegas e tal, era "Célio o
39		gordo", é apelido- eu mesmo me apelidava, tanto é que o

40		apelido não pegou, não pegou
41	Claudia	ah:o apelido não pegou?
42	Célio	não pegou, não pegou, porque eu mesmo falava "Célio, o
43		gordo", "Célio, o gordo", "Aqui o Célio o gordo, ó?", aí
44		meu apelido pegou como-com, com Bart (.) daí todo mundo
45		me chama, minha esposa me chama, familiar me chama, por
46		Bart
47	Claudia	((risos))
48	Célio	não sei se tem a ver com Bart Simpson
49	Claudia	ahan
50	Célio	mas é Bart, sou levado e tal
51	Claudia	entendi
52	Célio	tanto é que no Facebook é Célio Bart, a senhora vai
53		encontrar lá, no convite de casamento, tem escrito Célio
54		Bart ((inaudível))nome
55	Claudia	pros- pros convidados [saberem] quem era ((risos))
56	Célio	[saber]((gargalhando))
57	Claudia	ai,meu-
58	Célio	engraçado que não coloquei meu nome completo não, Célio
59		Bart, de casamento, tal tal tal, minha esposa tem o nome
60		completo, mas beleza
61	Claudia	você foi expulso de seis colégios-[que você falou]
62	Célio	[seis colégios]desde o
63		quinto ano até completar o terceiro eu fui expulso (.)
64		mas por medida de- de- as notas sempre foram altas, não
65		é altíssimas, mas tem um desempenho bem- né- legal, né,
66		mas bom, né, e, mas as notas não eram ruins,eu tinha
67		sempre uma quedinha, pros, pras exatas, né, então,
68		gostava
69	Claudia	hum hum
70	Célio	e de ler? sempre gostei de ler, então eu sempre me dava
71		bem, num tava, num tava fazendo nada em casa, tava
72		lendo, tava fazendo alguma coisa, mas na rua, no
73		colégio, professora saía(.)taquei fogo no-no, na
74		lixeira, tacava bombinha na sala de baixo, entrava na
75		outra sala, tocava peido alemão
76	Claudia	((risos))
77	Célio	é, na janelinha,é, a gente já foi pego,por professor, já
78		me levou, abaixava a cabeça, não respondia o professor,
79		nunca fui de responder professor(.)
80	Claudia	cê assumia que [tinha] feito bobagem mesmo
81	Célio	[assumia]com certeza, ficava quietinho.

Dentre as diferentes entrevistas geradas, meu encontro com Célio destaca-se pela profusão de histórias que apresenta e pelos turnos longos que ele assume durante nossa interação. Creio que isso se verifique provavelmente porque alguns dos eventos que ele menciona gozem da característica de reportabilidade estendida (Linde, 1993) ou porque ele já tenha estado repetidas vezes envolvido com situações de entrevista, pois, como me relata no início do nosso encontro, já ocupou diferentes cargos em diferentes empresas. Logo, creio que Célio tenha acumulado conhecimento que lhe permite saber o que se espera de alguém envolvido nesse tipo de prática discursiva (Pennycook, 2010). Nesse excerto, ele me conta três histórias: a calça rasgada (linha 5 até 24), o apelido (metade da linha

36 até 60) e o comportamento na escola (linha 26 até metade da 36 e linha 62 até 81).

Tomando conceitos labovianos como ponto de partida para a delimitação dessas narrativas, temos uma primeira história que se apresenta muito próxima da estrutura clássica prevista em Labov e Waletzky (1967). Inicialmente, Célio apresenta um resumo (linha 5), onde anuncia o tema sobre o qual fará seu relato. Posteriormente, temos uma orientação (linha 7 até “fazê”, na linha 13), em que Célio me dá informações sobre o uso de calças compridas por obesos. Daí, inicia-se a ação complicadora a partir de “rasgou” (linha 13) e se estende até “lá” (na linha 24), com uma sequência de ações no passado, como previsto por aqueles autores. Entretanto, ocorre uma interrupção da ação complicadora em que Célio me apresenta uma nova orientação que se inicia em “que eu morava” (linha 21) e finaliza em “então” (linha 22). Nesse trecho, Célio me dá informações sobre a distância da escola até sua casa. Finalmente, ele apresenta uma coda, trazendo a ação de volta para o presente (Labov, 1972) por meio da expressão “e aí foi isso” (linha 24). Quanto à avaliação nessa narrativa, penso que ela não apareça como uma seção explícita, como previsto no modelo Labov e Waletzky (1967), mas como uma estrutura secundária que perpassa todo o relato, como sugerido em Labov (1972). Ademais, essa estrutura avaliativa não me parece representada por um trecho de fala propriamente dito, mas pelos risos dos participantes motivados pelo ponto narrativo que equivale aqui à tematização do lado cômico do cotidiano escolar de um obeso.

Diferentemente da clara delimitação da primeira história, a segunda e a terceira parecem estar entrelaçadas, ou seja, a história do apelido (segunda história) integra o relato de Célio sobre seu comportamento escolar (terceira história). Desse modo, ele interrompe a terceira história para trazer, na linha 13, uma narrativa sobre o modo como conseguiu “driblar” um apelido escolar jocoso - “gordo” - e impor um outro com o qual ele parece simpatizar, a ponto de adotá-lo em seu convite de casamento e em sua conta numa rede social. Se usamos uma terminologia laboviana, como o fizemos no caso da primeira história, me parece que a narrativa sobre o apelido (segunda história) integra a seção de orientação da história sobre seu comportamento escolar (terceira história), já que se trata de uma maneira de preparar seu ouvinte para a ação complicadora da terceira história, onde conversaremos sobre suas seis expulsões da escola. Assim, a história do

apelido - cujo ponto aponta para a construção por parte de Célio de sua força e agentividade para lidar com a adversidade - parece ser uma história dentro de outra história, com o propósito interacional de me preparar para o nível de atitudes de indisciplina que motivarão suas punições escolares.

Para a construção dessa imagem de força, a estratégia linguística de repetição do termo “Célio, o gordo” merece atenção. Conforme apontado por Pennycook (2010), ao buscarmos compreender o funcionamento do discurso com um olhar para a geração de novos significados, precisamos estar atentos àquilo que se repete. Isso se dá porque o que se repete não está simplesmente se remetendo a um sentido cristalizado. O novo lugar e a nova situação de uso do termo instauram outros significados que possibilitam aos usuários de um código discursivo construir-se diferentemente (vide capítulo 4). Esse processo de transmutação e ampliação de significados parece dar conta da atitude de Célio que, ao se apropriar e repetir um chamamento pejorativo, torna-se seu “dono” e o coloca para funcionar de outra maneira. Portanto, “Célio, o gordo” é o colega popular que escreve mensagens nos cadernos dos amigos, o que traz uma conotação positiva a um chamamento, geralmente pejorativo, em função da firme decisão de Célio de apropriar-se dele e ressignificá-lo.

Além da articulação com a história do apelido (segunda história), a narrativa de Célio sobre seu comportamento escolar (terceira história) parece apontar para uma outra peculiaridade. Trata-se de uma narrativa onde há pouca quantidade de ação complicadora (linhas 28, 29, 73 e 74, por exemplo) e, uma grande quantidade de orientação e avaliação que estão, por vezes, misturadas e sobrepostas. Tal situação parece sinalizar que o foco de Célio em sua terceira narrativa é muito menos referencial que avaliativo, pois, mais importante que mencionar as circunstâncias que motivaram a sua expulsão de seis colégios, ele parece estar interessado em construir um pano de fundo em relação ao qual pretende que eu compreenda suas ações de indisciplina. Observe-se, por exemplo, que sou eu quem estabelece o tópico da exclusão escolar (linha 61) sobre o qual ele comenta de forma lacônica antes de voltar a avaliar o tipo de aluno que era (linha 64). Ademais, ao construir essa avaliação/orientação, ele interrompe a informação que me daria sobre a “medida de disciplina” (linha 64) tomada pelas escolas das quais foi excluído.

Esse movimento narrativo traçado por Célio ao recontar seu comportamento escolar ecoa uma percepção enunciada em Labov e Waletzky (1967) sobre uma das possíveis funções das avaliações: promover o auto engrandecimento do narrador. Tal ponto nos abre caminho à análise da construção identitária de Célio com base no modelo de posicionamento em três níveis proposto por Bamberg (1997). Assim, no nível 1, em que a análise está focada na relação entre os personagens no mundo da história, ele contrapõe um posicionamento negativo de aluno bagunceiro que “colocava pó de mico na sala” e “era zoeiro” com características tidas como positivas no universo escolar. Dentro dessa perspectiva, ele constrói seu protagonismo ao destacar suas características de aluno popular que escrevia mensagens nos cadernos dos colegas, que gostava de ler e que não respondia mal ao professor. Esse posicionamento positivo de Célio no mundo da história não é contestado por mim no mundo interacional (nível 2 de posicionamento), já que minhas breves intervenções apenas dão continuidade às histórias que ele conta (linhas 31,49 e 69, por exemplo) ou demonstram meu interesse pelo que está sendo narrado (linha 41). A única pergunta genuína que faço, na linha 61, é um pedido de esclarecimento sobre um assunto no qual ele havia tocado informalmente antes da entrevista. Mesmo se tratando de uma pergunta sobre algo que poderia posicioná-lo negativamente - ser expulso - esse posicionamento é apagado em função das qualidades positivas que ele insere em sua réplica. Esse posicionamento positivo sobre si que ele propõe no nível interacional parece acatado por mim quando destaco uma atitude normalmente valorizada nas relações interpessoais: assumir que errou.

Ao ampliarmos o foco de análise para o nível 3, no intuito de observar a correlação entre o que se diz localmente e a ordem macro discursiva, creio que o investimento de Célio na construção de uma posição de valor junto a mim (nível 2) sinaliza o nível de dificuldade que o obeso enfrenta para circular no mundo escolar. Tal dificuldade pode acontecer concretamente - por uma calça que rasga durante brincadeiras, por exemplo - ou de modo subliminar pela mera presença da diferença. Quanto à intolerância com os diferentes na escola (ponto já debatido na análise do primeiro excerto), Célio a utiliza como instrumento de defesa fazendo chacota de outros colegas tidos como diferentes (linhas 29 até 35) que provavelmente passavam por sofrimento semelhante ao seu. É justamente esse

sofrimento que motiva suas ações de indisciplina e pode exemplificar o nível de manobras a serem feitas pelos obesos para que circulem no mundo social, embora Célio – assim como Renata no excerto anterior - pareça reivindicar uma construção identitária de contestação e força para lidar com as adversidades.

6.3

Mobilidade urbana

1º excerto (5'35 até 8'00) “A pessoa gorda não tem vantagem nenhuma, não tem vantagem em nada”

Essa sequência faz parte de uma entrevista individual realizada com Marta, uma mulher de 47 anos em 12/03/13 e veio em reposta à minha indagação sobre como Marta chegou à ONG pela primeira vez. Em seu relato, ela tematiza um assunto frequentemente abordado por outros obesos: a dificuldade de uso de transportes públicos por grandes obesos.

01	Marta	aí, conclusão(.) o meu marido pegou o endereço com o
02		Evandro, ((outro paciente da ONG)) na semana seguinte ele
03		me trouxe
04	Claudia	que legal
05	Marta	só: que você fica pensando assim “será que ele vai poder
06		me trazer todo dia? como é que eu vou conseguir chegar
07		aqui se ele não puder me trazer?” é muita coisa que
08		pa:ssa na cabeça do <u>gordo</u> -vamos falar logo GORDO
09		porque: ((...)) passa <u>muita</u> coisa na cabeça do gordo, e eu
10		fiquei me perguntando “como é que eu vou chegar <u>aqui</u> o
11		dia que ele não puder me trazer? ((...)) aí eu falei pra
12		ele “cê me leva de ônibus um <u>dia</u> ”, entrei por trás no
13		ônibus, quan-eu-quando eu fiz isso, que o motorista
14		parou e tal que abriu a porta e eu consegui entrar, eu
15		falei assim “eu tô em casa porque eu quero ((...))”
16	Claudia	cê viu que cê tinha como circular
17	Marta	eu tinha como circular, eu tava- <u>eu</u> me limitei de sair
18		pros lugares que eu ia me divertir, com medo da catraca
19		do ônibus, com medo da roleta(.)entendeu? ((...)) aí eu
20		falei “não”, aí eu cheguei aqui e falei, falei com dona
21		Rosa, cheguei aqui falei tudo que tava se passando
22		comigo (.) que eu precisava de um lugar assim, tanto que
23		quando eu fico muito-meu marido fala que eu tô meia(sic)
24		maluca, quando eu fico muito tempo longe daqui, eu fico
25		meia- aí mesmo é que <u>piora</u>
26	Claudia	você vem aqui já-frequenta aqui já há quanto tempo?
27	Marta	num tem muito tempo não vai fazer dois anos (.)ou já
28		fez, um negócio assim, vai fazer ou já fez (.) aí eu
29		falei-aí ele falou “vou te levar de <u>ônibus</u> e vou te
30		deixar-aí vou te ensinar a ir de <u>trem</u> ” (.) só que no
31		trem também tem uma catraca GIGANTE (.) e o bequinho que
32		você passa no trem é <u>isso</u> ((faz um gesto com as mãos em
33		concha, indicando um espaço pequeno))

34	Claudia	é muito justo mesmo [já vil]
35	Marta	[entendeu?], aí eu falo "caraca, eu
36		vou ter que me <u>enfiar</u> naquele buraquinho, eu não quero
37		saber que bicho que vai dar" (.) e por aí foi (.) quando
38		ele pensa que eu tô lá:, eu já tô aqui há muito tempo
39		"ah, tu vai pra ONG?", "não, já <u>estou</u> na ONG" "ué", e por
40		aí foi, assim eu consegui me libertar, mas até eu chegar
41		a esse <u>ponto</u> eu discuti com um homem na <u>rua</u> o homem
42		falou que eu tava ocupando a calçada toda porque eu era
43		obe:sa
44	Claudia	meu deus
45	Marta	é: a pessoa gorda não tem vantagem <u>nenhuma</u> , não leva
46		vantagem em NADA (.) entendeu?

Nesse excerto em que me conta sua chegada à ONG levada pelo marido, Marta pontua seu relato por longos trechos de avaliação, nos quais lança mão de diferentes estratégias discursivas - como veremos a seguir - para construir seu argumento de que o mundo é injusto com os obesos.

Dentro da proposta do modelo laboviano, observamos que das linhas 1 a 3, Marta apresenta uma orientação em que ela identifica os personagens da história e fornece uma informação temporal ("aí, na semana seguinte"), o que, segundo Labov (1972), são duas das funções das orientações nas narrativas. Entretanto, ao invés de partir para a ação complicadora, ela introduz uma avaliação (da linha 5 até metade da linha 11) que reflete não apenas uma apreensão pessoal para lidar com uma situação aparentemente banal do cotidiano, como também uma constatação de que o obeso tem de pensar sobre questões que não estão na agenda das pessoas em geral. Nesse trecho, o foco de Marta parece ser me convencer sobre as dificuldades, por mim não imaginadas, que povoam o imaginário dos obesos. Para tanto, ela usa dois artifícios linguísticos.

Primeiramente, ela usa o recurso do discurso direto (linhas 5 a 7), o que, segundo Bauman (1986), desloca o ato do contar para o re-atuar uma situação. Nesse caso, ela está re-atuando suas apreensões por meio do questionamento que se coloca. O segundo artifício usado por Marta é a repetição (linhas 8 a 10) de que muita coisa se passa na cabeça do gordo. A repetição de termos está apontada em Labov (1972) como uma das maneiras de se fazer avaliações. Observe-se que esses processos acontecem, inclusive, concomitantemente na avaliação de Marta, reforçando-se um ao outro.

Na metade da linha 11 ("aí, eu falei pra ele..."), Marta inicia a ação complicadora com uma sequência de frases no passado, como previsto no modelo Laboviano, mas novamente interrompe a sequência da ação para introduzir uma

avaliação (linha 15) por meio, novamente, do uso do discurso direto. Nessa avaliação, Marta reflete sobre a situação de exclusão dos estigmatizados tematizada em Goffman (2012 [1963]), mas não associa tal exclusão à dificuldade na gerência dos contatos mistos, dentro de uma perspectiva relacional. Em lugar disso, ela parece atribuir sua exclusão a uma razão física e individual: a inadequação de seu corpo à catraca do ônibus. Tal perspectiva está provavelmente ancorada na lógica de responsabilização dos sujeitos pelo manejo de seu corpo, o que apaga a marca do social, como já debatido.

Um ponto que merece destaque nesse trecho avaliativo é o fato de ser interacionalmente construído, visto que se estende até a linha 19 em função do meu comentário na linha 16. Se adotarmos o modelo dos posicionamentos em três níveis para a análise do trecho em que Marta relata sua superação, observamos que ela busca se posicionar no mundo da história (nível 1) como agente de seu destino, pois seus questionamentos a fizeram vencer o medo da catraca, entrar no ônibus e chegar à ONG onde conhece Rosa. Essa posição agentiva no mundo da história, linguisticamente construída pelo intenso uso de verbos em primeira pessoa (“falei”, “entrei”, “fiz”), parece ser por mim ratificada no mundo interacional (nível 2). Isso se dá, por exemplo, pelo comentário que faço, na linha 16, que colabora para a construção de um momento em que ela toma consciência (linha 17 até 19) sobre sua responsabilidade por seu isolamento. Assim, ao ratificar sua posição de agência, ajudo Marta a chegar a uma espécie de epifania que a liberta de uma angústia que “passa na cabeça do gordo”- como ela anunciara anteriormente - e lhe permite circular.

Na linha 19 (“aí, eu falei...”), Marta retoma a ação complicadora que se estende até a linha 22, ainda se posicionando como agente, talvez como resultado de sua epifania alcançada anteriormente. Ao invés de percebermos aí a Marta que tem medo da catraca do ônibus, estamos agora frente a um sujeito que assumiu o controle de seu destino, o que se evidencia linguisticamente pela repetição dos verbos “chegar” e “falar”, novamente em primeira pessoa (linhas 20 e 21).

Embora pareça ter havido um ponto de virada na história de Marta quando ela vence o medo da roleta e chega para o atendimento na ONG, ela novamente interrompe a sequência de eventos, para introduzir uma nova avaliação (linhas 22 até 25). Nessa avaliação, entretanto, não é apenas a voz de Marta que se ouve, mas ocorre um encaixamento do julgamento de uma terceira pessoa ausente nesse

evento: o marido. Tal procedimento também é apontado em Labov (1972) como recurso avaliativo e tem uma natureza cultural. Assim, a inserção da fala reportada do marido em sua história parece sinalizar o peso da opinião dele sobre a vida dela.

Note-se que foi justamente ele a pessoa que descobriu o endereço da ONG e a levou lá pela primeira vez. Embora o verbo escolhido para reportar a opinião do marido seja o verbo “falar” de sentido mais neutro (Bauman, 1986), o uso da fala reportada trouxe-o à cena e ofuscou a posição de agência que Marta reivindicara no mundo da história. Isso fica mais destacado nas linhas 24 e 25 quando ela corrobora a opinião do marido sobre sua sanidade.

Na linha 26, minha pergunta traz novamente Marta para o centro da cena, mas ela me responde de forma breve, quase lacônica, e reintroduz o marido (linhas 29 e 30) de forma mais enfática dessa vez, o que se revela pelo uso do discurso direto com manutenção do tempo verbal. Segundo Bauman (1986), esse procedimento traz o marido mais fortemente para o evento do que seria feito com o uso do discurso indireto. Esse movimento discursivo parece reposicionar Marta no mundo da história, pois contraria a identidade de agência que Marta reivindicava ao enfrentar o medo da catraca do ônibus.

O reposicionamento de Marta no mundo da história é reforçado ainda pela decisão do marido de levá-la de trem à ONG (linha 30), o que desperta nela novos temores a respeito do pouco espaço disponível na catraca. Tal temor se revela discursivamente por seu gesto com as mãos, indicando pouco espaço ou por sua escolha lexical – se “enfiar num burquinho” (linhas 35 e 36).

A partir da metade da linha 36 (“eu não quero saber...”), Marta tenta novamente reivindicar um posicionamento mais autônomo tanto no mundo da história quanto no mundo interacional. Na linha 40, por exemplo, ela verbaliza que “conseguiu se libertar”. Entretanto, sua fala é pontuada pelo uso do discurso direto, trazendo o espanto do marido com o fato de ela já estar na ONG, como que surpreso pela capacidade dela em realmente conduzir sua vida de forma autônoma. Penso que essa dúvida não confirme o posicionamento que ela reivindica.

Finalmente, Marta fecha sua narrativa com duas avaliações negativas que se retroalimentam sobre a condição do obeso: a introdução de uma micro narrativa sobre a discussão com um homem na rua (linhas 41 até 43) e uma afirmativa

direta (linhas 45 e 46), considerada por Labov (1972) como uma avaliação semanticamente definida. Com a afirmativa de que a “pessoa gorda não leva vantagem em nada”, Marta oferece uma espécie de conclusão não apenas sobre sua situação como obesa, como das outras pessoas em igual condição. Ao narrar uma situação pessoal, Marta oferece um exemplo de como o mundo se organiza, o que consiste num tipo de ponto avaliativo de uma história (Linde, 1993) que, nesse caso, parece ser o desprestígio social dos obesos.

Ainda com relação às micronarrativas acima, creio que novamente apontam para a correlação entre os três níveis de posicionamento propostos por Bamberg (1997). Assim, por meio da posição dos personagens na história da discussão com o homem na rua (nível 1), Marta se localiza em relação à ordem macrodiscursiva (nível 3) ao declarar que “a pessoa gorda não leva vantagem em nada”. Por sua vez, essa localização desprivilegiada dos obesos percebida nesses dois níveis impacta negativamente na sua construção identitária na nossa interação (nível 2) como alguém que se libertou. Observe-se que, diferentemente do que se verificou na linha 16 em que colaborei para a construção identitária da “Marta que se liberta”, meu comentário na linha 44 parece servir para ratificar a percepção de Marta sobre o desprestígio dos grandes obesos.

2º excerto (8’ até 10’) “Num fizeram roleta pra obesidade mórbida”

Diferentemente da sequência anterior, em que a história contada por Marta aparece numa entrevista individual, analiso nesse excerto uma narrativa de Odete que emergiu espontaneamente durante uma entrevista com foco no grupo, realizada após a reunião semanal com a nutricionista em 16/04/2013. Como motivação para a discussão no grupo, utilizei dois artigos de revista que tematizavam os perigos das dietas de celebridades. Na verdade, não chegamos a ler os artigos, mas conversamos sobre imagens de atrizes magras consideradas glamourosas que ilustravam as reportagens e foi nessa conversa que emergiu a história aqui analisada.

01	Lia	de primeiro, eu descia o ônibus(.)”pera aí que vai
02		descer uma gorda”, isso meu marido mesmo “é que vai
03		descer uma gorda”, isso quando eu entrava no ônibus,
04		agora nem entro, aí por fim eu gritava “pera aí que eu
05		tô descendo, eu sou <u>gorda</u> ”. eu já saia <u>abrindo</u> caminho

06		sabe pá pá pá, abrindo caminho. Eu <u>andava</u> , então eu
07		achava assim tá vendo, eu <u>andava</u> , minhas roupas eram
08		menor, e eu <u>achava</u> que eu era gorda. [isso é ()
09		preconceito]
10	Odete	[eu acho que que eu
11		acho também]
12	Lia	[isso atrapalha a gente também]
13	Odete	[eu acho] o que eu acho difícil
14		também, é assim, por exemplo...que nem-eu dependo muito
15		de ônibus,né que lá onde eu <u>moro</u> , lá em Friburgo, então
16		a gente tem que- se você quiser ir no centro da cidade,
17		tem que pegar ônibus a pé ce vai demorar muito pra
18		chegar
19	Claudia	Ê
20	Odete	[então que que acontece, que que acontece]
21	Lia	[()maravilhoso ()Friburgo]
22	Odete	você vai, você vai pra você pegar um ônibus, tem que
23		passar na roleta, <u>todos</u> os ônibus têm roleta, então quer
24		dizer, eu fui passar na roleta, o rapaz- eu queria
25		passar pela porta da frente, o motorista não deixou eu
26		passar,"passa por trás", falei "eu não vou passar",
27		passei, tentei passar, aí não tem aquela tampa de <u>vidro</u> ?
28		quebrou, falei "agora quem vai pagar"? o motorista falou
29		"você vai pagar" eu falei " <u>eu</u> pagar?" "se eu tô
30		avisando que eu quero passar pela porta da frente,
31		porque eu não passo na roleta,se- vocês tem que fazer
32		uma roleta que dá pra obeso passar porque eu sou
33		<u>gorda</u> ...né, então cês têm que fazer uma roleta que dá
34		pra pessoa passar... cês fazem essa roleta que é só pra
35		magro- na vida de vocês só existe magro né...
36		então agora quebrou- agora como é que vai ser?" aí, é
37		desde esse <u>dia</u> agora eu entro pela porta da frente,na
38		rodoviária
39		((risos))
40	Odete	é,pela porta da frente, na rodoviária-quando eu chego na
41		rodoviária, eu já chamo o fiscal,o fiscal >abre uma
42		porta< de vidro, que é uma porta de vidro, né, abre,
43		onde é as senhoras com bebezinho, as pessoas
44		descadeirados, né, então ele abre ali e eu entro por
45		ali, agora falei, "na <u>roleta</u> , não passo mais, >agora<
46		cês vão brigar, vão fazer o que que vocês quiser, vão me
47		levar pra cadeia, vão fazer o que vocês quiser, agora,
48		não-"
49	Lia	num fizeram roleta pra obesidade mórbida-
50	Odete	num-
51	Lia	num fizeram
52	Odete	[num fizeram]
53	Lia	[(inaudível) todas nós]
54	Odete	todos ônibus que eu entro, [eu quebro aquela parte]de
55		trás
56	Lia	[(inaudível)]nunca vi
57	Odete	no ônibus do (inaudível)lá onde eu moro-
58	Lia	existe roleta?
59	Odete	o trocador-
60	Lia	[pra obesidade, para obeso]
61	Odete	[o trocador já me conhece]eles já- já me conhece <u>tanto</u>
62		por que quando eles vê que é eu, eles abrem a porta da
63		frente-
64		[(inaudível)]
65	Ruth	[mas cê tem que entrar pela frente]
66	Odete	aí vou lá, vou lá pago minha passagem
67	Ruth	(inaudível)
68	Claudia	parece que

69		((trecho inaudível em que muitas pessoas falam ao mesmo tempo))
70		
71	Claudia	que eles acham que o mundo, só tem gente assim
72	Ruth	[só]
73	Odete	[exatamente]
74		((risos))
75	Lia	não, eu era assim, eu era assim ((mostrando imagem da modelo da revista))
76		
77	Claudia	()do fotoshop, o pessoal do fotoshop

Analiso aqui a história contada por Odete que aparece como uma segunda história à narrativa de Lia (linhas 1 a 6) a quem coube estabelecer o tópico da dificuldade para o grande obeso no uso do ônibus. Por se tratar de uma segunda história, observamos um movimento interacional, identificado por Garcez (2001) como trabalho sociológico para narrar. Ou seja, aquele que conta uma história precisa solicitar a suspensão de turnos temporariamente, assim como garantir a atenção de seus interlocutores. Daí, a existência de falas superpostas (linhas 8 a 13) e de repetição de termos (linhas 10, 13 e 20), diferentemente do que acontece na entrevista com Marta.

Quanto à dificuldade para o uso dos transportes públicos, Lia se posiciona frente a sua audiência (nível 2 de posicionamento) como alguém que sucumbiu a ela ao declarar que agora nem entra no ônibus (linha 4). É justamente no intuito de refutar essa posição e, conseqüentemente, reivindicar uma construção identitária de contestação que Odete engrena sua narrativa. Diferentemente de Lia, Odete busca se localizar junto a seus interlocutores (nível 2) como alguém que foi à luta e contornou uma situação que poderia excluí-la do mundo social.

Uma estratégia linguística adotada por Odete ao buscar construir sua agentividade diz respeito ao uso da fala reportada em discurso direto, tanto sua quanto do motorista, entremeado por verbos no passado (“falei”, “passou”, “quebrou”) que imprimem um ritmo ágil ao relato, o que me parece colaborar para que mantenha o piso conversacional. Por meio do uso desse recurso performático (Bauman, 1986), Odete constrói o mundo da história (nível 1), em que se localiza como a heroína que corajosamente enfrenta o motorista (linhas 25 a 36) e que estabelece um *modus operandi* com o fiscal da rodoviária (linha 40 a 45). Tendo construído seu protagonismo no mundo da história, Odete reivindica junto a seus interlocutores uma posição de coragem, o que se revela, por exemplo, na atitude de enfrentar até o risco de ser presa por se negar a passar na roleta (linhas 45 a 48). Desse modo, o protagonismo no nível 1 de posicionamento dialoga com a

posição de superação que ela reivindica junto a seus interlocutores (nível 2), oferecendo-lhe sustentação. Além disso, na interação, a posição de Odete parece ratificada quando Lia retoma o turno (linha 49) e emite a opinião de que os transportes públicos não foram preparados para receber grandes obesos. Trata-se de uma avaliação da narrativa de Odete que corrobora sua construção identitária de superação das dificuldades. Nesse sentido, os posicionamentos de ambas com relação ao difícil trânsito dos obesos no mundo social (nível 3) coincidem, o que parece exemplificado pela repetição de termos de uma pela outra das linhas 49 a 52.

Entretanto, não obstante a posição de ambas frente ao mundo no sentido de reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelos obesos, Odete reivindica no mundo interacional (nível 2) uma construção identitária de coragem e resistência, o que difere da construção identitária reivindicada por Lia ao desistir de usar o ônibus (linha 4). Assim, não obstante o reconhecimento da dificuldade que pontuou as histórias trazidas por ambas, creio que as construções identitárias de Lia e de Odete não coincidam, pois a primeira aponta para a constatação do estigma da obesidade, ao passo que a outra aposta na sua contestação.

Se compararmos esse excerto com o anterior, cujo tema também diz respeito ao uso dos transportes públicos pelos obesos, penso que há uma espécie de gradação quanto à agentividade reivindicada pelas narradoras e ratificada pelos interagentes em suas construções identitárias. Lia não me parece mobilizada em apresentar-se como alguém que superou obstáculos. Marta está mobilizada, mas traz um personagem à história - o marido – que mitiga seu projeto. Odete, por sua vez, parece bem sucedida em construir sua superação que está ratificada na história (vide o “combinado” com o fiscal da rodoviária) e por seus interagentes.

6.4

Relações afetivas

1º excerto (9' 43" até 11' 50") “Você fica com a obesidade tanto na sua cabeça, que ela não sai de você”

Essa sequência foi extraída de uma entrevista individual realizada em 24/09/2013 com Ísis, uma mulher solteira de 21 anos, a quem solicito que me

conte suas histórias sobre bullying por se tratar de um tema que ela mencionara numa entrevista com foco no grupo realizada 15 dias antes. Como resposta ao tópico que sugiro, Ísis me conta diferentes histórias em que sua obesidade foi um entrave nas suas relações sociais.

01	Ísis	aí eu tava até falando com elas que eu tinha perdido
02		peso e tal, aí elas ficaram <u>bem</u> felizes, aí eu falei
03		"mas ainda não faz diferença", "cla:ro que faz
04		diferença", porque tem aquela coisa também do emagrecer
05		e se olhar no espelho, eu não me vejo mais magra do que
06		eu tava há um mês, mas eu sei que eu tô por causa das
07		roupas, porque você fica co:m a obesidade tanto na sua
08		cabeça, que ela não sai de você, ela sai do seu corpo,
09		mas num sai da sua cabeça (.) ih- questão do bullying,
10		eu já fui pro parque aquático, subi num - tava na boia-
11		piscina de onda (.) aí o menino falou assim, é: virou
12		pra namorada dele e falou assim "olha lá, uma boia em
13		cima de outra boia, num sei como é que ainda num
14		afundou"
15	Claudia	gratuitamente?
16	Ísis	de olhar, é
17	Claudia	que coisa
18	Ísis	de olhar e julgar (.) é o olhar e julgar, eu já ouvi
19	Claudia	peessoas que nem te conheciam, nem [convivem com você]
20	Ísis	[nunca me viram, nunca
21		me viram]
22	Claudia	falam esse tipo de coisa, meu Deus
23	Ísis	mas eu acho que <u>pior</u> , é quando vem de quem você gosta,
24		das pessoas que convivem com você (.) e tal. é, eu, por
25		exemplo, é tinha num era um namorado, era mais ou menos,
26		eu não gostava <u>dele</u> , mas ele falou que sempre gostava de
27		mim, sempre gostou. só que eu num acreditava que ele
28		gostava de mim por causa do meu corpo, que ele era muito
29		bonito, ele malhava e tal. aí passou um tempo, eu
30		comecei a gostar dele, a gente começou a namorar(.) só
31		que quando foi- ele foi na minha casa conhecer minha
32		família, só que quando foi pra conhecer a família <u>dele</u>
33		ele falou "Ísis, desculpa, mas não vai dar (.) num vai
34		dar pra gente, pra eu te levar na minha casa, pra eu te
35		assumir como namorada e tal" aí eu perguntei "por que?"
36		aí ele "porque meus amigos num vão aceitar, eu vou ser
37		motivo de chacota, motivo de piada". isso <u>acabou</u> comigo,
38		eu fiquei <u>arrasada</u> eu fiquei muito tempo sem falar com
39		ele, a gente voltou a se falar agora (.) só que mesmo
40		assim eu falei pra ele que eu num quero aproximação com
41		ele, porque ele me magoou de um jeito que pouca gente
42		consegue me magoar
43	Claudia	e na verdade <u>ele</u> que tinha começado a gostar de você
44		primeiro
45	Ísis	[é]
46	Claudia	[meu Deus]
47	Ísis	ele falou "eu gosto muito de você, mas- assim- no dia
48		que você emagrecer, quem sabe". aí eu falei pra ele "no
49		dia que eu emagrecer, eu num vou querer você(.) porque
50		eu vou querer uma pessoa que tivesse me aceitado do
51		jeito que eu era antes"

Nesse excerto, Ísis menciona três histórias: a reação das primas a sua perda de peso (linha 1 à 4), a experiência no parque aquático (linha 9 à 22) e a recusa do namorado em apresentá-la a seus familiares (linha 23 à 51). A primeira história apresenta orações no passado e o uso do discurso reportado, que são elementos característicos das narrativas como abordadas nesse trabalho. Tal história parece se tratar de uma narrativa mínima num dos raros momentos de nossa conversa em que Ísis traz à cena personagens que ela considera como seus aliados. Nessa narrativa breve, seu ponto parece ser a construção de um ambiente familiar de acolhimento por meio do encorajamento oferecido pelas primas, o que linguisticamente aparece por meio do uso do advérbio “bem” intensificando o adjetivo “felizes” (linha 2) e pelas marcas prosódicas tanto em “bem” quanto no adjetivo “claro” (linha 3).

Em oposição a esse panorama de conforto doméstico, Ísis passa a relatar duas outras histórias cujo ponto parece o mesmo: a dificuldade de relacionamento interpessoal experimentada pelos grandes obesos. Além dessa semelhança no que se refere ao ponto narrativo, tanto a segunda quanto a terceira história apresentam maior nível de elaboração do que a primeira, uma vez que nelas se observam mais elementos previstos no modelo laboviano do que observado na história sobre as primas.

Considerando-se a narrativa do parque aquático (linha 9 à 22), temos uma orientação que se estende da metade da linha 9 (“ih”) até metade da linha 11 (“onda”), em que a narradora apresenta o local de sua ação. Na metade da linha 11, a conjunção “aí” inicia a ação complicadora que creio se estender até a linha 14, quando a narração é por mim interrompida. Essa interrupção inicia um movimento interacional, que acontecerá de forma bastante semelhante na terceira história, de ratificação de um posicionamento reivindicado por Ísis que aponta para a construção de sua identidade de obesidade. Ademais, esse movimento interacional, que se estende da linha 14 até a linha 22, aponta para a compreensão do entrevistador como participante de um encontro social no qual identidades são negociadas como resultado da própria interação. Fica, assim, marcado o caráter da entrevista como momento de estabelecimento de um confronto de perspectivas, donde emergem as compreensões que os participantes têm de si e do mundo, tema já debatido nesse trabalho.

Na linha 23, Ísis retoma o turno e inicia a avaliação de sua narrativa motivada, provavelmente, por minha reação de surpresa frente à chacota feita pelo menino na piscina de ondas. Esse trecho avaliativo (linhas 23 e 24), por sua vez, parece servir para puxar a história do namorado que funciona como um outro exemplo, nas próprias palavras da entrevistada (linhas 24 e 25), de dificuldades nos encontros em que uma das pessoas é obesa. Com relação a essa terceira história, Ísis inicia seu relato por meio de uma orientação, que se estende até a linha 29, em que me fornece detalhes sobre o personagem com quem contracenava. Diferentemente da segunda história em que o importante era local da ação - o parque aquático - para o significado que ela pretendia construir junto a mim, o que interessa aqui é o delineamento daquele que será seu algoz. Nesse processo, Ísis usa o corpo como referencial de valoração do rapaz ao recorrer à “malhação” (linha 29) como critério de validação de sua beleza. Assim, além de cancelar o significado positivo dos cuidados com o corpo na contemporaneidade (vide seção 2), Ísis corrobora o lugar negativo do corpo obeso nas relações afetivas ao declarar não acreditar poder ser amada em função de sua condição corporal (linhas 27 e 28).

Na linha 29, inicia-se a ação complicadora com a introdução da conjunção “aí” e se estende até a linha 37. Na linha 38, Ísis apresenta avaliação da narrativa que termina na metade da linha 39 (“com ele”) e inicia a resolução da narrativa que finaliza juntamente com a segmentação de excerto, embora a resolução tenha sido interrompida por meu pedido de esclarecimento (linhas 43 e 44).

Feitas essas considerações sobre as três histórias identificadas no relato de Ísis, passo agora a tematizar seu uso do discurso direto. Embora, essa estratégia discursiva já tenha sido debatida nos excertos anteriores, creio que o modo como está sendo aqui manejada pela narradora mereça atenção porque gera dois efeitos diferentes que irão contribuir para sua construção identitária. No relato da fala do menino do parque aquático e nas palavras do namorado o discurso direto constrói a noção de um lugar desfavorável para o obeso. Entretanto, quando relata suas próprias palavras (linhas 48 à 51), a narradora parece reagir ao preconceito que costuma experienciar. Assim, ela contesta a posição de exclusão a ela atribuída e reivindica uma agência até então inédita em nossa conversa. Apesar de se tratar de um futuro hipotético, Ísis esboça uma reação à atitude do namorado de negar-

lhe a chance de um relacionamento, diferentemente daquilo que me relatou sobre a situação na piscina de ondas.

Quanto aos efeitos do uso da fala relatada em nossa interação, creio oportuno retomar a perspectiva apresentada em Tannen (1989) de que o relato das palavras usadas por outrem em outra ocasião não é um mero relato de conteúdo, mas uma ressignificação que acontece quando um trecho discursivo é recuperado numa outra situação. Desse modo a autora defende o uso do termo “discurso construído”¹⁵, o que ressalta a co-construção do significado e a relação entre a situação relatada e o momento interacional. Isso se dá porque o processo ativa dois contextos concomitantes – o contexto reportado e o contexto onde se dá o relato (Tannen, 1989). Além disso, o uso do discurso direto toca novamente na questão da repetição que instaura o novo dentro da perspectiva defendida por Pennycook (2010), já discutida anteriormente. Portanto, na repetição das falas do menino, do namorado e de sua própria, Ísis apresenta sua visão sobre o lugar do obeso e sua reação a esse lugar.

Isto posto, passo a discutir o excerto à luz do modelo dos posicionamentos em três níveis com vistas a aprofundar minha observação do processo de construção identitária de Ísis. Com relação ao nível 1 de posicionamento, que focaliza o mundo da história, observamos que a entrevistada traz à cena diferentes personagens cujos pontos de vista ela habilmente manipula por meio do uso discurso direto, como já discutido. Tais personagens parecem ocupar diferentes status na história, ou seja, servem a diferentes funções: enquanto as primas aparecem como uma espécie de aliadas quando posicionam Ísis positivamente por estar conseguindo perder peso, o menino do parque aquático e o namorado são seus antagonistas no mundo da história (nível 1 de posicionamento). Ao posicionar seus antagonistas na história, a entrevistada está de certa forma personificando a marginalização que sofrida pelos obesos na sociedade, o que aponta para o nível 3 de posicionamento, uma vez que ela usa seus exemplos de exclusão para reivindicar uma posição de alguém que reprova essa situação.

Quanto à atitude do namorado de romper o relacionamento, acreditamos exemplificar sua negação a vivenciar aquilo que Goffman (2012) chama “difusão

¹⁵ Não obstante a relevância da discussão levantada por Tannen quando advoga o uso do termo, optei pelas expressões “fala reportada” e “fala relatada” que creio serem mais frequentes nos trabalhos em linguagem. Ao usá-los, entretanto, estou compreendendo não se tratar tão somente do uso do discurso em sua função referencial (vide item 3, capítulo 4).

do estigma”. Segundo o autor, pessoas muito íntimas do estigmatizado costumam experimentar uma atitude negativa por parte da sociedade, como uma forma de estigma indireto, o que explica o temor do rapaz de se tornar motivo de “chacota e piada” (linha 37) ao assumir seu romance com uma obesa. Além disso, trata-se de uma ocasião em que fica bastante clara a inserção do que se diz localmente numa ordem discursiva mais ampla, onde circulam os discursos que estigmatizam o obeso e ameaçam também estigmatizar quem se relaciona com essa pessoa. Assim, o estigma se coloca como algo mais abrangente que uma marca individual, suscitando uma análise das relações sociais que o estigmatizado tem de gerenciar, como preconizado por Monteiro et al (2013). Afinal, é justamente no social que circulam sentidos negativos a respeito da obesidade e são esses sentidos que motivam o rapaz a romper o namoro.

Ao posicionar seus personagens na história e se posicionar frente ao mundo social, a entrevistada desperta minha solidariedade na interação (nível 2 de posicionamento). Logo, minha surpresa - percebida nas linhas 15, 17, 19 e na repetição da interjeição “meu Deus” (linha 22 e 46) - sugere que aceito na interação o posicionamento de vítima que minha interlocutora reivindica no mundo da história. Trata-se, novamente, de um exemplo do entrelaçamento dos diferentes níveis de posicionamento, pois o relato de Ísis gera um efeito na interação. Além disso, o modo como a entrevistada é posicionada desfavoravelmente no mundo da história, tanto pelo menino quanto pelo namorado, baliza a compreensão que ela tem sobre si no mundo social.

2º excerto (14’45” até 15’55”) “Nem toda menina queria ficar com um gordinho”

Esse excerto faz parte da mesma entrevista individual da qual foi retirada a 2ª sequência analisada na seção 2 deste capítulo. Nesse momento, Célio me relata sobre sua mudança para o turno da noite na escola em função de ter começado a trabalhar.

01	Célio	no período da noite, com a questão de de-
02		eu bebia muito(.)
03	Claudia	é mesmo?
04	Célio	terceiro [ano?]
05	Claudia	[quan]do cê já era adolescente, assim
06	Célio	é,aí eu comecei estudar a n-porque eu trabalhava
07	Claudia	hum hum
08	Célio	eu bebia <u>muito</u> (.)eu já tinha conta, tinha um bar em

09		frente do colégio, eu tinha conta
10	Claudia	é mesmo?
11	Célio	no bar (.)eu trabalhava, pagava minhas contas, às vezes
12		eu entrava até bêbado no colégio
13	Claudia	mentira, Célio, [é mesmo?]
14	Célio	[estudava] bêbado, estudava(.) isso foi-
15		foi muito marcante na minha vida, que eu era- às vezes,
16		eu fui deixando de fazer muita coisa por causa da
17		bebida, pra poder ficar mais- às vezes mais descolado
18		entre os alunos, ser melhor-
19	Claudia	hum hum
20	Célio	porque o gordo não é sociável, não é. o pessoal sempre,
21		sempre,dis- discrimina,num chama pra festa, num-então cê
22		tinha que ser descolado, então descolado era-né?
23	Claudia	se tivesse:, se tivesse tomado alguma coisi[nha]
24	Célio	[é]
25	Claudia	ficava legal
26	Célio	ficava bem, ou então pagava pra alguém, pagava pra
27		alguma menina (.) é- namoro era- claro que eu namorei,
28		mas não é tantas, é-porque nem toda menina queria ficar
29		com um gordinho (.) né, tinha que gostar mesmo
30		((risos))então ti-
31	Claudia	é u-é uma experiência de:, de, de exclu[são] muito
32		grande, né?
33	Célio	[é]
34	Claudia	que o gordinho passa, né?
35	Célio	é

Nessa sequência, Célio ainda se reporta aos tempos do colégio sobre o qual conversávamos no excerto analisado na seção 2. Entretanto, aqui ele não se refere especificamente a uma situação escolar. Seu relato aqui toca na questão de seu envolvimento com o álcool motivado por sua tentativa de se inserir socialmente. Assim como nos relatos de Ísis sobre o parque aquático e sobre o namorado, o ponto narrativo aqui também se refere à dificuldade dos relacionamentos afetivos para aqueles que não se encaixam nos padrões corporais socialmente valorizados.

Embora eu tenha optado por uma primeira abordagem dos excertos aqui reunidos com base nas características do modelo proposto por Labov e Waletzky (1967), a análise do trecho acima dentro dessa perspectiva suscita uma adaptação com relação a tal modelo já que aqui não se apresenta a sequência de orações no pretérito perfeito caracterizando a ação complicadora. Nesse sentido, o trecho aqui em questão parece mais próximo da abordagem sobre as narrativas habituais propostas em Riessman (2002), onde o pretérito imperfeito é bastante frequente, como ocorre aqui. Como já debatido, características que dizem respeito ao aspecto formal dos relatos estão sendo aqui flexibilizadas, uma vez que meu foco são os efeitos de uma história junto a sua audiência.

Ao seguirmos os mesmos procedimentos analíticos dos demais excertos, temos uma orientação que se estende da linha 1 até a linha 6 em que Célio me esclarece sobre o tempo dos acontecimentos que narra. Sua ação complicadora parece se iniciar na linha 8, porém a informação de que ele bebia já fora anunciada na linha 2. Possivelmente, naquele momento, ele já pretendia me contar sobre suas ações quando foi por mim interrompido na linha 3, o que retorna o seu foco o para o fornecimento de informações temporais. Talvez o adiamento da informação de que ele se envolveu com o álcool se deva não apenas a minha interrupção (linhas 3 e 5), mas ao fato de se tratar de algo doloroso sobre seu passado que o marcou negativamente, como ele próprio declara nas linhas 14 e 15. Uma outra marca que parece indicar seu desconforto para lidar com o problema do alcoolismo seja a existência de pausas nas linhas 2, 8 e 11 que sugerem uma certa hesitação por parte de Célio.

Posteriormente, na linha 8, Célio engrena sua ação complicadora que se estende até “estudava”(linha 14) e que é interrompida por ele para a introdução de um trecho avaliativo (de “isso” na linha 14 até “festa” na linha 21), onde Célio não apenas reflete sobre o impacto do álcool em sua vida como sobre a discriminação social dos obesos. Na linha 21, ele retoma a ação complicadora a partir da conjunção “então” na qual elenca outros elementos que o teriam motivado a beber. Essa ação complicadora é novamente interrompida na linha 30, mas dessa vez sou eu quem motiva uma nova avaliação da narrativa que se fecha na linha 35.

Na verdade, aqui me parece necessário novamente flexibilizar o modelo clássico laboviano, no qual a avaliação é parte do relato do narrador, e observar a forma como eu - a interlocutora – acabo impondo uma avaliação ao trecho, cabendo a Célio apenas a concordância com a minha opinião (linhas 33 e 35). Tal movimento interacional se relaciona à necessidade de abordagem das narrativas como ocasiões sociais de emergência de significados compartilhados e abre caminho à análise dos posicionamentos discursivos e, conseqüentemente, das construções identitárias dos participantes desse encontro no que tange ao tema da obesidade.

Na análise do posicionamento de nível 1, temos Célio como protagonista ao qual se contrapõem diferentes antagonistas. Entretanto, diferentemente do que ocorre na narrativa de Ísis sobre o namorado em que ela se dedica à construção

desse personagem - em termos físicos, inclusive - Célio apresenta aqui seus antagonistas de forma genérica como “o pessoal” (linha 20) ou “alguma menina” (linha 27). Ou seja, o que parece aqui importar para Célio não são as diferenças entre os antagonistas, mas a atitude de discriminação contra ele perpetradas. Assim, ele se posiciona no mundo da história como alguém que sucumbe ao vício do álcool na tentativa de ser convidado para festas ou arranjar namorada.

Ao se posicionar no mundo da história como vítima de um vício ocasionado pelo desejo de se inserir, Célio vai pouco a pouco traçando um panorama da dificuldade nos relacionamentos afetivos experimentada pelos obesos no mundo social (nível 3). Entretanto, não é Célio quem chega a essa compreensão sobre o mundo. Embora ele certamente sinta a experiência de exclusão, tanto que passa a beber de modo a contorná-la, sou eu a quem verbaliza (linhas 31,32 e 34). Assim, a história contada por Célio serve para motivar o meu posicionamento na interação (nível 2) de reconhecimento da sua dor quando me posiciono a respeito do lugar social do obeso. Tal movimento, por sua vez, aponta para a relevância do foco nas interações discursivas quando pretendemos compreender as construções identitárias.

6.5

Consumo

1º excerto (19’33”até 21’): “Olha, vocês têm cara que gostam disso...”

Esse excerto faz parte da mesma entrevista individual de onde foi extraído o 1º excerto da seção 4 desse capítulo. Nesse ponto de nossa conversa, Ísis me conta essa história para exemplificar a forma como os obesos são sempre lembrados de sua condição em situações cotidianas as mais variadas.

01	Ísis	até quando eu e Darlene((a amiga que a levou para a
02		GRACO))tava saindo daqui uma vez ,acho que foi na
03		segunda vez que a gente veio (.)a gente pega o ônibus
04		ali na Brasil, aí parou um vendedor de doce assim aí
05		ficou batendo com um biscoito na gente, “olha, vocês têm
06		cara que gostam disso, <u>toma</u> , <u>compra</u> ” (.)ela ficou assim
07		arrasada, porque foi um dia que ela já num tava bem, que
08		ela ti- que ela em vez de ter perdido ela ganhou
09		peso(.)e ela num tava bem e ele ficou batendo nela e eu
10		falei “não Darlene, num liga, num, num, relaxa”, “Ísis,
11		mas olha o que ele fez com a <u>gente</u> ” , eu falei “é
12		porque ele vê duas gordinhas <u>juntas</u> , aí ele pensa que
13		ele pode chegar e fazer isso”

14	Claudia	nossa e é o tempo todo, né, Ísis?
15	Ísis	pior que é
16	Claudia	o tempo todo, né?
17	Ísis	pior que é (.) é: <u>sempre</u> . não é uma coisa que dá:
18		<u>trégua</u> . que para e fica, sei lá dá um tempo de um mês,
19		todo dia que cê anda na rua, tem alguém pra te olhar
20		torto, todo dia... e acho que quando é <u>novo</u> , a gente é
21		nova, sempre tem preconcei- sempre tem aquela coisa
22		"você tem um rosto tão bonito, mas se você
23		emagrecesse...se você emagrecesse aí sim você seria
24		bonita".
25	Claudia	é e o problema <u>todo</u> , é que a gente é exposto o tempo
26		todo a um padrão de beleza muito <u>massacrante</u> ,né, sempre
27		dessas modelos dessas coi-
28	Ísis	eu falo, eu falo, "eu não tenho que vestir 40, 36
29	Claudia	é verdade, é
30	Ísis	eu não preciso vestir 40, 36.

A narrativa que aqui analiso se inicia na linha 1 da sequência e se fecha na linha 20. Dentro da perspectiva de iniciarmos a análise pelo modelo laboviano, temos uma seção de orientação (linhas 1 até 4) em que a narradora me fornece informações sobre personagens (ela e uma amiga), o momento sobre o qual faz seu relato (na segunda vez em que foi à instituição) e o local da ação (na avenida Brasil). A ação complicadora inicia-se com a introdução da conjunção “aí” (linha 4) e se estende até “todo dia” (linha 20). Encontramos aí uma sequência de orações no passado, indicando tanto as atitudes do vendedor (“parou”, “ficou batendo”) quanto de Ísis (“falei”). Como em alguns excertos anteriormente analisados, destaca-se aqui o uso da fala reportada em discurso direto como recurso que traz o passado do mundo da história para o momento da interação, o que confere dramaticidade ao relato (Bauman, 1986).

A ação complicadora, entretanto, é interrompida com a introdução da conjunção “porque” (linha 7) e a entrevistada me fornece uma nova orientação em que apresenta informações adicionais sobre uma das personagens. Nessa nova orientação, que se estende até a linha 9, Ísis me relata sobre o desapontamento de sua amiga com o ganho de peso aferido durante a consulta na instituição, o que interfere crucialmente nos significados que juntas construiremos a partir de sua história. Na linha 9, a conjunção “e” sinaliza a retomada da ação complicadora que se estende até a linha 13 e que traz, novamente, um intenso uso da fala relatada. Na linha 14, a minha tomada de turno inicia um movimento interacional que me parece semelhante ao observado no 1º excerto da seção 3 desse capítulo, onde eu e Marta construímos conjuntamente a avaliação da narrativa. Assim, o meu comentário na linha 14 “puxa” o trecho avaliativo, que se segue até o

fechamento da narrativa, em que eu e Ísis colaboramos na construção do ponto narrativo cuja temática gira em torno da triste constatação de que a discriminação contra o obeso “não dá trégua”.

Ao passarmos a uma análise do mesmo trecho sob a perspectiva do modelo dos posicionamentos em três níveis, observamos que Ísis posiciona Darlene como protagonista, a quem se alia, e o vendedor de biscoitos como antagonista no mundo da história (nível 1 de posicionamento). Ao se posicionar na história como aliada e, conseqüentemente, como suporte emocional para Darlene, Ísis parece reivindicar em nossa interação (nível 2 de posicionamento) a posição de alguém que se compadece do sofrimento da amiga, procurando aliviá-lo com o pedido de que não ligue para a provocação do vendedor de biscoitos. Mais do que alguém que apazigua uma situação difícil, Ísis se apresenta, em nossa interação, como uma pessoa que chega a entender a atitude desrespeitosa do vendedor com relação a Darlene como algo que faz parte da visão que as pessoas têm dos obesos. Sua posição de compreensão como tentativa de suporte para a amiga cujo sofrimento ela busca atenuar parece exemplificada no nível linguístico pelo uso do diminutivo “gordinhas” (linha 12). Trata-se de um eufemismo que acaba por “suavizar” a ação desrespeitosa do vendedor.

A posição não combativa de Ísis no mundo da história e no mundo interacional, por sua vez, parece apontar para seu posicionamento com relação ao mundo social (nível 3 de posicionamento) no que tange a obesidade. Em primeiro lugar, ela parece aceitar o incômodo causado pelo corpo obeso (Le Breton, 2012), também discutido no 1º excerto da seção 2 desse capítulo, como algo natural, especialmente quando afirma que o ocorrido se deve à presença de “duas gordinhas juntas” (linha 12). Além disso, ao compreender a insistência do vendedor para que a amiga comprasse o biscoito - observe-se o uso do imperativo em “toma” e “compra”, na linha 6, pronunciados com ênfase - a entrevistada ratifica a noção do alimento como um bem inserido na lógica da sociedade de consumo e, portanto, passível das “manobras” para a venda feitas pelo rapaz, não importando os significados sobre a obesidade que estavam ali sendo construídos.

Tal posição de Ísis, entretanto, não me parece corroborada nem no mundo da história e nem no mundo interacional. Assim, tanto a observação de Darlene em fala reportada (linhas 10 e 11), quanto meu comentário na linha 14 podem sinalizar a contestação de uma posição de aceitação da discriminação. Ademais,

ao me posicionar na interação como alguém que se indigna com um “padrão de beleza muito massacrante” o “tempo todo” (linhas 25 e 26), acabo por fomentar um reposicionamento de Ísis com relação ao mundo social, visto que no final do excerto ela afirma e repete (linhas 28 e 30) que não tem de ser obrigada a se enquadrar num manequim considerado padrão. Portanto creio estar aqui novamente marcada a importância de um olhar interacional sobre a dinâmica das construções identitárias.

2º excerto (1’04” até 3’27”) “Aqui não tem roupa pro seu tamanho”

Essa história foi contada por Valéria, 49 anos, durante entrevista com foco no grupo realizada em 10/09/2013, após reunião semanal com a nutricionista. Diferentemente do meu procedimento no encontro com o grupo gravado anteriormente em que usei reportagens sobre celebridades para motivar a discussão, inicio a entrevista aqui solicitando que aqueles que se sintam a vontade contem histórias sobre suas experiências como obesos. A primeira a se voluntariar é Valéria, cuja história apresento a seguir.

01	Valéria	meu nome é Valéria, eu tenho 49 anos e (.) um dia lá no-
02		no centro de Caxias, eu fui comprar uma roupa pra minha
03		sobrinha que ela ía casar, sobrinha até: duma vizinha,
04		assim, foi criado junto lá em casa e ela me chamava de
05		tia, aí no- próximo ao casamento ela “tia, vamos lá em
06		Caxias pra gente comprar uma roupa”(.)aí eu fui,
07		cheguei, aí ela sentou assim pra consertar a sandália
08		numa- num banquinho, que é uma rua, é no calçadão. aí eu
09		entrei na loja tinha uma vendedora assim em pé, aí eu
10		falei pra ela “bom dia”((em tom exclamativo)), aí ela
11		olhou assim pra mim, “aqui não tem roupa pro seu
12		tamanho”((em tom de pouco caso)), não “aqui não tem
13		roupa pra você”-
14	Claudia	antes de te dizer bom dia
15	Valéria	an- é, aí eu falei de novo, aí, eu digo, acho que ela
16		não me entendeu, aí “bom dia”((mais animada do que da
17		primeira vez)), aí ela falou assim “senho:ra, eu já
18		falei que aqui não tem roupa-” eu num- eu num era nem
19		senhora ainda, tinha trinta e: dois anos
20	Claudia	meu [Deus
21	Valéria	[“senho:ra, aqui não tem roupa pra- pro seu
22		tamanho”,aí eu disse “minha filha, mas eu só te dei bom
23		dia eu num- eu num perguntei assim não, eu nem falei o
24		que que eu quero aqui, mas tudo bem”, aí chamei-aí minha
25		sobrinha viu que eu tava lá ficando nervosa,aí ela
26		“calma, tia, calma”, aí eu falei assim “eu nem ía
27		comprar roupa pra mim, eu ía comprar pra ela, que ela
28		vai casar”(.) aí ela “ah tá, então bom dia”, aí eu falei
29		assim “agora não”((falando pra si)). eu fiquei nervosa,
30		aí eu falei com ela “eu queria que você tirasse alguns

31		vestidos pra ela experimentar“(.) mas também fiz isso
32		como uma pirracinha, mandei ela tirar <u>dezesesseis</u> vestidos
33		da vitrine, não levei um
34	Claudia	pra se vingar ((risos))
35	Valéria	é aí ((inaudível)) tinha que me satisfazer pessoalmente
36	Claudia	é verdade ((risos))
37	Valéria	depois perguntei a ela “você ganha por comissão?”, ela
38		falou assim “ah, eu ganho”, aí eu falei “ah, então tá”.
39		como lá tem <u>várias</u> lojas, aí eu fui em outra loja,
40		comprei o vestido, comprei a meia, comprei a lingerie do
41		dia, voltei lá na loja, e real- dei bom dia, “ah, é bom
42		dia”, é di- já ficou meia(sic) assustada, eu disse “olha
43		só, o valor da compra que eu fiz, você deixou de ganhar
44		uma boa comissão, tá. agora da próxima vez, quando as
45		pessoas te darem(sic) bom dia, você se apresenta (.) faz
46		o seu jeito de vendedora ‘bom dia’ e ‘olha, meu nome é
47		Fulana, se eu preci-, se a senhora precisar de alguma
48		coisa, me pergunta, né, que eu tô à disposição’ ”
49		((trecho inaudível em que várias pessoas falam ao mesmo
50		tempo))
51	Valéria	mas eu tomei um susto, aquilo me abalou profundamente-
52	Claudia	eu ima[Gino
53	Valéria	[que depois de tudo isso, eu chorei muito em casa

Diferentemente do excerto anterior, em que o obeso é construído como bom consumidor e, por isso recebe uma “atenção especial” do vendedor de biscoitos, o que percebemos aqui é uma situação de invisibilidade das pessoas obesas. Ou seja, diferentemente da indústria alimentícia, o setor de vestuário não parece incluí-las como participantes nas relações de consumo. Penso que a atitude da vendedora guarde semelhanças com o que teoriza Bauman (2008) sobre a seleção de consumidores que se dá na sociedade contemporânea. Segundo o autor, embora estejamos todos inseridos numa lógica de mercado, as empresas desenvolvem mecanismos para excluir clientes menos aptos a “permanecer no jogo do consumo” (Bauman, 2008:11) por representarem uma classe de “consumidores falhos” (idem). Essa situação se daria basicamente por uma limitação financeira, o que não parece ser o caso aqui de acordo com Valéria (linhas 39-44). Aqui é a sua condição corpórea que invalida seu lugar.

A narrativa que aqui analiso se inicia com a conjunção temporal “um dia (linha 1), após a apresentação da entrevistada e se encerra na linha 53 com uma coda que apresenta a peculiaridade de não apenas trazer a ação para o presente, mas também de avaliar o evento narrado. Embora se trate de uma narrativa extensa contada numa reunião de grupo, Valéria não precisou negociar a suspensão temporária dos turnos, como o fez Odete no 2º excerto da 3ª seção desse capítulo, provavelmente porque foi a primeira a se voluntariar a

compartilhar sua história, ou seja, não havia outras histórias em andamento quando deu o seu relato.

Iniciada na linha 1, a ação complicadora se estende até quase o final do excerto (linha 48) e é bastante característica do modelo laboviano clássico, pois as ações das personagens aparecem basicamente no pretérito perfeito e numa sequência que parece ser idêntica à ordem cronológica dos eventos. Na apresentação dessa sequência, destaca-se o uso da conjunção “aí” como praticamente o único marcador temporal presente na narrativa. Essa longa ação complicadora, entretanto, vai sendo interrompida em diferentes pontos para a apresentação de orientações e avaliações. Com relação às orientações, por exemplo, a narradora esclarece sua relação de parentesco com outra personagem (linhas 3-5), fornece informações sobre o local de sua ação (linhas 8 e 39) e apresenta a personagem que será sua antagonista (linha 9).

Quanto às avaliações da narrativa, que também pontuam a ação complicadora, elas aparecem quando a narradora reprova a atitude da vendedora de considerá-la uma senhora (linhas 18-19), quando reconhece a “vingança” (linhas 31-32 e 35) contra a vendedora e quando fala do impacto que a situação lhe causou (linhas 51 e 53). Embora os três trechos me pareçam avaliativos, pois nos remetem ao ponto narrativo – a injusta exclusão do obeso do mercado da moda – creio que nos dois primeiros casos ocorra uma sobreposição das funções de avaliação e orientação. Assim, ao mencionar sua idade (linhas 18-19) e assumir sua “pirracinha” (linhas 31-32 e 35), Valéria está não apenas emitindo uma opinião sobre o que vivera, mas também me fornecendo informações adicionais sobre personagens. Por outro lado, nas linhas 51 e 53, a avaliação nos traz o efeito da situação sobre a entrevistada, o que, provavelmente, causará efeitos sobre sua construção identitária e nos abre caminho à análise dos posicionamentos discursivos.

Com relação ao mundo da história (nível 1 de posicionamentos), Valéria se posiciona como a protagonista a quem cabe grande parte das ações - observe-se a predominância de verbos na voz ativa em primeira pessoa. Quanto a sua sobrinha, a narradora a posiciona como uma espécie de personagem de suporte, ou seja, trata-se de alguém que lhe é solidária quando, por exemplo, a acalma (linhas 25-26), mas que está numa posição inferior a ela no mundo da história, pois dela depende. Assim, Valéria acompanha a sobrinha às compras, mas decide o que a

moça vai experimentar (linhas 30-31) e parece ser quem paga pelas compras (linhas 40-41), o que sugere a reivindicação de um posicionamento agentivo por parte da entrevistada.

Em oposição a seu protagonismo, Valéria posiciona a vendedora como sua antagonista por meio de diferentes procedimentos. Primeiramente, a narradora atribui a ela ações que ela compreende como moralmente reprováveis. Tal significado parece por mim ratificado quando observamos minha perplexidade ao pedir um esclarecimento sobre a atitude da vendedora (linha 14) ou por meio da minha interjeição (linha 20). Nesse ponto, inclusive, parece haver uma sobreposição dos níveis 1 e 2 de posicionamentos, pois trata-se de um momento em que o mundo da história gera efeitos na interação. Assim, a injustiça que a protagonista experimenta no mundo da história motiva meu posicionamento de solidariedade a ela como minha interlocutora na interação, o que se observa, por exemplo, quando admito que ela se vingue (linhas 34 e 36).

Além de apresentar as ações moralmente reprováveis da vendedora, Valéria recorre a um outro procedimento para a construção de posições antagônicas no mundo da história. Trata-se aqui de recursos de natureza paralinguística quando a narradora reporta a fala da vendedora. Ao repetir a informação recebida da vendedora de que não há roupa para seu tamanho na loja (linhas 11-13), Valéria vai conferindo nuances à fala de sua antagonista que intensificam seu sentimento de injustiça, o que “justifica”, frente a seus interlocutores, seu desejo de vingança. Nesse sentido, ela inclui no trecho reportado o vocativo “senhora” com vogal alongada (linhas 17-18) e, posteriormente, enfatiza esse mesmo termo com alongamento de vogal. Da mesma forma, a palavra “tamanho” (linha 22) também é pronunciada com ênfase, o que colabora para o sentido de não acolhimento da pessoa obesa no mercado de roupas que Valéria construía junto a seus interlocutores. Assim como a referência a ações moralmente reprováveis, tais procedimentos linguísticos e paralinguísticos causam impacto no posicionamento dos personagens no mundo da história e dos interlocutores no mundo interacional. Além disso, a atribuição de posições na história e a tomada de posições na interação interferem em nosso posicionamento de nível 3, pois fundam as bases para que ambas nos posicionemos como pessoas que reconhecem e reprovam a discriminação experimentada pelos obesos.

6.6

Família

1º excerto (23'01 até 26') "Eu sinto também que eu tô dando um pouco de trabalho assim, pra eles em casa"

Esse trecho traz, novamente, Ísis à cena e faz parte da mesma entrevista individual da qual foram analisados outros excertos em que ela aparece como participante. Esse excerto veio como resposta à pergunta feita por mim quanto a seus planos de se submeter à cirurgia bariátrica, pois alguns dos pacientes da ONG têm o objetivo de emagrecer investindo numa mudança de estilo de vida e na reeducação alimentar. Sua resposta é negativa, já que, após a cirurgia, ela avalia que terá de se submeter a severas restrições alimentares que envolverão esforços, tanto de sua parte quanto de sua família.

Para ilustrar tais esforços, ela apresenta narrativas em cascata (sobre a irmã, sobre o casamento da mãe e sobre um futuro emprego) cuja semelhança é a construção de seu posicionamento como a causa de um problema. Tal posicionamento do entrevistado é diferente do que se apresentou nos demais excertos em que os narradores seguiam a tendência prevista em (Labov e Waletzky, 1967) de se apresentarem sob uma luz favorável. Assim, a narradora aqui se constrói como algoz e é a minha tentativa de contestar, na interação, essa posição desfavorável que me motivou a analisar esse trecho.

01	Ísis	eu sei que vou ter que fazer a minha família sofrer
02		muito dentro de casa pra poder se adaptar a mim, por
03		exemplo, nesse processo de reeducação alimentar , a
04		minha família já tá sofrendo muito[(poderia)]-
05	Claudia	[ah mas eu] não sei se
06		tá sofrendo, às vezes também tá ganh- a família também
07		tá ganhando,(.) [né, Ísis]
08	Ísis	[eu num sei] porque eu
09		escuto assim minha irmã- minha irmã é muito magrinha (.)
10		aí eu escuto minh- minha irmã falando assim, minha irmã
11		tem onze anos(.)"poxa, mãe, eu queria um bolo" aí minha
12		mãe "não, não vou fazer, Clara", porque elas não
13		conversam na minha frente, mas eu escuto elas conversar.
14	Claudia	Ah, mas eu acho sabe o quê, Ísis, que a gente também tem
15		uma: uma visão assim de que: ter a despensa cheia de
16		biscoito, ter bolo na casa, num sei o quê ((voz
17		estilizada)), isso é que é se alimentar bem, não é. ce
18		sabe que eu-
19	Ísis	não é, mas é que você tirar de uma criança biscoito
20		essas coisas assim-

21	Claudia	ah: [mas tem outras] coisas boas
22	Ísis	[eu sei que faz] bem pra ela, eu sei que faz bem pra
23		ela-
24	Claudia	nê? o tanto de fruta que cês já devem tá consumindo na
25		ca:sa-
26	Ísis	é(.) fruta graças a Deus [ela come bem]
27	Claudia	[de suco], então
28	Ísis	mas ela,[mas ela sente f-]ela sente falta
29	Claudia	acho que [ela tá ganhando]
30	Ísis	por exemplo, minha mãe começou a dar dinheiro pra ela
31		pra ela poder comprar na rua (.) pra pelo menos matar um
32		pouquinho a vontade dela, porque minha mãe também falou
33		"num vou restringir ela demais, porque ela já faz a
34		dieta do engorda, né, ela tem onze anos é alta(.) e pesa
35		29 quilos, ela é muito magrinha...ela já fez
36		nutricionista,a gente fazia a mesma nutricionista, eu
37		pra perder peso e ela pra ganhar. aí e a nutricionista
38		falava pra minha mãe "é, pra você é uma situação <u>bem</u>
39		complicada"-
40	Claudia	é:ter que lidar com essas duas situações
41	Ísis	balancear a alimentação(.) pra uma ganhar e a outra
42		perder(.)tá difícil (.) ih, não é só, é, por exemplo
43		acho que causa um estresse também no casamento da minha
44		mãe (.) porque minha mãe é separada, mora com outra
45		pessoa que é o pai da minha irmã e ele também <u>gosta</u>
46		dessas coisas assim,por exemplo ele tava falando esses
47		dias pra minha mãe "poxa, Vânia, faz lasanha", aí minha
48		mãe falou "eu não vou fazer lasanha(.) porque é <u>massa</u> ,
49		massa vai fazer a Ísis querer comer mais, e tal", mas aí
50		eu falei pra minha mãe "ta-também não posso falar pra
51		vocês 'não comam', eu tenho que aprender a lidar com
52		isso", porque não vai ser a vida inteira que vai ter, um
53		dia eu vou, gra-um dia, em nome de Jesus, eu vou arrumar
54		um <u>emprego</u> , tô atrás de estágio, eu vou ter que almoçar
55		na ru:a, eu vou ter que aprender a lidar com o que tem
56		lá, num vai te:r-
57	Claudia	aos poucos você vai entrando nesse- [nessa dosagem],né
58	Ísis	[não vai ter
59		legume]eu vou ter que balancear, com o que tem, com
60		pouco, vou ter que saber fazer escolhas (.) ,fez lasanha,
61		eu não como arroz, feijão que nem comia antigamente e um
62		pedacinho de lasanha, como só a lasanha, vou ter que
63		aprender a conviver, ou eu abro mão da lasanha e almoço
64		(.) aí minha mãe falou, mas mesmo assim, ela fica meio
65		assim de fazer e causar tentação em casa(.) então eu
66		sinto também que eu tô dando um pouco de trabalho assim,
67		pra eles em casa

Ao iniciarmos a análise das narrativas a partir da observação de características previstas no modelo laboviano, temos aqui duas histórias que se aproximam desse modelo: a primeira sobre a irmã e a segunda sobre o casamento da mãe da entrevistada. Embora Ísis também se engaje na narração sobre um futuro emprego, optei por não analisá-la nesse primeiro nível de discussão, em que tomo a proposta laboviana como ponto de partida, por se tratar de uma narrativa hipotética (linhas 52-63). Entretanto, tal história será aqui abordada quando eu passo a tecer considerações sobre os posicionamentos discursivos.

As duas primeiras narrativas, embora diferentes em estrutura e extensão, são semelhantes no que se refere ao ponto narrativo, pois são ambas usadas por Ísis como exemplos (linhas 2-3 e 42) dos problemas que causa em seu contexto familiar em função da obesidade. Quanto ao ponto atinente às duas narrativas, creio que ele já se anuncie nas quatro primeiras linhas do excerto, onde o narrador - diferentemente do previsto pelo modelo laboviano - inicia seu relato pela avaliação daquilo que irá contar.

Esse problema parece adquirir uma tonalidade mais grave porque, segundo a narradora, a grande vítima dessa situação é sua mãe a quem cabe gerenciar as dificuldades domésticas advindas da situação da filha obesa. Ou seja, é a mãe quem tem de lidar com a dificuldade de negar bolo à filha mais nova (linhas 11-12), lasanha ao marido (linhas 47-48), assim como tem de acompanhar as duas filhas com necessidades tão diferentes à nutricionista (linhas 36-42). Observe-se que ao relatar a fala da nutricionista em discurso direto (linhas 38-39) e, ainda, reforçar a ideia de dificuldade com o uso do advérbio de intensidade (“bem”), Ísis reforça o “ônus” que sua mãe tem de gerenciar. Quanto à presença da fala reportada nesse trecho, creio exemplificar uma observação destacada em (Labov e Waletzky, 1967) sobre o uso do julgamento de uma pessoa ausente como um tipo de avaliação da narrativa. Assim, a fala da nutricionista retoma e sustenta o ponto narrativo da dificuldade familiar causada por Ísis anunciada na avaliação que abre a narrativa, como já comentado.

Sob a perspectiva de adaptação do modelo laboviano na análise da história da irmã, temos, então, uma avaliação que abre a narrativa (linhas 1-4) e que é por mim interrompida (linhas 5-7). Ao retomar o turno, Ísis inicia a ação complicadora que se estende até “tá difícil” (linha 42). Essa seção, em que ela me relata sobre a irmã magra que frequenta uma nutricionista e fica privada dos alimentos que gostaria de comer, apresenta algumas peculiaridades em relação a narrativas mais canônicas. Primeiramente, trata-se de um trecho em que há frequentes interrupções das ações, não apenas para a inserção de orientações (linhas 9, 11 e 34, por exemplo) que me fornecem dados sobre a personagem da irmã, mas, principalmente, para que o narrador avalie o que conta. Assim, Ísis interrompe seu relato para fazer avaliações semanticamente definidas (Labov e Waletzky, 1967) quando discorda que se tire biscoito de uma criança (linhas 19-20). Além disso, outro recurso avaliativo que usa diz respeito à repetição de

informações, também prevista em Labov e Waletzky (1967), como acontece quando me conta a idade da irmã (linhas 11 e 34) ou quando afirma que “ela é muito magrinha” (linhas 9 e 35). Observe-se que o advérbio “muito” encontra-se, inclusive, intensificado na linha 35, o que reforça o caráter avaliativo por parte da narradora a respeito do peso da irmã. Ainda com relação a essa primeira narrativa, creio que ela se encerre com uma nova avaliação “tá difícil”(linha 42) que, novamente, retoma o ponto avaliativo anteriormente mencionado.

Ainda sob a perspectiva de adaptação do modelo laboviano, passo a considerar a história sobre o impacto da obesidade de Ísis sobre o casamento de sua mãe (linha 42-52). Como já dissemos, trata-se de mais um exemplo trazido pela entrevistada para ilustrar os incômodos familiares desencadeados por uma pessoa obesa. Assim como na primeira história, creio que essa narrativa se inicie com a seção de avaliação que se inicia em “ih” (linha 42) e se fecha em “mãe” (linha 44). Posteriormente, a narradora insere uma orientação que se estende de “porque” (linha 44) até “assim” (linha 46), em que ela me esclarece sobre o novo relacionamento de sua mãe. Na linha 46, inicia-se a ação complicadora que se encerra em “comam” (linha 51), seguida por uma resolução expressa no trecho “eu tenho que aprender a lidar com isso”. Quanto a essa resolução, creio que ela anuncie o ponto da narrativa que se seguirá, onde Ísis imagina um futuro hipotético no qual aprende a “balancear” (linha 59) e “conviver” (linha 63) com os alimentos que podem lhe tornar obesa. Trata-se de um momento feliz, que ela opõe aos difíceis momentos de “antigamente” (linha 61), cuja construção parece decorrer do movimento dos posicionamentos discursivos que emergiram no curso da interação.

Passando, portanto, à análise de como Ísis e eu fomos negociando posições ao longo do excerto, observo que ela inicia nossa interação reivindicando, no mundo da história (nível 1 de posicionamentos) a posição de algoz que impõe sofrimento a sua mãe, como já dissemos. Nesse sentido, a construção sintática da primeira frase topicaliza Ísis como agente do sofrimento da família, já que ela usa a primeira pessoa do singular para se referir ao sentimento que provocará. Assim, a afirmação de que sua família vai passar por dificuldades caso ela opte pela cirurgia bariátrica se torna mais contundente quando ela afirma, em primeira pessoa, saber que vai ter que fazer a família sofrer (linha 1).

A posição radical que ela reivindica como causa de um problema, por sua vez, não parece ratificada por mim, visto que interrompo seu turno na linha 4 – note-se aí, inclusive, a sobreposição de falas – para refutar seu posicionamento e propor a ela uma nova compreensão sobre si. Assim, estou na interação (nível 2 de posicionamento) propondo para ela um novo lugar na história que me conta (nível 1 de posicionamento) que pode impactar na sua posição como obesa no mundo (nível 3 de posicionamento). Minha primeira tentativa de reposicioná-la discursivamente parece não acatada por ela que retoma a interação com a narrativa sobre a irmã (linha 8), onde, novamente, se posiciona como alguém que infringe sofrimento a alguém. Minha tentativa de reposicioná-la sugere que, em lugar de me solidarizar à posição desfavorável que Ísis reivindica no mundo da história – como ocorre no excerto em que analiso a narrativa sobre o parque aquático – tento propor novos sentidos sobre o comer, num movimento que se inicia na linha 14 e se fecha na linha 29, buscando construir com ela um sentido positivo para sua convivência familiar.

Minha tentativa de propor um novo posicionamento para Ísis no mundo da história não parece bem sucedida num primeiro momento. No trecho que se estende das linhas 14 à 29, observamos a existência de turnos curtos, interrompidos e com falas sobrepostas, o que sugere a intensa negociação de posições dos interlocutores que divergem a respeito do tema comida. Tais posições discrepantes sugerem que os sentidos sobre alimentação com os quais eu e Ísis operamos estão informados por diferentes discursos sobre alimentação. Assim, os significados trazidos por Ísis à interação parecem equiparar uma vida feliz a uma liberdade para a ingestão de alimentos doces; ou seja, a ideia do açúcar como recompensa, o que aparece em diferentes festividades da nossa cultura (a páscoa, o saco de guloseimas nas festas de aniversário, entre outras). Eu, por outro lado, recorro a sentidos informados pelos discursos do “nutricionalmente correto” e da boa forma, valorizados hoje sobremaneira na mídia (Contreras e Gracia, 2011).

Embora nutrir-se seja uma necessidade humana primária, claro está hoje para a antropologia social que os alimentos estão repletos de significações (Contreras e Gracia, 2011) construídas por diferentes grupos segundo a região que habitam, a época em que vivem, a classe social a que pertencem etc. Logo, as pessoas podem atribuir diferentes valores ao que se come e é isso que está em

jogo quando eu e Ísis discutimos sobre aquilo que ela compreende como sofrimento para sua irmã. Tal perspectiva claramente aponta para a importância do olhar sobre a cultura e o mundo social na análise das interações, alinhando o nível 3 de posicionamento às outras duas camadas de análise, como já debatido. Assim, tanto eu quanto Ísis trazemos para nossa negociação de posições algo que está para além da interação, mas que, ao mesmo tempo, faz parte do que obtemos interacionalmente.

Feita a minha tentativa de reposicionar Ísis no mundo da história (nível 1) e no mundo social (nível 3) quando refuto seu posicionamento de vítima na interação (nível 2), creio não ter obtido sucesso num primeiro momento, pois ela prossegue com sua história sobre as manobras que sua mãe tem de fazer para lidar com duas filhas em situações tão diferentes. Daí, a inserção do relato da nutricionista que parece funcionar no sentido de fornecer sustentação para a posição que Ísis confere a sua mãe no mundo da história. Parece-me, que eu própria acabo desistindo de propor uma nova posição para ela quando, na linha 40, concordo com a dificuldade identificada pela nutricionista. Nesse ponto, Ísis engrena a narrativa sobre sua interferência negativa no casamento da mãe (linhas 43-49), em que continua a se construir como a causa de problemas.

Entretanto, quando eu aparentemente desistira de reposicioná-la na interação, Ísis inicia uma narrativa hipotética ao reportar uma conversa que tivera com a mãe em que parece propor uma nova posição para si. Assim, ao imaginar o momento em que estará trabalhando, ela faz planos e se coloca alguns desafios – note-se a repetição da expressão “vou ter que”- que sugerem a conquista de um lugar social menos doloroso, ou pelo menos a disposição para a busca desse lugar. Portanto, creio que nossa interação em que confrontamos posições divergentes sobre alimentação, obesidade e família pode ter contribuído para uma reconfiguração identitária de Ísis frente aos obstáculos que se colocam para um indivíduo obeso.

Considerações Finais

7.1

Respondendo às questões de pesquisa

Num mundo em que o padrão corpóreo desejável tem a magreza como um valor, a exclusão social dos grandes obesos é uma situação que eu já esperava encontrar ao entrar em contato com esse grupo. De fato, esse tema representa um pano de fundo em relação ao qual a quase totalidade das narrativas geradas se reporta. Por meio do relato que me fazem sobre suas dificuldades cotidianas – uso de transportes públicos, conquista de um parceiro, compra de roupas, entre outras – percebo o sofrimento e as “manobras” feitas por essas pessoas para que tenham uma vida comum. Trata-se de um esforço que parece ser justamente o que confere reportabilidade às histórias aqui em questão. Foi essa percepção sobre meus dados, e sobre a breve convivência com os grandes obesos na ONG, que me levou à teorização sobre o estigma (Goffman, 2012[1963], Monteiro et al, 2013), cujas discussões me ajudaram a compreender um pouco do mal-estar relatado pelos obesos para circular num mundo feito para os magros. Assim, a estigmatização é uma espécie de *leitmotiv* das histórias contadas pelos entrevistados, pois perpassa a vida social de forma tão abrangente que desempenha um papel decisivo nas construções identitárias de obesidade que vão se delineando ao longo da investigação.

Por conseguinte, o temor de Marta da catraca do ônibus e do trem, o desconforto de Ísis para frequentar o parque aquático, o recurso de Celso à bebida como forma de inserção social, entre outras situações aqui apresentadas parecem representar a forma como a experiência da exclusão marca a construção de sujeitos para os quais o sofrimento faz parte do cotidiano. Trata-se de um sofrimento diluído, naturalizado, que “não dá trégua” (vide item 5, excerto 1) e que, por isso, acaba sendo até mesmo compreendido, como percebemos na atitude de Ísis ao “justificar” para a amiga a insistência do vendedor de biscoitos. Ademais, as histórias que me foram contadas sugerem que seus narradores

assumiam a discriminação como um dado, o que acabava por representar um norte para grande parte de suas performances identitárias junto a seus interlocutores. Creio se tratar de uma encenação, intencional ou não, do sofrimento daqueles que habitam um corpo não referendado socialmente.

Um exemplo desse fenômeno pode ser observado nos artifícios linguísticos e paralinguísticos - repetição, ênfase - empregados por Valéria ao reportar a fala da vendedora que lhe fornece a informação de não haver roupas para obeso na loja em que fora com sua sobrinha. Outro caso de performance do sofrimento ocorre quando Ísis reforça os termos “acabou” e “arrasada” (linhas 37 e 38 no 1º excerto do item 4) ao relatar os efeitos da atitude do namorado que resolve terminar o relacionamento por causa da obesidade de sua parceira.

Ao atuar sua exclusão na interação, tanto Valéria quanto Ísis extrapolam o conteúdo referencial do que dizem localmente e parecem conseguir junto a seus interlocutores um efeito de reconhecimento da situação desfavorável dos obesos para além da interação. Assim, em consonância com Pennycook (2007) – vide capítulo 4 – a observação das performances narrativas desloca o olhar analítico para os efeitos produzidos pelo discurso, pois insere aquilo que se diz numa rede de significados. Desse modo, a análise dos trechos proferidos por Valéria, por Ísis e pelos demais entrevistados sob o ponto de vista da performance abre o foco para que possamos perceber, como eles reivindicam ser compreendidos, especialmente junto a mim que não vivencio o sofrimento de ser obeso em meu cotidiano. Ou seja, creio que as performances narrativas sejam relevantes porque representam um convite, embora de modo não deliberado, para que eu me desloque de meu ponto de vista, o que nos remete à discussão sobre a legitimidade de teorizar sobre o outro e sobre o lugar do pesquisador numa investigação qualitativa (vide capítulo 2).

Entretanto, não obstante a força do sentido de exclusão do grande obeso que aponta, sobretudo, para a cena macrodiscursiva e que orienta a construção das identidades de obesidade, ocorre que os significados são instáveis e provisórios. Isso se dá porque, dentro de uma compreensão processual e situada do discurso (vide capítulo 3) a localização dos obesos como desprestigiados não deve ser entendida como definitiva, visto que é no fazer discursivo que se travam os embates e as negociações dos significados. Portanto, embora o estigma da obesidade pareça atuar como pano de fundo nas identidades de obesidade aqui

emergentes, é preciso observar se e como ele é contestado. Penso que um caminho promissor para fazê-lo seja atentar à interação. Não se trata aqui de minimizar o impacto da exclusão social dos grandes obesos, mas sim de perceber as reelaborações de sentido, as transgressões e os lugares discursivos inesperados a serem ocupados quando se observa o modo como os sujeitos negociam localmente suas histórias.

Essa perspectiva de focalizar o micro implica em observar as pequenas lutas cotidianas empreendidas por aqueles tradicionalmente compreendidos como estando à margem, o que, novamente, me desloca de meu ponto de vista e vai reconfigurando meu objetivo analítico. Assim, a narrativa de Renata sobre a atitude libertária de expor seu corpo obeso nu no vestiário da escola (1º excerto, item 2), a história de Odete ao se recusar a pagar os danos causados no ônibus (2º excerto, item 3) e a apropriação/reconfiguração feita por Célio de um apelido pejorativo (2º excerto, item 2) parecem exemplificar como, nessas interações, o que emerge como ponto narrativo não é o sofrimento em si, mas sua superação. Como já dito, não se trata de negar os efeitos da discriminação nas construções identitárias dos obesos em questão e sim de observar como esses sujeitos reivindicam ser compreendidos em seu protagonismo quando se analisam histórias nas quais resistem a um lugar a eles atribuído a priori.

A esse respeito, creio relevante recorrer a Ewick e Silbey (2003) que tematizam as narrativas de resistência como ocasiões nas quais uma estrutura social tida como dada é posta em xeque, ainda que temporariamente. Embora não esteja claro se tais resistências podem produzir mudanças institucionais, segundo as autoras, seu efeito pode gerar desdobramentos para além da interação, o que creio ser o caso aqui. Assim, foi ao me deparar com histórias como as de Renata, de Odete e de Célio que percebi a possibilidade de reelaboração sobre o que se pensa sobre as pessoas obesas e foi justamente daí que nasceu minha segunda pergunta de pesquisa. Logo, os lugares que ocupamos na vida social não estão postos de forma irreversível, mas são contestados e reformulados discursivamente.

Portanto, creio que abordar as narrativas como ocasião de confronto de sentidos macro e microdiscursivos reforça uma compreensão do potencial transgressor da linguagem e foi justamente a decisão de trilhar esse caminho que me possibilitou olhar para a construção das identidades de obesidade com um foco para além do estigma.

7.2

Uma palavra final ou o início de um debate transdisciplinar?

Quando esse percurso começou, tudo o que eu tinha era um tema que me inquietava e a disposição de investigá-lo à luz dos pressupostos da pesquisa qualitativa com um estudo de inspiração etnográfica. Vencidas as primeiras dificuldades concretas relacionadas à geração dos dados - como local para a realização da pesquisa e obtenção de consentimento dos pacientes, por exemplo - era preciso, então, definir um suporte teórico que se harmonizasse com minhas reflexões acumuladas desde o curso de mestrado a respeito da linguagem, sobre o modo como ela funciona no mundo e, sobretudo sobre o porquê de se fazer uma articulação entre discurso e obesidade, já que se tratava de um tema não tradicionalmente abordado sob essa perspectiva. Ademais, um questionamento ainda mais abrangente se colocava para mim: como alinhar as discussões teóricas que iriam, certamente, nascer da minha investigação com questões aplicadas.

Penso que um bom caminho de encaminhamento aqui seja retomar alguns pontos debatidos no início desse trabalho a respeito das peculiaridades do fazer interpretativista. Primeiramente, destaco o entrelaçamento entre a reflexão teórica e a prática de pesquisa. Assim, foi durante a geração de dados – ou em função dela – que meu foco foi sendo refinado e meu referencial teórico foi se delineando. Nessa dialética entre prática e teoria, minha inquietação inicial se transformou em perguntas de pesquisa que foram sendo reorganizadas à medida que a investigação avançava. Ademais, claro está que tais perguntas não se pretendem definitivas, pois certamente outras indagações poderão ser propostas por outros pesquisadores de diferentes áreas que tenham acesso a esse estudo e mesmo por mim, ao retomá-lo futuramente. Como acredito que “vemos nos dados de nossa pesquisa o que as teorias que abraçamos nos permitem ver” (Moita Lopes, 2010: 35), aquilo que aqui proponho como análise é fruto de minhas opções teóricas de agora e que poderão vir a ser revistas e/ou aprofundadas. Portanto, as reflexões aqui propostas estão abertas a revisões e pretendem representar um convite a novos olhares analíticos sobre o tema da obesidade.

Em segundo lugar, e como corolário do primeiro ponto, assumi que meu objeto de pesquisa não estava dado à priori, o que me fez atentar ao estigma da

obesidade não como situação definitiva, mas como algo que se fazia e que, portanto, estava aberto a contestações. Assim, embora a questão física seja um dado relevante na exclusão dos grandes obesos - o que se revela na dificuldade com o uso dos transportes públicos, por exemplo - a contestação dessa situação esteve aqui bastante marcada na ordem interacional. Nesse sentido, creio ter contribuído à área dos estudos linguísticos por ratificar a relevância de se estudar a interação na sua correlação com a ordem macrodiscursiva no intuito de contemplar os embates de sentido que marcam a linguagem. Tal articulação entre o micro e o macro foi especialmente destacada quando tematizei a sobreposição dos três níveis de posicionamentos discursivos na análise das configurações identitárias. Ademais, a atitude qualitativa de observar tais configurações com foco na fluidez dos significados me levou a ratificar a relevância dos estudos das narrativas como um caminho promissor para compreender a relação entre as pessoas e delas com o mundo.

Além dos debates aqui trazidos que podem representar contribuições na área dos estudos discursivos, creio que essa investigação também tem a contribuir para questões aplicadas. Não obstante o prestígio do discurso médico que goza de um status de verdade (Foucault, 1979) no que se diz sobre a obesidade, a ideia de dialogar com outras áreas do conhecimento e a disposição de avançar as discussões sobre o tema em termos não estritamente médicos sempre se colocaram para mim como um horizonte a se investir. Isso se dá porque concordo quanto ao potencial engajado e transformador das pesquisas em ciências sociais e pretendo, portanto, que questões teóricas e aplicadas alimentem-se uma à outra. Ademais, a pesquisa interpretativista aponta para os ganhos de uma reflexão multidisciplinar sobre seus objetos de estudo, o que creio ter sido aqui destacado quando recorro a diferentes áreas do saber - sociologia, antropologia, entre outras - com a intenção de lançar um olhar plural sobre o fenômeno da obesidade como construção histórica e social.

Não obstante as limitações, especialmente de tempo para conviver mais longamente na instituição de atendimento aos obesos a fim de conseguir um relato etnográfico mais denso, creio que as reflexões aqui apresentadas podem abrir uma discussão sobre a exclusão social dos grandes obesos em bases que vão além de seu IMC, seus níveis de colesterol etc. Logo, ao trazer a perspectiva de pessoas normalmente vistas como pacientes a serem tratados, esse estudo pretende

destacar que podemos aprender um pouco sobre o trânsito dessas pessoas no mundo. Ainda que sua condição corporal venha a se alterar (e, na verdade, é desejável que se altere do ponto de vista médico), o grande obeso existe e tem de estar incluído, tanto do ponto de vista das políticas públicas de saúde, quanto da sua vida cotidiana. Ou seja, é preciso que escolas, meios de transporte, espaços de lazer estejam fisicamente organizados para receber pessoas de diferentes condições corporais, sem que isso seja para elas motivo de um constrangimento que alimenta a estigmatização e a marginalização de corpos não referendados. Não se trata aqui da celebração da obesidade dentro de uma ideia de aceitação da diferença, mas de uma solicitação de que as políticas de inclusão estejam atentas às peculiaridades da pessoa obesa. Trata-se de alguém que está no mundo e que, portanto, precisa ter sua existência social reconhecida, assim como os negros, os indígenas, entre outros. Sem dúvida, a inclusão - e a integração - dos ditos “diferentes” envolve uma escuta atenta de suas necessidades. Promover essa escuta e tematizar sua relevância parece ter sido um ganho dessa investigação.

Enfim, se o que justifica que contemos uma história é o seu caráter extraordinário, como afirmam os estudiosos das narrativas, espero que avancemos na construção de extraordinários menos dolorosos para todos. Creio que esse estudo possa nos ajudar nessa tarefa.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

AHEARN, L.M. Language and Agency. *Annual Review of Anthropology*, 2001, 30:109-37.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAMBERG, M. Positioning Between Structure and Performance. *Journal of Narrative and Life Story*, 7(1-4), (1997), pp 335-342.

———. Is There Anything Behind Discourse? Narratives and The Local Accomplishments of Identities. In Maiers W., Bayer, B., Duarte Esgalhado, B., Jorna, R. & Schraube, E. (Eds) *Challenges to Theoretical Psychology*, 1999.

———. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In Lopes, L.P.M. e Bastos. (orgs) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. cap.8, p. 149-185.

BASTOS, L.C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais - uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio (UNISINOS)*, São Leopoldo, RGS, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

———. Diante do sofrimento do outro - narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio (UNISINOS)*, v. 6, p. 76-85, 2008.

BASTOS, L.C.; BIAR, L.A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, 31- especial, 2015(97-126).

BAUER, M.W.; GASKELL, G. (ed); tradução de Pedrinho A. Guareschi. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, R. *Story, Performance and Event: Contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

———. *Verbal Art as Performance*. Prospect Heights, IL: Waveland, 1977.

———. Language, Identity and Performance. *Pragmatics* 10:1.1-5, 2000.

BELL, S. Becoming a political woman: the reconstruction and interpretation of experience through stories. In A. Dundes Todd & S. Fisher (Eds.) *Gender and Discourse: the Power of Talk*. p. 97-124. Norwood, NJ: Ablex.

BENWELL, B.; STOKOE, E. *Discourse and Identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press: 2006.

BIAR, L. “Realmente as autoridades veio a me transformar nisso”: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. 2012. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012 Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0812831_2012_Indice.html. Acesso em setembro de 2015.

BLOOMAERT, J. Contexto é/como crítica. In SIGNORINI, I. (org). *Situar a Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2008, p.91-115.

BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (eds) *Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 2001.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Problems and promises of an alternative paradigm. In Brockmeier, J.; Carbaugh, D. (eds.) *Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 2001.

BRUNER, J.S. *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

———. The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry* 18 (Autumn 1991). The University of Chicago. 0093-1896/91/1801-0002\$01.00.

BUTLER, J. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. In S. Case (Ed.), *Performing feminisms: Feminist critical theory and theatre*. (pp. 270-282). Baltimore, MD: John Hopkins University Press, 1990.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

CORTAZZI, M.; JIN, L. Evaluating Evaluation in Narrative. In HUNSTONS, S.; THOMPSON, G. (eds), *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. New York: OUP, 1999. cap.6, p.102-120.

DAVIES, B ; HARRÉ, R. The Discursive Production of Selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20 (1), (1990) pp. 43-63.

DEPPERMAN, A. Positioning in narrative interaction. *Narrative Inquiry* 23: 1(2013), pp 1-15. John Benjamins Publishing Company.

DE FINNA, A. *Identity in Narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 2003.

DE FINNA, A.; SCHIFFRIN, D. & BAMBERG, M (eds) *Discourse and Identity*. Cambridge: CUP, 2006.

DE FINNA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Introduction: narrative analysis in the shift from texts to practices. *Text and Talk* 28-3 (2008), pp 275-281.

DE FINNA, A. Who tells which story and why? Macro and micro contexts in narrative. *Text and Talk* 28-3 (2008), pp 421-442.

———. Positioning level 3: connecting local identity displays to macro social processes. *Narrative Inquiry* 23: 1(2013), pp 40-61. John Benjamins Publishing Company.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. “O quando” de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. cap 8, p. 215-234.

EWICK, P.; SILBEY S. Narrating social structure: stories of resistance to legal authority. *AJS*, Volume 108 number 6 (May 2003): 1328-72. The University of Chicago.

FABRICIO, B.F.; BASTOS, L.C. Identidade de grupo: a memória como garantia do nós face ao outro . In: Maria das Graças Dias Pereira; Clarissa Rollin Pinheiro Bastos; Tânia Conceição Pereira. (Org.). *Discursos sócio-culturais em interação: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, v., p. 39-66.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIGUEIRA, M.L.M.F. A revista *Capricho* e a produção de corpos adolescentes femininos. In LOURO, L. L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (orgs) *Corpo, Gênero e Sexualidade: um Debate Contemporâneo da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. cap. 9, p. 124-135.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

———. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

———. *A Ordem do Discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

———. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luís Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARCEZ, P.M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In RIBEIRO, B.T.; LIMA, C.C.; DANTAS, M.T.L. (orgs) *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

GARRIDO JÚNIOR, A.B. O Papel da Cirurgia no Tratamento da Obesidade. In Alfredo Halpern e Márcio Mancini *Manual de Obesidade para o Clínico* (pp.243-260). São Paulo: Roca, 2002.

GERGEN, M.M. & GERGEN, K.J. Investigação Qualitativa: tensões e transformações In DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 366-388.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.

———. A situação negligenciada. In RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P.M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002[1964]. cap. 1, p. 13-20.

———. “Footing”. In RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P.M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002[1979]. cap. 5, p. 107-148.

———. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009 [1959].

———. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012[1963].

———. *Ritual de Interação: Ensaio sobre o Comportamento Face a Face*. Petrópolis: Vozes, 2012[1967].

GUMPERZ, J.J. Language, communication and public negotiation. In P.R. Sanday (Org), *Anthropology and the public interest*, 273-292. New York: Academic Press, 1976.

HALPERN, A. & MANCINI, M.C. *Manual de Obesidade para o Clínico*. São Paulo: Roca, 2002.

HARPER, A.E. Killer French fries: the misguided drive to improve the American diet. In *Sciences*, 28(1): 77-91, 1988.

HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. *Positioning Theory: Moral Contexts of Intentional Action*. Great Britain: Blackwell, 1999.

HOLLWAY, W. Gender difference and the production of subjectivity. In J. Henriques, W. Hollway, C. Urwin, C. Wenn & V. Walkerdine (Eds.) *Changing the subject: Psychology, social regulation and subjectivity* (pp.227-263). London: Methuen, 1984.

HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LABOV, W.; WALETSKY, J. *Narrative Analysis. Oral Versions of Personal Experience*. In J. Helm (Ed), *Essays on the Verbal and Visual Arts* (pp.12-44) Seattle: University of Washington Press, 1967. [reimpresso em *Journal of Narrative and Life History*, 7, 1997, 3-38].

LABOV, W. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

———. *The Language of Life and Death. The Transformation of Experience in Oral Narrative*. Cambridge: CUP, 2013.

LANGELLIER, K.M. “You’re marked:” Breast cancer, tattoo, and the narrative performance of identity. In J. Brockmeier & D. Carbaugh (Eds.), *Narrative and identity: Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins: 2001. cap.8, p.145-184.

LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. 2 ed.- Campinas, SP: Papirus, 2007.

LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. 6.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LINCOLN, Y.S.; DENZIN, N.K. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In DENZIN, N.K; LINCOLN, Y. S (Org). *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. cap.14, p.389-406.

LINDE, C. *Life Stories. The Creation of Coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

LOLI, M.S.A. *Obesidade como Sintoma. Uma Leitura Psicanalítica*. São Paulo: Vetor, 2000. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G.L. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, G.L. (Org) *O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUPTON, D. *The Emotional Self. A sociocultural exploration*. University of Sydney, Australia: Sage, 1998.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder* Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Introdução, p.VII-XXIII.

MACINTYRE, A. *After Virtue: a Study on Moral Theory*. Notre Dame, 2007.

MISHLER, E.G. *The Discourse of Medicine: Dialectics of Medical Interviews*. Norwoods, NJ: Ablex Publishing Corporation, 1994.

———. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Harvard: Harvard University Press, 1991.

———. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In MOITA LOPES, L.P. ; BASTOS, L.C. (orgs) *Identidades: Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. cap. 5, p. 97-119.

MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Linguística Aplicada. A natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino/Aprendizagem de Línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

———. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M.T.L. (orgs) *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

———. *Identidades Fragmentadas: a Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MONTEIRO, S. et al. Produção acadêmica recente sobre estigma, discriminação, saúde e Aids no Brasil. In MONTEIRO, S.; VILELA W. *Estigma e saúde: uma relação vital em debate*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. cap. 3, p.61-80.

PARKER, R. Interseções entre estigma, preconceito e discriminação na saúde pública mundial. In MONTEIRO, S.; VILELA W. *Estigma e saúde: uma relação vital em debate*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. cap. 1, p. 25-46.

PENNYCOOK, A. *Global Englishes and Transcultural Flows*. New York: Routledge, 2007.

———. *Language as a Local Practice*. London and New York: Routledge, 2010.

PITTAM, J. The Historical and emergent enactment of identity in language. *Research on Language and Social Interaction*, 32 (1&2), 111-117, 1999.

RAMOS, A.V. et al. The contribution of FTO and UCP-1 SNPs to extreme obesity, diabetes and cardiovascular risk in Brazilian individuals. *BMC Medical Genetics* 2012, 13:101. <http://www.biomedcentral.com/1471-2350/13/101>.

RASKOWSKI, A. Considerações Clínicas do Obeso Mórbido. In Alfredo Halpern e Márcio Mancini *Manual de Obesidade para o Clínico* (pp.223-241). São Paulo: Roca, 2002.

RIESSMAN, C.K. *Narrative Analysis*. Newbury Park: SAGE, 1993.

RICHARDS, K. *Qualitative Inquiry in TESOL*. New York: Palgrave Macmillan, 2003

RICOEUR, P. Narrative time. *Critical Inquiry*, 7 (1), 1980, pp. 169-190.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In ATKINSON, J.M. & HERITAGE, J. *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SCHIFFRIN, D. Tense variation in narrative. *Language*, 57(1), 45-62, 1981.

SEARLE, J.R. *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SCHWANDT, T.A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In DENZIN, N.K; LINCOLN, Y. S (Org). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (pp.193-217). Porto Alegre: Artmed, 2006. cap. 7, p.193-217.

SPRADLEY, Y.J. *Participant Observation*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

TIRADO, F.; GÁLVEZ, A. Positioning Theory and Discourse Analysis: Some Tools for Social Interaction Analysis. *FQS Forum: Qualitative Social Research Sozialforschung* Volume 8, No. 2, Art. 31 – May 2007. Disponível em <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/248/547> acesso em 28/04/15.

VAN LANGENHOVE; HARRÉ, R. Cultural Stereotypes and Positioning Theory. *Journal for the Theory of Social Behavior* 24:4, (1995) pp. 359-372.

VIDICH, A.J.; LYMAN, S.M. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. (org). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. cap. 2, p.49-90.

WOODWARD, K. *Identity and Difference*. London: Sage, 1997

ANEXO 1

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Tempo

...	pausa não medida
(.)	pausa de menos de 2 décimos de segundo

Aspectos da produção da fala

.	entonação descendente
?	entonação ascendente
,	entonação intermediária, de continuidade
-	parada súbita

<u>Sublinhado</u>	ênfase em som
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[]	fala sobreposta

Formatação, comentários, dúvidas

()	fala não compreendida
(())	comentário do analista, descrição de atividade não vocal

Outros

“palavra”	fala relatada
-----------	---------------

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Claudia Almada Gavina da Cruz, doutoranda em Estudos da Linguagem na PUC Rio, responsável pela pesquisa “A Construção Social da Obesidade” (título provisório), convido você a participar como voluntário nesse estudo.

Meu objetivo é investigar de que maneira a obesidade é construída no discurso e será importante para ajudar na compreensão sobre a vida do obeso no mundo social. Nesse estudo, você será solicitado a participar de entrevistas, dinâmicas de grupo e, possivelmente, responder a um questionário.

Durante o período da pesquisa, você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir esclarecimentos, bastando para isso entrar em contato comigo, assim como de se retirar a qualquer tempo.

As informações dessa pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários.

Autorização:

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura _____ do _____ voluntário:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e

Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE:

Dados dos pesquisador:

nome

e-mail

endereço